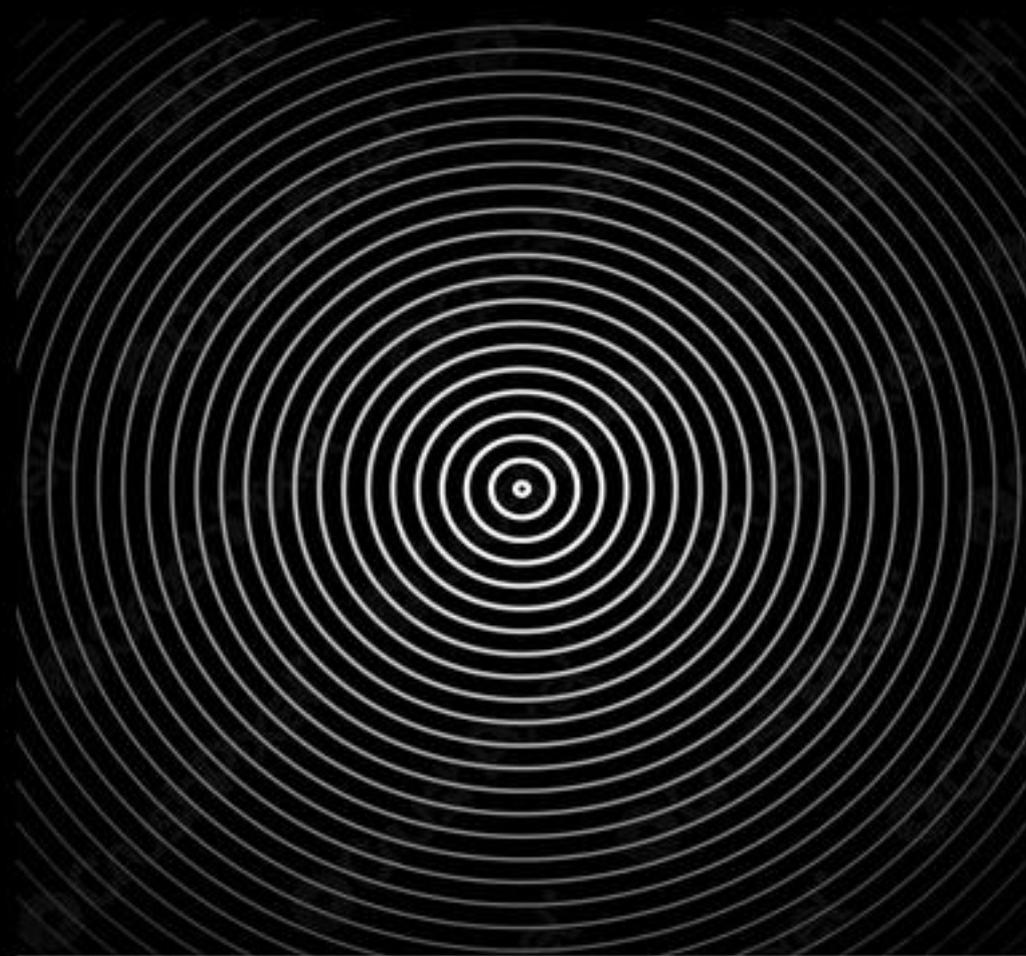


APRENDIZAGEM
MEDIÚNICA
HIPNOTISMO E OBSESSÃO



LUIZ GONZAGA PINHEIRO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

APRENDIZAGEM
MEDIÚNICA:
HIPNOTISMO E OBSESSÃO

Luiz Gonzaga Pinheiro

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado aos amigos e amigas que abraçaram a mediunidade e dela fazem a inspiração maior de suas vidas.

Índice

1. Introdução
2. O hipnotismo
3. O vampirismo
4. A regressão de memória
5. O uso de tecnologia pelos desencarnados
6. Anotações sobre o ódio
7. Apontamentos sobre o amor
8. Conclusão

1. INTRODUÇÃO

Todos sabem que a aprendizagem é um processo constante em nossas vidas. Ninguém sabe tudo ou desconhece tudo. A Doutrina Espírita sabiamente esclarece que o Espírito parte da simplicidade do desconhecimento para a sabedoria ainda incompreensível para nós que apenas iniciamos nas primeiras letras do alfabeto evolutivo.

Nessa caminhada o conhecimento é uma ferramenta indispensável em qualquer campo de atividade humana. Na mediunidade, onde se trabalha com o palpável e também com o não mensurável, mais exigente é a aquisição de conhecimentos, a fim de que o trabalhador espírita possa desempenhar sem equívocos as tarefas exigidas para sua missão.

Não há médiuns razoáveis sem o estudo sobre si mesmo e sobre a faculdade que lhe foi confiada. Bons médiuns são raros, pois sabe-se que uma das suas primeiras necessidades é evangelizar a si próprio. No campo moral, onde nossas conquistas são milimétricas, está o principal entrave da nossa caminhada.

Todavia, santificar-se não é tudo. O Espiritismo adverte que o amor e a instrução são as asas de que o Espírito precisa para chegar à casa do Pai. Não convém, portanto, tentar aproximação de Deus apenas com louvações demoradas deixando a ferramenta ao sabor da ferrugem. Amamos a Deus através do próximo. Se alguém apenas canta e dança em homenagem ao Santíssimo, assemelha-se ao pássaro de asa quebrada condenado a arrastar-se na terra.

A mediunidade é uma missão que nos é confiada para que a façamos germinar como a boa semente em solo fértil. Primeiro é preciso conhecê-la, entendê-la, educá-la para então colocá-la à disposição de nossos instrutores. Para tanto é essencial o seu estudo metódico e permanente. O Estudo é como a pedra de toque que mantém a ferramenta sempre afiada. Uma ferramenta bem cuidada rende maior cota de trabalho com mais segurança e menos desgaste.

Sob o argumento de que ainda não atingimos os grandes dons ou os grandes feitos não entreguemos a nossa ferramenta à ferrugem. Cada trabalhador tem a sua parcela de ação, mínima que seja, no plano de Deus para fazer florescer a Terra. Se sabemos apenas empunhar uma vassoura, que a usemos em benefício de todos, pois na seara de Deus não existe meu nem teu, mas nosso. Seja lá o que soubermos fazer que o façamos bem, ou seja, de todo o coração. E se não soubermos nada, desculpa de alguns, que tratemos urgente de adquirir conhecimentos que nos possibilitem alistamento entre os trabalhadores do Senhor.

Foi visando auxiliar aos companheiros da área mediúnica que escrevi este trabalho. Que ele possa gerar algum fruto no pomar dos nossos corações.

2. HIPNOTISMO

Resumo histórico

O hipnotismo tem suas origens ligadas aos nossos mais remotos ancestrais. Velho conhecido dos iniciados egípcios, caldeus, hindus, dentre outros, tinha eficiente aplicação nas mais variadas patologias, diferindo dos métodos atuais mais pela nomenclatura que pelas técnicas empregadas. Seus praticantes eram tomados à conta de feiticeiros, santos, anjos ou demônios, a depender dos milagres ou diabruras que realizavam.

Dentre os povos antigos alguns se destacaram na pesquisa e na prática dessa *magia*. O Egito faraônico, cujos sacerdotes eram exímios pesquisadores dos fenômenos psíquicos, dedicou alguns templos aos sonhos. Nestes os *pacientes* recebiam sugestões terapêuticas enquanto dormiam para que as executassem em estado de vigília. Gravuras e papiros daquela época descrevem instruções técnicas de hipnotização e mostram sacerdotes induzindo pacientes ao transe hipnótico.

Na Grécia, em Epidaurus, faziam-se romarias ao templo do Deus da Medicina, no qual os peregrinos eram tratados pelos sacerdotes com técnicas de hipnose. Sugestionados, os visitantes saíam cientes de que Esculápio lhes haviam ditado os prováveis meios de cura.

Os taumaturgos caldeus, igualmente praticavam o hipnotismo com finalidades terapêuticas, fazendo de seus santuários pontos de aconchego para o alívio da dor..

Como resultado da ação hipnótica ou da auto-hipnose podemos explicar a anestesia dos mártires, que sofriam torturas e flagelações sem apresentarem sinais de sofrimento. Os métodos da Yoga chamam a atenção pela superação da dor, da fome, do frio e de outras necessidades humanas. Hindus, chineses e tibetanos conhecem e praticam a hipnose em suas práticas religiosas há muitos séculos.

De Avicena, a Paracelso, de Richard Middletown que elaborou um tratado sobre fenômenos hipnóticos em plena idade média, a Gassner, jesuíta que realizava curas espetaculares através da hipnose, chegamos a Mesmer.

Vale ressaltar que Gassner, sendo jesuíta, para não ter a reprovação da Igreja, dizia praticar o exorcismo, escondendo desta seus métodos hipnóticos. Era crença comum a sua época, fruto da ignorância e do fanatismo religiosos, interpretar a doença como uma possessão demoníaca. Gassner aproveitando-se da ingenuidade popular e da prepotência da Igreja, que julgava tudo fiscalizar e dominar com eficiência, dizia retirar o demônio com técnicas exorcistas.

A título de ilustração descrevemos o relato de um médico que assistiu a uma de suas sessões de *exorcismo*, levada a efeito para curar uma jovem camponesa: *Entrando de maneira dramática no aposento, o padre Gassner tocou a jovem com um crucifixo, e essa, como que fulminada, caiu ao chão em estado de desmaio. Falando-lhe em latim, a paciente reagiu instantaneamente. À ordem de “Agitatur bracium sinistrum”, o braço esquerdo da jovem começou a mover-se num crescendo de velocidade. E ao comando tonitroante “Casset!”, o braço se imobilizou voltando à posição anterior. Ato contínuo, o padre lhe sugere que está louca, e a jovem, com o rosto horrivelmente desfigurado, corre furiosamente pela sala, manifestando todos os sintomas característicos da loucura. Bastou a ordem enérgica “Pacet!” para que ela aquietasse como se nada houvesse ocorrido de anormal. O padre Gassner nessa altura lhe ordena falar em latim, e a jovem pronuncia o*

*idioma que, certamente, lhe era desconhecido. Finalmente, Gassner ordena à moça uma redução nas batidas do coração. E o médico constata uma diminuição na pulsação. Ao comando contrário, o pulso se acelera, chegando a 120 pulsações por minuto. Em seguida, a jovem estendida no chão, recebe a sugestão de que suas pulsações se iriam reduzir cada vez mais, até cessarem completamente. Seus músculos se iriam relaxando totalmente e ela morreria, ainda que apenas temporariamente. E o médico, espantado, não percebendo sequer vestígios de pulso ou de respiração, declara a jovem morta. O padre Gassner sorri confiante. Bastou uma ordem sua para que a jovem tornasse gradativamente à vida. E com o demônio devidamente expulso do seu corpo, a moça, sentindo-se como que nascida de novo, desperta e agradece sorridente ao padre o milagre de sua cura. (extraído do livro *O Hipnotismo*, de Karl Weissmann).*

Os estudos modernos que deram base científica aos fluidos e ao magnetismo tiveram impulso com Paracelso, autor do conceito e da teoria do fluido, e a Mesmer, médico formado em Viena.

Mesmer considerava o fluido como o meio de influência mútua entre os corpos celestes e a Terra. Para ele o fluido preenchia todos os espaços vazios, recebendo, propagando e comunicando todas as impressões do movimento. *O corpo animal experimenta os efeitos desse agente: e é insinuando-se na substância dos nervos que ele os afeta imediatamente.* Na sua tese, *Influência dos astros na cura das doenças*, defendida na Universidade de Viena, apoia e defende o fluidismo universal, princípio através do qual explica que as enfermidades decorrem da ausência desse fluido no organismo, elevando-o à categoria de essência da vida.

Sua teoria está embasada em 27 proposições escritas por ele, utilizadas na sua prática médica como referenciais para o tratamento de seus pacientes. Quando começou a clinicar Mesmer não tinha grandes preocupações com o caráter científico, fato que desagradou a inúmeros defensores da medicina tradicional. Seus métodos nada ortodoxos, seu aparato teatral, a forma bizarra como se apresentava, influenciavam os pacientes, mas enfureciam os “impacientes” colegas médicos que perdiam clientes para ele e não acreditavam na eficiência de sua terapia.

As experiências de Mesmer chamaram a atenção de pesquisadores sérios que resolveram investigar o fenômeno inusitado. Dentre eles destacou-se o Marquês De Puységur, que ao magnetizar um camponês que sofria de uma moléstia pulmonar o levou a um estado de sono e repouso, no lugar das costumeiras convulsões apresentadas por Mesmer. O paciente, Vitor Race, parecia dormir, no entanto, movia os lábios e falava de maneira mais inteligente que o normal, chegando mesmo a receitar um tratamento para sua própria doença que, ministrado, foi coroado de pleno êxito. Estava descoberto o sonambulismo. A partir de então, Mesmer e Puységur passaram a utilizar métodos de cura diferentes, embora centrados no mesmo princípio. O primeiro insistia com seus métodos teatrais provocando crises nervosas, convulsões, choros e desmaios. O segundo, seu discípulo, contrariamente, a sugerir paz, serenidade, ausência de dor e um estado ulterior de tranquilidade e bem-estar. Dali para diante, a metodologia de Puységur seria uma norma usual nos casos de hipnotismo com objetivos de cura. Das experiências desse mestre vieram à tona os fenômenos de visão à distancia e através de corpos opacos hoje estudados na prática mediúmica, notadamente no campo do desdobramento ou projeção da consciência.

A Academia de Paris, convocada por Luís XVI para opinar sobre o magnetismo, formou uma comissão composta por Lavoisier, Bailly e Benjamin Franklim, embaixador americano em Paris, para que emitisse parecer sobre a nova maneira de exercer a medicina.

Como a pedido de Mesmer a Academia havia recusado anteriormente a investigar-lhe as práticas medicinais, ele não aceitou colaborar desta feita com os citados cientistas. Sem se importar com a falta de cooperação do médico, atitude que apenas fortaleceu a desconfiança da comissão quanto a eficiência dos métodos a serem analisados, a equipe fez sua observação através de demonstrações de alunos que, tomando o lugar do mestre, defenderam a tese do magnetismo de maneira incompleta e insuficiente. A comissão, por sua vez, tomando o lugar de pacientes na “Tina das convulsões”, ampla caixa de madeira de forma circular com dimensões gigantes e entulhada de limalhas de ferro, ao redor da qual todos se davam as mãos formando um anel de força, nada sentiu, mesmo porque estava condicionada a não crer na eficiência do método. Diante do resultado obtido deu parecer condenatório às experiências ali praticadas, taxando Mesmer de embusteiro.

Esse duro golpe em Mesmer fez com que ele abandonasse Paris e, tão desgostoso ficou com o resultado apresentado pela comissão que, ao mudar-se para Inglaterra, ocultou seu verdadeiro nome, voltando para a Áustria posteriormente, lá morrendo abandonado pelos que antes o admiravam.

Todavia, quando uma idéia é verdadeira, nada é capaz de barrar-lhe o curso. Continuaram as experiências sobre o magnetismo o Barão Du Potet e Carlos Lafontaine, ambos escritores e apresentadores de espetáculos públicos, nos quais exibiam os resultados das investigações que faziam.

Aproveitando a descoberta de Puységur, por quem foi estimulado a pesquisar o fenômeno do sonambulismo, o padre português José Custódio de Faria, que ficou conhecido na França como o Abade Faria, desvinculou o hipnotismo de todas as credences e práticas vigentes, estabelecendo que o mesmo tinha como base a sugestão, que seria aceita ou não por parte do paciente. O método do Abade Faria não difere muito dos atuais, pois além de tomar como base a sugestão, desvincula hipnose de sono. O Abade recomendava um relaxamento muscular e, fitando os olhos do paciente, emitia repetidamente a ordem de dormir.

Ao contrário daqueles que admitiam no hipnotismo uma influência magnética do hipnotizador, ele foi o primeiro hipnotista a identificar o lado subjetivo do fenômeno e a explicar que o transe se produzia e podia ser explicado em função do hipnotizado, acabando com a crença nas forças misteriosas e sobrenaturais que envolviam o fenômeno.

Como guerreiro seguinte lutando a favor do magnetismo, entra em cena o Dr. John Ellioston, uma das maiores figuras da medicina britânica. Professor universitário, introdutor do estetoscópio na Inglaterra, esse cientista passou a utilizar o então chamado sono magnético para fins cirúrgicos e psiquiátricos. Naturalmente, os “donos do saber”, acadêmicos estrábicos e presunçosos, voltaram-se contra ele advertindo-o para não praticar *atos indignos de um verdadeiro cientista*. Como resposta a arrogância de seus amigos médicos, pediu demissão do hospital, ocasião em que escreveu esta pérola do pensamento científico: *A Universidade foi estabelecida para o descobrimento e a difusão da verdade. Todas as outras considerações são secundárias. Nós devemos orientar o público e não deixar-nos orientar por ele. A única questão é saber se a coisa é ou não verdadeira*. Dito isso, fundou seu próprio hospital, o “Mesmeric Hospital” em Londres, que serviu de modelo para outros que se sucederam em vários países. Data dessa época, na Alemanha, na Áustria, na França, nos Estados Unidos, dentre outros países, as operações cirúrgicas efetuadas sob o efeito de hipnose, onde os pacientes se deixavam cortar sem o emprego de nenhum anestésico e sem sentirem dor. Esdaile, médico escocês, utilizando o método de Ellioston, veio a tornar-se o pioneiro na luta pelo reconhecimento dessa técnica cirúrgica,

chegando mesmo a promover amputações sob “sono magnético”. Todavia, o mesmerismo continuava sendo interpretado como embuste e seus defensores como impostores, mesmo diante das inumeráveis curas e testemunhos irrefutáveis.

Alertamos aos leitores que até 1841, data do início dos estudos do Dr. James Braid, todas as técnicas hipnóticas eram tratadas como oriundas do magnetismo animal. Braid ao observar como Lafontaine utilizava a fascinação ocular como indução para o transe, concluiu que a causa do mesmo seria o cansaço visual. Interessando-se pelo fenômeno, tomou sua esposa e, posteriormente, dois amigos como *sujets* e ordenou a cada um deles que fixasse o olhar em um gargalo de vaso ornamental. Os três entraram em transe e a tese do cansaço visual passou a ser admitida como verdadeira. Entendendo que o transe assemelhava-se a um estado de sono, Braid o chamou de hipnotismo devido ao vocábulo grego hipnos significar sono, passando assim à história como o pai do hipnotismo, ou pelo menos, do batismo desse fenômeno. Deve-se a esse médico a descoberta dos estados de catalepsia e de letargia, fato que ampliou o horizonte de pesquisa e de interesse do agora, hipnotismo.

Em 1864, um médico francês chamado Liébeault, ao tomar contato com a obra de Braid resolveu estudá-la e colocar em prática suas idéias. Esse médico calmo, humilde e caridoso teve o mérito de conquistar a confiança e a simpatia dos seus pacientes, estabelecendo um relacionamento amigável através de uma conduta ética que muito facilitava no tratamento. O grau de confiança que os pacientes tinham na sua competência humana e profissional funcionava como mais um componente a contribuir positivamente para a cura. Diante de um cliente qualquer ele propunha tratá-lo através da hipnose gratuitamente, caso contrário, utilizando o método tradicional, o tratamento deveria ser pago. Liébeault, ao ressaltar a influência do psíquico sobre o físico na hipnose recebeu de grande número de historiadores o título de pai do hipnotismo científico.

Em 1878 Charcot, neurologista chefe do hospital *Salpêtrière*, em uma série de conferências proferidas em seu local de trabalho habilmente procurou vincular todos os fenômenos magnéticos ao hipnotismo, fato que tornou as experiências antes rejeitadas em fatos dignos de pesquisa. Uma pequena bajulação à classe médica, uma mudança de nome e eis que o magnetismo volta triunfante com entrada franca nas academias. Como Charcot lidava exclusivamente com histéricas internadas no hospital em que trabalhava chegou a apressada conclusão de que o hipnotismo é uma nevropatia de caráter automatista que se manifesta através de três fases distintas: catalepsia, letargia e sonambulismo. Com essa afirmação o hipnotismo perdeu parte do crédito que já conquistara retrocedendo ao campo das patogenias. Nota-se também que Charcot tomou a parte pelo todo quando apontou o hipnotismo como sendo “o fenômeno” e não o magnetismo. O hipnotismo é apenas um capítulo do magnetismo, este sim, o fenômeno.

A partir de então as duas escolas francesas, a da *Salpêtrière* defendida por Charcot e a de Nancy, representada por Liébeault, passaram a dominar o cenário francês. Posteriormente Charles Richet, catedrático da Universidade de Paris, ao relatar suas pesquisas na área fisiológica e psicológica fez com que Charcot voltasse a estudar com profundidade o hipnotismo, na tentativa de entender toda a sua complexidade.

Com o surgimento da psicanálise o hipnotismo ficou um pouco esquecido, retornando há algum tempo, principalmente na área psicológica com todo o seu vigor devido a própria psicanálise e a sua teoria do inconsciente, ou seja, ao conjunto dos processos e fatos psíquicos que atuam sobre a conduta do indivíduo, mas escapam ao âmbito da consciência e não podem a esta ser trazidos por nenhum esforço da vontade ou

da memória, aflorando, entretanto, nos sonhos, nos atos falhos, nos estados neuróticos ou psicóticos. Isto é, quando a consciência não está vigilante.

Informações sobre a hipnose

Para os leigos a hipnose é o resultado da ação direta do hipnotizador sobre a vontade do *sujet*, ou seja, de uma vontade mais forte sobre outra mais frágil. Todavia, afirmam os técnicos em tal ciência que o *sujet* é vencido por sua própria vontade, a qual se confunde ou entra em choque com a vontade do hipnotizador.

Para explicar como se dá o transe precisamos considerar algumas variáveis nele envolvidas, tais como: **relaxamento, concentração, sugestão, monotonia, repetição e sintonia.**

O relaxamento muscular provoca um estado de calma no organismo, induzido pelo cérebro, ao promover a liberação de endorfinas, cujo efeito é um bem-estar orgânico e mental. Paralelamente, aumenta a sugestibilidade, diminui o senso crítico, predis põe o indivíduo à imaginação, ao *maravilhoso*, e, por tudo isso, acelera a entrega do comando mental do *sujet* às mãos do hipnotizador. Somos adeptos do menor esforço em nossas relações. Ora, sendo o relaxamento muscular um estado que naturalmente envolve o indivíduo em suave bem-estar, no que ele se esforça para mantê-lo, torná-lo estável, é natural que venha a abdicar da luta contra uma possível censura às ordens que recebe, fato que exigiria dele a renúncia ao bem-estar em que se encontra. Por isso as sessões de hipnose geralmente são iniciadas com o pedido de relaxamento muscular. Nesse caso, a lei do menor esforço nos sugere que, tendo que decidir entre pensar “contra”, atitude que exige esforço na busca de argumentação e defesa, não pensar ou simplesmente pensar de acordo com as idéias que nos são sugeridas, devemos renunciar ao confronto, desde que tais idéias não entrem em choque com nossas convicções íntimas, sobretudo, as morais, a fim de mantermos o estado acolhedor em que nos encontramos. Todavia, pode haver hipnose sem relaxamento de vez que pessoas são hipnotizadas em pé ou em outras situações, desde que sejam suficientemente sugestionadas. Isso nos leva a crer que o relaxamento é um fator concorrente, e não, determinante do transe hipnótico.

A hipnose tem como componente indispensável a concentração. Sob intensa concentração o indivíduo não percebe o que ocorre ao seu redor devido estar envolvido por inteiro em um único ponto que lhe interessa. Poderíamos dizer que a concentração intensa bloqueia em parte o consciente, devido o pensamento atual situar-se em local e época determinado pelo indivíduo em sua concentração. O gênio, em seus estudos, consegue abstrair-se de tudo ao seu redor permanecendo horas no mundo que momentaneamente constrói. Lembro-me de uma piada que meu professor de Física contou sobre Einstein, afirmando que esse cientista costumava pensar sobre suas teorias enquanto se deslocava pelas ruas em direção ao local de trabalho. Einstein caminhava tranqüilamente quando foi abordado por um de seus alunos que, cumprimentando-o, o *despertou* do transe em que estava mergulhado, ocasião em que perguntou ao jovem: você sabe dizer se eu vinha nesse ou naquele sentido? Naquele, respondeu o jovem. Então eu já almocei, respondeu Einstein, agradecendo ao aluno e retomando a sua caminhada. A concentração exacerbada pode ser constatada em seus efeitos através de fatos cotidianos. Quando alguém está apaixonado tem em foco apenas a pessoa amada, não visualizando, mesmo que insistam em mostrá-lo, os defeitos e más inclinações do seu amor. Concentrado em sua paixão, “ausenta-se” da realidade que o cerca, passando a atender as vontades de quem ama como se fossem as suas

próprias. Em resumo, já não é mais a mesma pessoa, pois toma as virtudes alheias como se fossem as suas. Nesse estado de desvio da realidade ele mata ou morre, ciente de que faz o que deve ser feito.

Esse mesmo tipo de comportamento observa-se no indivíduo que foi hipnotizado com o objetivo de fazer uma cirurgia sem anestesia. No estado de concentração em que se encontra, “ausente” do evento que ora transcorre, ele praticamente não se importa com a cirurgia pois em verdade, nem *toma conhecimento dela*.

Sugestão é o ato de sugerir, estimular, instigar. Sob sugestão um indivíduo age conforme a inspiração de outro, atendendo-lhe as vontades por meio de ordens ou instruções. Nesse estado, sugestionado, o indivíduo aceita até mesmo fatos imaginários como sendo reais, permanecendo convicto, enquanto dura o transe, de que tudo caminha naturalmente dentro da lógica e do bom senso. A sugestão hipnótica pode ser utilizada no tratamento de viciados quando estes queiram realmente deixar seus vícios, pois determinados hábitos já arraigados ao organismo ou à personalidade tais como a cocaína e o egoísmo, necessitam bem mais que sugestões para serem erradicados. Vícios de natureza moral para serem debelados, o orgulho, por exemplo, exige o cultivo de métodos educativos e moralizadores, vontade firme, convencimento por parte de quem o possui das vantagens de ser humilde. A sugestão hipnótica agindo de fora para dentro pode convencer momentaneamente, enquanto dura o transe. A auto-sugestão, a vontade firme de mudança de hábitos, atuando de dentro para fora, pode modificar o ser em definitivo, desde que ele persevere na busca do seu objetivo. O certo é que, sem sugestão não há hipnose, pois é esta que condiciona o *sujet* a estabelecer uma sintonia com o desejo do hipnotizador.

A monotonia, o ritmo lento e pausado, com o qual a sugestão é apresentada, precisa casar-se à monotonia interna do *sujet*, para a partir de então, projetar sobre o hipnotizador os efeitos hipnóticos característicos desse estado. Isso feito, ele começa a entregar as rédeas da sua vontade, pois já não é dono da sua auto-crítica por inteiro e está apto a liberar suas fantasias. Para alguns autores o fenômeno hipnótico pode ser explicado através dessa projeção, da qual o hipnotizador se aproveita para selecionar e utilizar os argumentos que melhor se adequem ao objetivo do ato que transcorre. A sugestão é a alavanca que remove as barreiras protetoras da mente, cuja função é impedir a invasão de uma idéia persistente. Rompida tais barreiras a idéia é aceita e o hipnotizador assume o comando. Vale aqui ressaltar que a monotonia ajuda no relaxamento e ambos induzem um estado de *passividade* que agrada ao *sujet*. Tal *passividade* é apenas aparente pois mentalmente o hipnotizado está desperto, com seu nível de censura atuante, pronto para colaborar com o hipnotizador porque foi por este conquistado, seduzido, e não subjugado, o que anularia a sua censura.

Para que a hipnose tenha êxito é necessário que o *sujet* tenha certeza da seriedade da experiência e de que nada de negativo lhe ocorrerá durante e após o transe. Partindo desse princípio o hipnotizador precisa convencer àquele que hipnotiza das vantagens advindas do processo a que ele se submete. Dizem alguns estudiosos do hipnotismo que *hipnotizar é convencer e convencer é sugestionar, ou seja, só sugestiona quem convence e só quem convence hipnotiza*.

Todos somos mais ou menos sugestionáveis. O mundo da propaganda *hipnotiza* milhões de pessoas diariamente com suas sugestões. Décadas atrás surgiu nos Estados Unidos o Hipnotismo Comercial. A *Subliminal Projection Company*, entidade publicitária, utilizando uma projeção subconsciente que consistia de frases-relâmpago tais como, “beba Coca-Cola”, exibidas em intervalos regulares durante a projeção de um filme, conseguiu

umentar a venda de alguns produtos em mais de 50%. A duração da exibição da frase na tela era de apenas décimos de segundo, mas, tão diminuto tempo, que não chegava a prejudicar a seqüência do filme nem permitia que o espectador percebesse conscientemente a mensagem transmitida, foi capaz de direcionar a ordem embutida na mensagem ao subconsciente do mesmo, à semelhança do processo utilizado na hipnose. Nesse caso, a repetição da idéia bombardeando sucessivamente o subconsciente gerava a necessidade de comprar o produto.

A repetição vence as resistências do *sujet*, principalmente daqueles dotados de frágil senso crítico. A idéia invasora se insinua lentamente e vai ganhando espaço à medida que não encontra resistência a altura. Junto com a idéia vem a vontade do hipnotizador que, através da constância com que se impõe termina por dominar a que se lhe submete. Corrobora com a repetição de uma ordem ou pedido a ser aceito o fato comprovado de que todos temos uma tendência ancestral para a obediência. Faz parte da evolução biológica do cérebro, suas partes comandarem diferentes funções. No tronco cerebral e no seu envoltório manifestam-se as funções mais utilizadas por nossos ancestrais: agressão, medo, sexo, defesa, proteção à prole, obediência ao líder, são algumas delas. Tal fato se transforma em um condicionamento inconsciente na aceitação de uma ordem exterior, quando não nos armamos de apurado senso crítico, de uma vigilância capaz de neutralizar idéias invasoras e nocivas que nos são sugeridas.

O leitor a esta altura já deve ter notado o quanto tenho me esforçado para não utilizar a terminologia espírita em um tema tão íntimo do capítulo das obsessões. É que, pelo menos, nesse início de estudo, quero tratar do assunto em separado para depois situá-lo com todas as pompas e fanfarras que lhe dedicam dentro do contexto espírita.

A sintonia é outro aspecto a ser considerado no transe hipnótico. Ela pode ser concedida ou arrancada do *sujet*. Mesmer com seu aparato teatral a impunha através da admiração, do respeito, da confiança, da ingenuidade alheia, da entrega sem reservas por parte daqueles que, tendo suas vontades anuladas pela dor, a tudo se submetiam em busca da cura. Digamos que a sintonia aqui, para o *sujet*, equívale a aceitação das condições exigidas para que o fenômeno opere, ou seja, ao aceitar as condições impostas pelo hipnotizador, o *sujet* cede-lhe a sintonia passivamente. Em outras palavras, o paciente aceitando as condições do hipnotizador forma uma sintonia com ele, pois retira por si próprio as barreiras impeditivas situadas no encaixe formado entre as *tomadas* do comando e da obediência. Mas a sintonia pode ser forçada por uma rendição, ou seja, pelo estado de fragilidade do *sujet*, que não tem forças para reagir a uma ordem impositiva. O medo, o remorso, o desejo de auto-punição, a consciência culpada explodem as barreiras protetoras da mente e a deixa a mercê de uma outra, que sem grandes esforços, a domina.

O poder que o hipnotizador deixa transparecer através das idéias, da aparência, das atitudes também funciona como um aríete na derrubada das resistências à invasão de suas idéias. Vejamos o pensamento de alguns pesquisadores modernos ao estudarem o cérebro durante o transe hipnótico.

Os estágios da hipnose

Modernamente procura-se dividir o processo hipnótico em 5 estágios.

1. Relaxamento muscular sem apresentar características hipnóticas.

2. Relaxamento intenso com expressão de cansaço e tremor nas pálpebras. Nota-se em alguns indivíduos a presença de contrações espasmódicas na boca e nas mãos.

3. O *sujet* sente o corpo pesado e um certo estado de alheamento, mas continua consciente do que se passa ao seu redor. Nesse estágio iniciam-se a catalepsia e a rigidez cadavérica. A fala se manifesta monossilabicamente sendo utilizados mais os movimentos de cabeça como afirmação ou negação. O *sujet* apresenta uma tendência de ficar imóvel e a se manter sério, mesmo diante de atitudes ridículas. Todavia, resiste a ordens que lhe afetem a integridade física ou moral.

4. Nesse estágio o indivíduo está realmente hipnotizado podendo até mesmo conversar com os olhos abertos. Diminui o nível de resistência às sugestões e elas somente não são obedecidas quando se encontram em desacordo com os valores do hipnotizado. Caracteriza-se esse estágio pela presença da catalepsia completa, da amnésia parcial, das alucinações, da inibição muscular e da insensibilidade a dor, razão pela qual os indivíduos que atingem esse estágio podem passar por pequenas cirurgias sem sentir dor.

5. Nesse estágio, também conhecido como sonambúlico, o *sujet* aceita as sugestões mais estranhas sem contestá-las. Pode permanecer falando naturalmente com os olhos abertos, embora suas pupilas se mostrem bastante dilatadas. A aparência de sono profundo que demonstra não o impede de obedecer, de imediato, as ordens do hipnotizador, inclusive, as que venham a interferir diretamente no seu organismo, tais como a diminuição das pulsações cardíacas, a desaceleração dos processos metabólicos, a regressão de idade, as alucinações auditivas e visuais, dentre outras. O *sujet* pode, inclusive, receber uma ordem a ser cumprida após o transe, sofrer insensibilidade a dor em determinado local a sofrer cirurgia, por exemplo, em dia e hora determinados pelo hipnotizador, sem a necessidade de um novo transe. Para atingir tal estágio de profundidade o hipnotizador trabalha com o *sujet*, em média, ininterruptamente, por cerca de uma hora. Ressaltamos aqui que a duração de tempo varia de indivíduo para indivíduo, pois há os que necessitam ser treinados por várias sessões até que atinjam esse estágio, enquanto outros nele mergulham quase instantaneamente.

A palavra dos cientistas

Pesquisadores americanos liderados por Stephen Kosslyn, psicólogo e neurologista da Universidade de Harvard, em conjunto com psiquiatras da Universidade Stanford, radiologistas do Hospital Geral de Massachusetts e neurologistas do hospital de New York, resolveram estudar com profundidade o hipnotismo utilizando em suas análises um aparelho chamado PET, tomografia por emissão de pósitrons, exame que aponta as áreas cerebrais ativadas enquanto alguém realiza uma atividade qualquer. O objetivo do estudo é provar ou não a autenticidade do transe hipnótico, incluindo-o nos jogos teatrais ou rol dos fatos científicos.

No estudo realizado, 16 voluntários observaram imagens em cores na tela do computador e em seguida foram hipnotizados, ocasião em que receberam a sugestão de que as imagens vistas eram compostas pelas cores preto e branco. Revendo as mesmas imagens coloridas, quando foram indagados sobre as cores que observavam os voluntários estavam convictos de que viam em preto e branco. No momento em que examinaram as imagens, ou

seja, sob transe hipnótico, o cérebro de cada um deles ativou uma região que inibe a visão das cores, fato que os obrigou a enxergarem em preto e branco. Em seguida, os mesmos voluntários, receberam a sugestão de ver imagens coloridas onde existiam apenas o preto e o branco passando a ver tudo colorido. A equipe de cientistas também registrou que os centros ligados à visão permanecem ativos durante o sono, confirmando a tese de que o *sujet* não dorme durante o transe, mesmo aqueles que atingem o nível mais profundo da hipnose.

Se os cientistas, após essa pesquisa, conhecem melhor a hipnose, pouco sabem acerca da trajetória que leva o cérebro a ordenar que se veja o que não é realidade, o que não está ocorrendo. A hipótese mais provável, afirmam alguns, é a de que uma estrutura cerebral semelhante a uma rede, chamada de formação reticular, cujas funções são controlar a vigília, o sono e selecionar as informações nas quais devemos nos concentrar é a responsável por esta proeza. Esboçando uma explicação racional, concluem os estudiosos: as palavras do hipnotizador, seguem pelo nervo auditivo e alcançam a ponta dessa rede espalhando-se através da massa cinzenta. Por se tratar de estímulos repetitivos, quando eles chegam no lobo frontal, concentram a atenção do *sujet* em um único foco, inibindo tudo que está ao redor.

E aqui termina o meu compromisso de escrever sobre o hipnotismo tentando não introduzir conceitos espíritas no texto que desenvolvo.

Hipnose e obsessão

A hipnose tem estreita relação com a obsessão de vez que ambas se assemelham nos métodos de quem as utilizam objetivando obter o domínio mental de uma pessoa sobre outra. Se na primeira os fins podem ser terapêuticos, na segunda, geralmente, seguem um sentido oposto, ou seja, são violentos tais como, o escárnio, a doença, o homicídio, o suicídio, a loucura, dentre outros, a depender dos planos que o obsessor traça para a sua vítima.

Obsessão quer dizer, dentre outras coisas, perseguição, preocupação com determinada idéia que domina doentamente o Espírito, ação persistente de um mau Espírito sobre outra pessoa com objetivos de vingança. A fim de culminar o seu intento, o obsessor pode elaborar uma desforra de longo curso, *saboreando-a* sem satisfazer-se, pois a vingança é água que não mata a sede. Para isso ele recorre a métodos apropriados aos fins que deseja alcançar, incluindo em seus planos, comparsas que o auxiliem na vigilância de sua vítima, técnicos em hipnose e magnetismo a serviço do Mal, aparato tecnológico, táticas de tortura e de guerra, material farto entre aqueles que, na erraticidade se dedicam a *justiçar* infratores sem que para isso tenham sido autorizados pela justiça divina.

Mas, se entre os perseguidores há os que seguem planos pré-elaborados, outros são estabados, mais ofendidos que maus, que se precipitam neuróticos e agressivos contra suas vítimas sem se importarem com nenhum planejamento, no que são logo descobertos e, caso as vítimas tomem a iniciativa, combatidos. A esses deixaremos de lado, pois o nosso interesse se concentra nas técnicas de dominação através da hipnose e nas táticas empregadas por aquele ou aqueles que desejam subjugar o inimigo. No mais, quem vai diretamente a seu inimigo e o esbofeteia é mais fácil de ser doutrinado que um outro que se esconde na sombra e aguarda a oportunidade de ferir sem ser ferido. Aquele, geralmente, tem seus arroubos de indignação que arrefecem quando torna à calma. Uma conversa bem dirigida, um bálsamo em sua ferida acabam por convencê-lo de que não há glória nem

vantagem na vingança. O outro demonstra covardia, malícia, maldade, esperteza sórdida, arsenal que, bem administrado, fatalmente, a depender das armas do seu inimigo, lhe garante a *vitória*.

Saltam aos olhos provas inequívocas de que o mundo ainda é um cenário generoso para as obsessões. São candidatos em potencial a esse intercâmbio doentio os sexólatras, os amantes das drogas, os egoístas, os orgulhosos, os violentos, os pessimistas, os invejosos, os sedentos de poder. A lista é imensa e o Bem é ainda uma criança tenra. Diria mesmo que todos somos, de alguma maneira, obsidiados por encarnados ou desencarnados que procuram levar vantagens às nossas custas, seja nas relações sociais, domésticas, econômicas ou de outro tipo qualquer.

Mas, como ninguém é forte fora da lei, que é justa, embora, tenha lá suas reservas de misericórdia, o infrator fatalmente é atingido, quando faz ele mesmo disparar no interior da sua intimidade um *gatilho* previamente preparado para “despertá-lo” e fazê-lo mudar de rumo. O sentido de toda lei natural é para a frente e para o alto, ou seja, evolução com responsabilidade. Esse *gatilho* se exterioriza através do sentimento de culpa, consciente ou inconsciente, que uma vez instalado na mente, emite ondas que o fazem sintonizar com inteligências doentias, formando plugs para imediatas conexões e reparações.

Quando isso ocorre, que se apresse o atingido para incluir a ética em seus relacionamentos, predispondo-se à reparação de todo mal que haja praticado, antes que a sua casa mental seja invadida e dominada. Como, geralmente, não dispomos ainda da moeda do amor para quitarmos nossos débitos, devemos estar preparados para a visita da velha e eficiente mestra chamada dor, conscientes de que no presente estágio de evolução humana ainda não podemos dispensá-la. Não é ela a mentora de nossas mais significativas lições? A dor, observada pelos efeitos finais que produz em qualquer drama, pode ser definida como um chamamento à responsabilidade e à construção da felicidade.

Visto tais prolegômenos podemos dizer que a obsessão entre um encarnado e um desencarnado inicia-se com o reconhecimento deste por parte daquele, que o identifica através das irradiações doentias que registra. Como tais radiações, as do obsessivo e do obsidiado se assemelham, pois devedor e credor se encontram vinculados por uma sintonia bem definida, embora nem sempre percebida, por mais que uma das partes tente a fuga visando ocultar-se da outra o encontro será inevitável. O cerco, à princípio se faz mediante imagens nas quais o credor se insinua, fazendo-se notar sem a emissão de palavras. O obsessivo insiste nessa técnica até que consegue gravar na mente do obsidiado um clichê que se encarrega de instalar o desgoverno emocional com somatização crescente.

A receptividade desse clichê tem sustentação na consciência culpada, no remorso, na semelhança de gostos, no medo, dentre outros estados psicológicos que desequilibram o endividado e abre o dique das emoções desordenadas que hibernavam no inconsciente. A partir de então os dois litigantes já podem ser chamados de obsessivo e obsidiado, embora nem sempre este perceba que já tem o preocupante rótulo.

O obsessivo passa a enviar mensagens telepáticas à mente do obsidiado até que as primeiras induções sejam registradas. Isso feito, as aprofunda com insistência, alargando o campo de domínio, instalando de vez na intimidade mental alheia uma *torre* de recepção que se destina a captar as mensagens que a sua *torre* de transmissão queira emitir. A mente dominada recebe as imagens sutilmente emitidas pela mente dominante e as incorpora como sendo da sua própria lavra. Concorre para isso o estudo preliminar que o obsessivo faz sobre a personalidade e as tendências do seu inimigo, já conhecidas em parte devido as relações anteriores, inclusive, naquilo que se mostra inferior. A essa altura do processo, não

restam dúvidas de que a obsessão está instalada e em plena expansão. Delineia-se um cenário em que alguém caça e alguém é caçado, ataque e defesa, defesa e ataque, deverão dominar os pensamentos de ambos, cada um escolhendo as armas que melhor lhe satisfaça.

No decorrer desse processo de dominação se o obsidiado esboça uma reação de defesa tentando livrar-se do seu oponente, este pode optar por mudar imediatamente de tática, podendo deixá-lo livre por certo tempo, vigiando-o à distância, dando-lhe a impressão que a tempestade passou. Se nesse período, ao julgar-se isento da perseguição que sofria, o obsidiado baixa a guarda, o obsessor retorna com redobrado ânimo. Pode ocorrer também que, ao invés de dar uma trégua, o obsessor recrudesça o ataque, cercando sua vítima de maneira a fazê-la desistir da reação, tratando de desanimá-la com relação às visitas ao Centro Espírita, à prática do Evangelho no lar, ao cultivo da oração, pois mesmo com tais procedimentos a situação se agrava. Essa tática visa tirar toda a esperança da vítima, torna-la depressiva, fazê-la sentir-se abandonada por todos, inclusive, por Deus, que não se anima a exterminar o seu inimigo. É o velho estilo do menor esforço, aquele mesmo que exige imediatismo, mesmo em questões de longo prazo como se apresentam determinadas obsessões. Aquele que só se interessa por soluções fáceis sem o concurso do esforço próprio elástico e constante, que acha inoportuno suar e intragável recusar velhos e prejudiciais hábitos.

Como, geralmente, a nossa fé só se sustenta mediante favores concedidos pela divindade que se destinem a remover as montanhas que nós próprios colocamos em nosso caminho, ao sermos exigidos para a luta em favor da nossa liberdade, facilmente capitulamos. Esquecemos de que Deus é, igualmente, pai do obsessor e que não há privilégios nas leis incorruptíveis que regem os destinos humanos. É nessa fraqueza do obsidiado que se encontra toda a fortaleza do obsessor.

Se o obsidiado demora a perceber que está sob fogo cerrado, mais difíceis são as suas possibilidades de reação. Sem méritos pessoais e sem proteção espiritual ostensiva, ele se afasta dos amigos, dos objetivos saudáveis que o animam, da teia benéfica que o sustenta, permitindo-se imantar à rede pegajosa que lhe estende o inimigo oculto, que cada vez mais lhe restringe o espaço da razão e, inversamente, amplia-lhe proporcionalmente o espaço da alienação, campo que o prenderá como uma cadeia sem fuga.

Enfatizamos que só há obsessões neste planeta devido o endividamento espiritual da imensa maioria dos seus habitantes, a reclamar reparação de dívidas e ajustes de contas. Como devedores e credores se unem através de fortes laços que exigem o esforço de ambos para se desvencilharem, não há motivos, embora a esperança seja a sentinela do coração de muitos, para se esperar uma paz a curto prazo.

Faz parte do senso comum, sendo mesmo uma herança atávica, o pensamento lúcido de que Deus ama a todos e expressa esse amor através dos seus emissários, cujo trabalho incessante é convidar os seres à fraternidade universal, alertando-os de que ninguém segue sozinho ou desamparado pelas trilhas do mundo. Mesmo o mais renitente obsessor é assistido e solicitado a adentrar abrigos luminosos onde, através do esforço próprio de cada habitante, todo o mal pode ser transformado em bem. Os bons Espíritos, representantes de Deus junto a nós, não violentam ninguém. Os ignorantes que ainda se prendem as teias do crime ou que se deixam enlouquecer pelo remorso não são tolhidos em seus desejos insanos, a não ser em casos específicos e a benefício deles próprios. Esses emissários divinos compreendem que existem obsessões severas cujo grau de complexidade exige séculos para que se apague o ódio que as motivam, fazendo de seus protagonistas alvos de muitas feridas sem jamais morrerem. Nessa peleja inglória, estando ora encarnado ora

desencarnado, os envolvidos invertem as posições de dominado e de dominador, sem contudo, lograrem êxito no alívio das pressões que os martirizam.

Em casos dessa natureza, o tempo e o sofrimento costumam cansar os participantes de tão exaustivas batalhas, ocasião em que, tangidos pela reflexão, pelo aconselhamento, pelo desejo de mudança, renunciam as suas pugnas e se comprometem a uma pausa através da reencarnação, geralmente planejada situando-os como parentes próximos, ou seja, irmãos consangüíneos, pai e filho, marido e mulher.

Sob o mesmo teto, acicatados pelos mesmos aguilhões, enfrentando o cortejo de dificuldades programadas para tantas necessidades de ajustamento, superam, na maioria das vezes, os obstáculos, ocasião em se perdoam e se habitua ao convívio familiar, criando laços fortes de amizade, vínculos de afetividade e de companheirismo, malgrado um e outro desencontro.

Todavia, há obsessões e *obsessões*. Quando a obsessão tem gênese na infidelidade, na traição de um dos cônjuges que despencou no abismo da infidelidade e o outro não perdoou a traição, tal *amor* ferido é capaz de desencadear um drama pungente que pode durar séculos. Nas obsessões cuja causa é o sexo, o obsessor aproveitando-se das tendências e inclinações mal direcionadas do obsidiado ou obsidiada, pode infligir-lhe desastrosas quedas morais, tais como o adultério, a prostituição, a viciação compulsiva, para obter através das vibrações materializadas advindas do uso do sexo desregrado os prazeres fugidios que o mesmo proporciona. Nesse tipo de vampirização, o obsessor ou obsessora se sente gratificado(a) com o clima vibratório que a sua vítima lhe concede, dando vazão aos apetites insanos que cultivou enquanto encarnado(a) e dos quais não conseguiu subtrair-se após a morte. Não é fácil a educação de um vampiro sexual pois o mesmo se sente cada vez mais atraído para as vibrações grosseiras do sexo, tornando-se delas dependente, entrando em descontrole, qual cocainômano a sofrer a síndrome da abstinência, afastado da fonte que lhe *sacia*. Os apetites sórdidos que conserva e que lhe estimulam a mente a buscá-los, inibem o desejo de renovação de valores, situando-o nas faixas inferiores da evolução. A saída para patamares mais altos é dificultada pelo desgaste excessivo das energias vitalizadoras trazidas à reencarnação, que além de não sofrerem renovação, são desperdiçadas, impondo uma queda vibratória que mais afunda o infeliz para outras faixas evolutivas onde a sintonia com entidades viciadas é regra.

Obsessão desse jaez é mantida por telepatia ou sugestão mental, praticadas ocultamente através de infiltração vibratória nociva, que vai aos poucos dominando o obsidiado até subjugar-lo por completo. Vale ressaltar que este em qualquer processo obsessivo possui os condicionamentos psíquicos gerados pelas lembranças inconscientes dos seus débitos, sendo através desses que o obsessor se imanta. Apesar de tantas artimanhas que envolvem e dominam o obsidiado, este jamais poderá alegar inocência, justificando a sua queda moral através de agressões externas. Só é obsidiado quem oferece campo mental propício à penetração do mal. *A obsessão de qualquer natureza, nada mais é que duas forças simpáticas que se chocam e se conjugam numa permuta de afinidades*, elucida Bezerra de Menezes.

Há ainda obsessões que, antecedendo a reencarnação do Espírito, fazem-no adentrar na carne com anomalias físicas graves, tais como a cegueira e a surdez. Cita o Evangelho, que Jesus curou alguns desses obsidiados afastando os obsessores do seu convívio, conclamando-os em seguida a não mais pecarem. Todavia, quando tais obsessões iniciadas no plano espiritual levam suas vítimas a estados alucinatórios, de consciência culpada, de desequilíbrio psíquico e perispiritual enfim, elas não conseguem modelar o novo *templo*

carnal de maneira saudável, pois imprimem no corpo em formação a desordem existente nos delicados tecidos perispirituais. Para essas, o *milagre* da cura situa-se mais distante, ou quiçá, impossível na presente encarnação.

Mas se há casos onde a perseguição foi iniciada antes da reencarnação, também ocorrem aqueles que se prolongam após a morte. Levando unicamente seus méritos e deméritos, o que o viajante terreno invigilante carrega em seu *baú* de idéias pode servir como chamariz para os maus Espíritos. As idéias deprimentes, plasmadas e aceitas pelo cérebro durante a jornada carnal, podem criar no perispírito painéis que as retratam, sendo utilizadas pelos hipnotizadores desencarnados com a finalidade de recriarem o cenário doloroso no qual a vítima se infelicitou. Desequilibrada diante de uma realidade que queria ocultar e fragilizada pelas cobranças (interna e externa) de uma ética que desprezou, ela acaba por baixar a guarda e aceitar a sugestão de se revestir por forma animalesca que, em muitos casos, já se encontra no subconsciente de quem deve a lei.

Mas qual a relação existente entre o hipnotismo e a obsessão? Como o leitor já deve ter notado, a sintonia e a sugestão são aspectos fundamentais no processo obsessivo. Sem esses dois fatores a abordagem e a invasão da mente não se faria. Vejamos alguns casos de deformações perispirituais extraídos da literatura espírita, nos quais a hipnose tem papel de destaque:

“- Venha! Venha!

Com expressão de sonâmbula a infeliz obedeceu à ordem, destacando-se da multidão e colocando-se, em baixo, sob os raios positivos da atenção dele.

- *Confesse! Confesse! – determinou o desapiedado julgador, conhecendo a organização frágil e passiva a que se dirigia.*

- *A desventurada senhora bateu no peito, dando-nos a impressão de que rezava o “confiteor” e gritou lacrimosa:*

- *Perdoai-me! Perdoai-me!, ó Deus meu! E como se estivesse sob a ação de droga misteriosa que a obrigasse a desnudar o íntimo, diante de nós, falou em voz alta e pausada: - Matei quatro filhinhos inocentes e tenros... e combinei o assassinio de meu intolerável esposo... O crime, porém, é um monstro vivo. Perseguiu-me, enquanto me devorei no corpo... Tentei fugir-lhe através de todos os recursos, em vão... e por mais buscasse afogar o infortúnio em “bebidas de prazer”, mais me chafurdei... no charco de mim mesma...*

- *De repente, parecendo sofrer a interferência de lembranças menos dignas, clamou!... - Quero vinho! vinho! prazer!...*

Em vigorosa demonstração de poder, afirmou triunfante o magistrado:

- *Como libertar semelhante fera humana ao preço de rogativas e lágrimas?*

Em seguida, fixando sobre ela as irradiações que emanavam do temível olhar, asseverou, peremptório:

- *A sentença foi lavrada por si mesma! Não passa de uma loba, de uma loba, de uma loba..*

- *À medida que repetia a afirmação, qual se procurasse persuadi-la a sentir-se na condição do irracional mencionado, notei que a mulher, profundamente influenciável, modificava a expressão fisionômica. Entortou-se-lhe a boca, a cerviz curvou-se espontânea, para a frente, os olhos alteraram-se, dentro das órbitas. Simiesca expressão revestiu-lhe o rosto.*

Via-se, patente, naquela exibição de poder, o efeito do hipnotismo sobre o corpo perispirítico”. (Libertação – Pelo Espírito André Luiz).

É notória a ação hipnótica nesse simulacro de julgamento promovido por “justiceiros”, malfeitores do além que se outorgam o direito de julgarem outros malfeitores. A mulher que assassinara os filhos através de aborto tinha a consciência em frangalhos, estava subjugada pelo medo, fragilizada pelo remorso e pela certeza de que merecia punição. Ao ser chamada de fera sentiu-se a própria, modelando espontaneamente a aparência sugerida pelo hipnotizador em voz pausada e com repetição monótona. Se o leitor está lembrado, a sugestão, a repetição, a monotonia, são componentes do processo hipnótico. Nesse caso não houve a necessidade de o hipnotizador convencer a vítima acerca de sua culpa pois ela estava convicta de que era uma criminosa e devedora da lei.

“O Dr. Teofrastus ergueu-se e, depois de receber mesuras dos comparsas sentenciou: - Façamos com ela, o que no íntimo sempre foi: uma loba!

Acercou-se da sofrida entidade e, fitando-a, escarnecedor, passou a ofendê-la, vilmente. A vítima não apresentou qualquer reação. Era como se a sua visão se encontrasse longe, a fixar as evocações dos abortos delituosos a que se entregara nos dias de insensatez, que ficaram para trás, mas que não se consumiram...

Obrigando-a a ajoelhar-se, enquanto lhe estrugiu no dorso longo chicote sibilante, ordenou, de voz estertorada:

- Víbora infeliz! Devoradora dos próprios filhos! Toma a tua forma... a que já tens na mente atormentada. A tua justiça é a tua consciência... Obedece, serpente famélica!

A voz, impregnada de pesadas vibrações deletérias e vigorosas, dobrava os centros de parca resistência perispiritual da atormentada, e, diante dos nossos olhos, ao comando do sicário cruel, que se utilizava de processos hipnóticos deprimentes, atuava no subconsciente perispiritual abarrotado de remorso da infanticida, imprimindo-lhe a tragédia da mutação da forma, num horrendo fenômeno de licantria, dos mais lacerantes”. (Nos bastidores da obsessão – por Manoel Philomeno de Miranda)

Dissemos alhures que a sintonia pode ser estabelecida naturalmente por afinidade de gostos, “negociada”, ou seja, cedida mediante promessa de recompensa, ou arrancada pela violência, ocasião em que o outro, fragilizado, se entrega sem reservas. Tal é o caso daqueles que são atingidos pelo remorso, pelo medo, pela sensação de inutilidade e outras mazelas que anulam a auto-estima que todos devem nutrir, pelo que sabem que são: filhos de Deus e herdeiros do universo. Nesse julgamento, o próprio Teofrastus, mago grego queimado pela inquisição em 1470, que ao desecarnar conseguiu, através de sua crueldade, conquistar a chefia de uma cidadela das trevas onde governava impiedosamente havia três séculos, impinge o castigo e arranca da desventurada assassina a sintonia para transformá-la em loba.

“Em pleno amadurecimento das faculdades sexuais, sob a rigorosa assistência de um hipnotizador destacado pelo Dr. Teofrastus, foi fácil inclinar-lhe a libido em sentido oposto ao da lei natural, já que seu corpo era masculino, produzindo irreparável distonia nos centros da emoção. Daí em diante associei-me à sua organização física e psíquica, experimentando as sensações que lhe eram agradáveis e criamos um condicionamento em que nossos interesses agora passaram a ser comuns. – Depois de alguns anos de convivência entre ela e mim, continuou a entidade, percebi que curiosa tristeza a malsinava. Sentia-se dominada por mim e começou a registrar-me a presença. Agora, após concluir o curso médio e iniciar-se na Universidade com maior compreensão dos

problemas humanos, sabendo do drama íntimo, resolveu procurar um psicanalista de renome. Submetida a diversos testes e sessões especializadas, o facultativo, que é dócil a minha sugestão – merece destaque que a esse tempo já me enfronhara devidamente nas técnicas da sugestão, nos diversos processos hipnológicos de que me utilizo com freqüência para colimar os meus desejos – e que ignora, totalmente, na sua soberbia intelectual as realidades deste lado, utilizando-se de expressões muito em moda, por mim inspiradas, sugeriu que o essencial na vida é a pessoa realizar-se como achar conveniente, e que tudo o mais são tabus que devem ser quebrados, em prol da felicidade de cada um. Pressionando o especialista com hábil sugestão, consegui que ele a estimulasse ao prosseguimento habitual dos seus atos, o que não me foi difícil. (...) Atônita ela começou a freqüentar algumas sessões e eu me senti repentinamente sem possibilidades de dominá-la como fazia até então. Sabendo-a sem resistência para o que já lhe constituía um hábito, comecei a sugestioná-la de longe. A infeliz, no entanto, ao invés de receber as minhas impressões, fez-se beata, começou a orar. Recorri então ao Dr. Teofrastus que, muito sábio, lhe deu assistência especializada e consegui induzi-la a novos compromissos, obrigando-a a reincidir, o que me ofereceu ensejo de trazê-la aqui hoje”. (Nos bastidores da obsessão - por Manoel Philomeno de Miranda)

Segundo declaração do próprio obsessão, ele conhecia e utilizava técnicas hipnóticas, chegando mesmo a sugestionar o psicanalista de maneira rápida e fácil. Um hipnotizador foi destacado, cita o narrador, para inverter o sentido da libido levando o jovem, anteriormente a culpada, para o homossexualismo. Esse texto deixa transparecer o quanto a hipnose é utilizada no plano espiritual e a profundidade que conseguem atingir com os seus efeitos aqueles que a utilizam. Viciações várias, crimes hediondos, dores lancinantes são produzidos com a sua ajuda. Não há pudor nem piedade entre os maus Espíritos. Resta-nos, como medida preventiva contra o assédio dessa população que se compraz no mal, motivar-nos para o sábio lembrete de Jesus: *Vigiai e orai para não cairdes em tentação.*

“Compreendendo chegado o momento do golpe decisivo, o Dr. Teofrastus orientara-o para provocar cenas de atritos constantes entre pai e filha, de modo a que esta em momento de desespero se evadisse do lar, buscando no namorado leviano e irresponsável o falso amparo de que se sentiria carente. Nessa circunstância, então, ele se reencarnaria através de Mariana, voltando ao lar dos Soares na condição de neto do Sr, Mateus, a fim de matá-lo lentamente, em longo recurso de impiedosa vindita, conforme instruído. Isto lhe seria fácil, evidentemente, pela hipnose na moça que se encontrava capacitado de produzir, como intentara, logrando êxito, no primeiro tentame”. (Nos bastidores da obsessão - por Manoel Philomeno de Miranda)

Seria capaz o dirigente trevoso Teofrastus de promover a reencarnação de alguém com finalidade tão nefasta? Acredito que não, pois ninguém nasce para ser assassino, ou para cometer gestos em prejuízo de si próprio ou de terceiros. O planejamento que antecede a reencarnação tem como objetivo fazer evoluir o reencarnante. Ninguém nasce sem esse planejamento, que é sempre voltado para o bem e a favor de quem mergulha na carne. Podemos até especular sobre a possibilidade de dirigentes trevosos *promoverem* uma reencarnação, desde que dominem as técnicas de magnetização exigidas para o restringimento perispiritual, o acoplamento do Espírito ao óvulo, dentre outras. Mas ela

seria dirigida, sem que eles soubessem, pelas leis maiores da vida, que a tudo encaminham para o bem e para o belo. Nesse caso, os benfeitores espirituais imprimiriam o seu próprio planejamento sobre o destino daquele que parte sob tão densa nuvem. Quanto ao hipnotismo, pequeno capítulo do magnetismo, ambas as partes o dominam com maestria.

“ - Olha! Tens o braço quebrado? ... Como quebraste teu braço? ... Estás com o braço partido! ... Foste atropelada? ... Quando, hoje? ... Sim! Serás atropelada amanhã, partirás o braço, darás entrada no hospital... Estarei lá para te assistir e consolar... Partirás o braço, partirás o braço... Serás atropelada amanhã, amanhã...”

Os demais se puseram a nos olhar com atitudes zombeteiras e prorromperam em gargalhadas estridentes. Estabeleceu-se a desordem, vozerio, confusão, e todo o grupo nos tocava o braço, afirmando que ele estava quebrado, pois no dia seguinte seríamos atropelada...

Dor violenta começamos a sentir então, no braço. Era o esquerdo, seguramo-lo com a destra e procuramos examiná-lo. Estava com efeito, fraturado, ensangüentado, o osso à mostra, e as dores eram cada vez mais atroz. Fôramos inteiramente envolvida pelas vibrações maléficas daquelas entidades. Certeza absoluta sentimos, então, de que no dia seguinte algo aconteceria, acarretando tal conseqüência para o nosso corpo carnal, completamente esquecida de que ali nos encontrávamos sob vigilância de um guardião da Espiritualidade, para instrução. Ainda assim tivemos forças para uma súplica: - Meu Deus! Livrai-me destes obsessores!

Fomos então retirada do terrível recinto, e o amigo espiritual explicou: - Assim fazem eles com aqueles que se deixam envolver por suas sugestões... Em vez de braço fraturado ou atropelamento, suponhamos que sugeriram o suicídio, o homicídio, uma mesa de jogo, um conflito, uma rixa, um adultério... Suponhamos que, em vez de carregarem de vibrações pesadas um braço, para que a vítima o suponha fraturado e sinta dores atroz, carreguem a mente com sugestões luxuriosas... Aí teremos também a irremediável desonra, o vício, o desregramento sexual... Far-se-á maléfica hipnose, e aquele que não teve forças morais e vibratórias para se desvencilhar das teias em que se deixou envolver, submeter-se-á a tudo”. (Devassando o invisível – por Yvonne Pereira)

Yvonne Pereira foi sugestionada porque estava em instrução, na condição de aluna que precisa sentir na pele uma experiência para melhor descrevê-la. Seu instrutor espiritual permitiu que ela fosse envolvida nas vibrações emitidas pelos malfeitores a fim de que ela se certificasse do poder da hipnose, mesmo frente a pessoas que possuem alguma proteção. Segundo o instrutor de Yvonne, respondendo a uma pergunta por ela formulada, só existe um meio de retirar tais entidades do convívio da sociedade: *É preciso que o homem se reedue, transformando-se sob as inspirações do dever, praticando atos justos todos os dias de sua vida! Que se conduza guiado por mente sadia e honesta! Que se torne respeitoso e submisso à idéia de Deus, dispondo-se a observar suas leis.*

“Existem suicidas que se viram sugestionados a cometerem o ato terrível, através do sono de cada noite, por uma pressão obsessora do seu desafeto espiritual, desafeto que poderá ser também um Espírito encarnado, e à qual não se puderam furtar, tal o paciente que, recebendo do seu magnetizador uma ordem durante o transe sonanbúlico, cumpre-a

exatamente dentro do prazo determinado por este, mesmo quando se passaram já muitos meses depois da experiência.

... Eles vêm junto a si antes de efetivado o suicídio, com impressionante segurança, tais se materializados fossem diante dos seus olhos corporais, os quadros mentais que o obsessor fornece através da telepatia ou da sugestão: - um receptáculo de veneno ou substância corrosiva; um revólver engatilhado, que misteriosa mão sustém, oferecendo-lho; uma queda de grande altura, onde eles próprios se vêm despenhando; um veículo em movimento, sob o qual se deverá arrojá-lo". (Dramas da obsessão – por Bezerra de Menezes)

Além desse tipo ostensivo de sugestão imposta pelo medo, da qual, dificilmente, o obsidiado se pode furtar, existem outras, produzidas pela hipnose durante o sono natural. O médium que desconhece suas faculdades mediúnicas e que não tem nos valores morais um referencial de vida, pode se deixar influenciar e dominar por um Espírito cuja companhia e gostos lhe agradem, recebendo deste, sugestão, à semelhança de um sonâmbulo que obedece ao seu magnetizador. Ao despertar ele realiza as ações para as quais foi convocado, mesmo que estas incluam o crime ou o suicídio.

Fenômeno semelhante ocorre quando no estado letárgico, o médium recebe uma sugestão hipnótica ou uma ordem direta do seu instrutor espiritual realizando-a quando chegar a hora, uma vez desperto.

Hipnotizados

Esgotado o estudo teórico, acertamos para a reunião próxima, a visita de obsidiados que haviam sido submetidos a processo hipnótico. Preparamo-nos para as indagações ou para prestar o auxílio necessário em casos tais, pois aprender e auxiliar tem sido a essência de todos os projetos que idealizamos. Médiuns à postos, o desfile de casos selecionados por nossos instrutores começou:

Primeiro caso:

- Estou desdobrada e encontro-me em um ambiente muito hostil. Vejo uma mulher de aparência desagradável a segurar pela coleira uma espécie de felino com a aparência mista de lobo e de pantera. O animal não está bem caracterizado, seu corpo é coberto por pelos, possui garras, dentes pontiagudos, olhos de lince. O instrutor que me auxilia diz que o Espírito aprisionado em processo de subjugação nessa forma animalesca é a causa da nossa visita. Comigo estão os lanceiros da casa. Isso significa que existe um plano traçado e que o resgate terá que ser feito de um modo ou de outro, ou seja, diante de um pedido formal ou arrancado por outros métodos. A minha função aqui, além de participante do Grupo de Aprofundamento Doutrinário, é ceder espaço para que o Espírito se comunique por meu intermédio. Pelo que observo, ele nada poderá dizer de inteligível, apenas receberá o choque anímico e ouvirá a voz do doutrinador tentando convencê-lo de que não é um animal. Apesar do seu pensamento fragmentado, diz Kröller, é importante que a doutrinação seja feita visando despertar a sua mente para entendimentos posteriores. Tenha o devido cuidado para que ele não lhe ataque.

A comunicação iniciou com a médium arranhando a mesa à semelhança de um animal afiando as garras. Segurei-lhe as mãos para que suas unhas não quebrassem ou que

viesses a ferir-se em contato com a madeira. Além de rugidos e tentativas de agressão, ouvimos frases desconexas, típicas de uma grande confusão mental, nitidamente ligadas a diferentes eventos vivenciados por aquele Espírito.

- O espaço está diminuindo, vai fechar! Emily, onde está você? Preciso de sangue! Vai fechar, vai fechar! ...

Uma semana após, a médium voltou a visitar esse Espírito em uma espécie de isolamento onde ele parecia adormecido.

- Ele lembra a figura do minotauro, embora sua cabeça seja de lobo. Seu aspecto não mudou muito. A jovem que me orienta diz: *o hipnotismo, que fez dele um animal, também o libertará*. Como assim, pergunto: *induzindo, sugestionando, convencendo-o de que é humano*. Será um trabalho inverso ao que foi feito, ela responde. Acho engraçado uma jovem tão moça e tão bela tratar casos dessa natureza. Na minha mente ligava o hipnotismo à figura de homens sisudos, de bigodes, quarentões. Ela sorri da minha observação.

Segundo caso:

Encontro-me diante de um Espírito severamente aferrado a idéia de vingança contra um seu desafeto. Ele tem o abdome volumoso como o de uma mulher grávida e repete incessantemente que seu inimigo ficará preso em um casulo. Não vejo nenhum casulo, todavia você ouvirá o Espírito e poderá descobrir detalhes de sua vida, pois se ele foi escolhido para comunicar-se esta noite, deve estar inserido no contexto do hipnotismo, assunto que ora estudamos.

- Jamais o deixarei sair! Ficaré nesse casulo como uma lagarta, até que apodreça!...
- Sou um verme! Um verme rastejante! Preciso ficar no ventre dele. ... - Jamais deixará esse casulo! Esse é o lugar de um verme! ...- Sou um verme! ...

A comunicação caracterizou-se por conter pensamentos de duas mentes entranhadas como se fossem uma única. Hipnotizado e hipnotizador se revezavam externando suas preocupações, numa simbiose de difícil separação, já que ambos estavam satisfeitos onde e na posição em que se encontravam. Foi o que deduzi de tão estranho caso. Aplicado o passe calmante, já um outro médium exigia assistência.

- Estou encima de uma ponte. Mas não de uma ponte comum, de fácil deslocamento. Esta é feita de cipós, altíssima, agitada pelo vento, mais parecendo um cenário cinematográfico. Um Espírito está parado sobre ela, petrificado, agarrado firmemente às laterais, paralisado pelo medo. Ao lado dele, confesso que também estou com medo. A altura é descomunal. Ele vai falar.

- Não! Não! Eu tenho medo de altura! Pelo amor de Deus, tire-me daqui!

- Não devia ter medo de morrer! Sabe que o Espírito é imoral!

- Sei! Mas tenho medo! Tenho fobia, trauma, se olhar para baixo me atiro!

- Você não vai fazer isso. Se esse é o seu teste, mais cedo ou mais tarde vai ter que enfrentá-lo. Se quiser, ofereço-lhe minha mão para atravessarmos a ponte juntos.

- Você não entende! Eu tenho que fazer isso sozinho! Por duas vezes suicidei-me atirando-me de grandes alturas, por isso tenho que vencer esse teste. ... Quem está lá no final da ponte? Mas é o Tibiriçá! Ele está me chamando...

- Se Tibiriçá está chamando é porque confia que você fará a travessia com segurança. Ele jamais o deixaria sozinho se não tivesse certeza da sua vitória.

- Você não pode hipnotizar-me novamente para que eu passe sem medo?
 - Não! Agora o teste é definitivo. Lembre-se de que não está sozinho. Se Deus está em toda parte, está nessa ponte nos assistindo. Faça uma oração e siga.
 - Não adianta, eu não tenho coragem.
 - Todos temos mais força e coragem do que supomos.
 - Mas, o que vejo? É o meu pai! Ele está no final da ponte! Está com aquela farda que eu adorava ver quando criança....
 - Pois corra para abraçá-lo! ...
- Ele não me deixou terminar a frase. Saiu correndo como uma criança para abraçar o pai.

Comentamos os casos trazidos à reunião e selecionamos esses três para escutarmos de nossos instrutores mais detalhes sobre o hipnotismo. A espiritualidade nos enviou *Ranieri*, uma jovem descrita pela médium que lhe serviu de instrumento, como dotada de cabelos cor do trigo, olhos verdes, suave luminosidade, gestos delicados. As demais médiuns que igualmente mantiveram contato com ela foram testemunhas da emoção, da sensação de paz e de serenidade que sentiram diante de tão invulgar Espírito.

- Vejo nossos instrutores em animada conversa e também muitos alunos com pranchetas e livros. Ao lado do hindu, uma jovem muito bela conversa sobre hipnotismo. Parece que a presença dos alunos aqui no Centro Espírita se deve a entrevista que você fará com ela, já que muitas das nossas dúvidas também os inquietam. Primeiramente o hindu vai nos apresentar a convidada e depois ela aprofundará o tema.

- Bom dia, amigos. Convidamos uma querida irmã para tirar nossas dúvidas sobre tema tão importante em nossos trabalhos. Em uma época muito recuada ela foi iniciada nas escolas do Egito e da Índia, aprofundando ainda hoje seus estudos sobre o magnetismo, apesar de ser uma hábil hipnotizadora. Nem sempre essa grande amiga esteve ao lado do Bem e da justiça. Faço essa observação a seu pedido para que ninguém a julgue uma iluminada, um Espírito puro, de vez que se reconhece apenas como uma pessoa comum tentando ajudar a seus irmãos. Há muitos séculos ela despertou para a luz divina e, a partir de então, tem sido uma enfermeira dedicada no tratamento das obsessões, procurando fazer luz onde a treva teima em permanecer. Hoje é um Espírito que hipnotiza com a sua beleza e encanta com sua pureza de intenções. É muito bom sentir a paz que ela transmite. A minha presença no recinto deve-se a necessidade de um intermediário para fazer a ponte entre ela e a médium. Iniciemos os trabalhos com as bênção de Deus.

- Bom dia, irmãos. Há alguns meses estou junto a vocês nessa abençoada lavoura que é a desobsessão. Espero, de alguma forma, contribuir para amenizar as dúvidas que pairam sobre suas mentes, saciando assim a saudável fome de saber, apetite necessário ao ser humano já desperto para as verdades maiores. Coloco-me, pois, à disposição de todos, rogando ao senhor dos mundos, inspiração para repassar fielmente o limitado conhecimento que o esforço me permitiu reter.

- Agradecemos a sua presença e, apesar de já trabalharmos juntos há alguns meses, gostaríamos de saber mais detalhes sobre sua atuação no Egito e na Índia.

- Minha iniciação foi no Egito. Nessa época, apresentava a vestimenta carnal masculina. Todavia, minhas reencarnações mais proveitosas se passaram na Índia. Em uma delas fui companheira do amigo que me apresentou.

- Por que a Índia lhe foi superior ao Egito?

- No Egito os iniciados trabalhavam para o sucesso social, político e religioso do Faraó. Vivia-se e trabalhava-se em função dele, pela sua afirmação e respeito junto ao povo. Na verdade, nada do que fazíamos tinha o objetivo de melhorar a vida do povo, a menos que esse fosse o desejo do Faraó. Nessa gaiola de ouro, preso a servidão, embora tendo privilégios, minha alma intimamente lamentava ser serviçal de um regime ingrato onde o objetivo era mostrar um homem, o faraó, na qualidade de um deus. A manutenção do poder através de engodos quase sempre leva à corrupção e à derrocada dos valores morais. Cometi atos que me custa lembrá-los, embora já tenha ressarcido meus débitos para com a lei. Mesmo já havendo lavado as manchas da minha alma nas águas do trabalho e do sofrimento, ainda lamento tê-la embotado por motivos tão mesquinhos.

- Como conseguiu despertar para valores mais positivos?

- Quando meus protetores me enviaram à reencarnação na Índia. Entrei em contato com o Budismo, onde despertei para as verdades nobres e as trilhas retas aconselhadas por essa magnífica religião. Com isso, consegui inverter os polos que me prendiam aos interesses materiais. As primeiras encarnações nessa nova pátria foram duras, mas minha disciplina de iniciado muito me serviu. Hoje continuo no esforço para conquistar as perfeições búdicas.

- Naquela época as técnicas hipnóticas tais como as conhecemos hoje já eram de domínio dos iniciados?

- Sim. Tanto no Egito quanto na Índia. Utilizava-se o olhar, os gestos, a indumentária, a monotonia, a indução, o relaxamento, o ambiente, enfim, todas as técnicas modernas, naturalmente, com outros nomes.

- Posso dizer então que o hipnotismo era bastante conhecido e amplamente divulgado no Egito?

- Não. Conhecido apenas por uma pequena parcela de estudiosos, os iniciados, e divulgados em segredo, sob juramento e vigilância.

- Os iniciados eram homens e mulheres?

- Poucas mulheres. Minhas encarnações no Egito foram como homem.

- Moisés estudou nas escolas egípcias. Os feitos que lhe são atribuídos aconteceram de fato?

- Moisés conhecia profundamente o magnetismo e o hipnotismo. Era também excelente orador, pesquisador dos fenômenos atmosféricos, dotado de uma autoridade moral que se refletia pelos olhos, difícil de ser encarada. Era um verdadeiro líder e sabia utilizar seus dons magistralmente. Foi um homem talhado para a missão que lhe foi confiada. Todavia, houve por parte da tradição oral um exagero dos seus feitos.

- Vejamos se entendi bem. São fatores concorrentes para hipnotizar alguém, além das técnicas já aludidas, o olhar, a voz, o gesto, o traje, o ritual, a “aura” de mistério que alguém forma ao seu redor? Em outras palavras, tudo serve para fazer convergir para os fins que o hipnotizador deseja alcançar?

- Podemos dizer que sim. As pessoas impressionáveis se deixam intimidar mais facilmente por tais recursos.

- Se Moisés usou o hipnotismo, as famosas pragas do Egito realmente aconteceram, ou as pessoas, hipnotizadas, julgavam ver o que na verdade não existia?

- Aconteceram realmente. Não com a intensidade mostrada em livros e filmes. Moisés conhecia o comportamento de determinadas espécies, sabia prever as condições climáticas a partir de determinados eventos, era um hábil conhecedor da alma humana. Tudo isso ele utilizava a seu favor fazendo parecer, diante da ignorância do povo, que

dominava os segredos da natureza. O conhecimento é uma forma de poder. No caso desse grande líder não se pode falar em hipnotismo ou magnetismo separadamente, mas em uma conjunção de fatores que, manejados sabiamente, dava a impressão de absoluta supremacia sobre todos os mortais que o combatiam. Não devemos esquecer que Moisés era um excelente médium e que seus guias espirituais estavam sempre a ampará-lo em sua tarefa.

- Em nossas reuniões de desobsessão aparecem Espíritos com perispíritos severamente deformados. Se na hipnose existem os que se rendem ao hipnotizador por livre vontade, na deformação perispiritual cuja causa é a hipnose, podemos dizer que o Espírito é violentado em sua vontade sendo obrigado a assumir uma forma que não deseja?

- Não é bem assim. O Espírito encontra-se fragilizado, acicatado pelo remorso, golpeado pela sensação de culpa que não lhe dá trégua. Em seu íntimo ele se sente uma fera, um animal, um verme. Está ciente de que extrapolou os limites da humanidade e adentrou-se na animalidade. Quer punir-se mas não sabe como. Quando encontra alguém que se diz no direito de lhe justiça ele não oferece resistência porque intimamente ansiava por aquilo. Esse alguém que traz o chicote na mão é o juiz que pode lhe calar a vontade inconsciente de ser chicoteado. O fato se apresenta para o infeliz que tentou burlar a lei como uma fuga da situação insustentável em que se encontra. Nessa condição ele se entrega sem reação.

- Entendo que o infrator sinte-se incomodado pelo sentimento de culpa e veja no hipnotizador uma chance de fuga ou de esquecimento. Por outro lado, admito que ele pouco se importa com o sofrimento pois está convencido de que merece sofrer. Mas ter o perispírito modelado em forma animalesca e portar-se como um animal ajuda a superar esse drama?

- Claro que não! Ele fica com dois problemas no lugar de um. A situação é semelhante a de um suicida que tenta evadir-se da vida a fim de esquecer o seu tormento. Ele julga que o suicídio o fará mergulhar no nada apagando assim os tormentos morais que o consomem. Porém, ao cometer o terrível ato contra si mesmo, surpreende-se vivo, duplamente afetado, vergado pelo fardo que o fez tentar a fuga e por outro que o conscientizou da impossibilidade desta.

- Como age o hipnotizador em casos assim?

- Ele poderia convencer passivamente o infeliz a quem quer subjugar de que, entregando-se a ele, todos os problemas que o afligem seriam esquecidos, o que, convenhamos, não é verdade. Mas isso geralmente não ocorre. Os Espíritos que dirigem núcleos trevosos e que se dizem *justiceiros* querem “exemplificar”, “justificar” seus atos como juizes, tornarem-se temidos e obedecidos através de gestos que demonstrem poder. É comum violentarem a vítima agredindo-a, desnudando-lhe cruelmente a intimidade, descrevendo com lente de aumento seus crimes, ocasião em que omitem os atenuantes e exageram nos agravantes. Este procedimento faz com que a vítima sinte-se um poço de culpas, excluída da paternidade divina, esquecida de que Jesus veio a este mundo para os doentes e os desgraçados. Sentindo-se um monstro, humilhada, execrada pelo público que, às vezes, assiste ao simulacro de julgamento, vê apenas a porta aberta que lhe aponta o hipnotizador e por ela se adentra.

- Como explicar a diversidade de formas que o perispírito assume, lobo, macaco, urso, morcegos, dentre outras? Essa forma é imposta pelo hipnotizador ou pelo hipnotizado?

- Geralmente o hipnotizador é também um hábil psicólogo. Estudando o caso ele busca a semelhança de comportamento entre a vítima e um determinado animal. Assim a

mãe que mata os filhos é uma fera que não poupa nem mesmo a sua prole. É uma loba que devora o que lhe é mais precioso, os filhos. A mulher cujo olhar hipnotiza, que seduz pela sensualidade, que conquista amantes e os deixa na miséria é a serpente que hipnotiza e envenena. Em um dos seus livros (Diário de um doutrinador), consta o caso de uma mulher cujo perispírito tinha a forma de uma raposa, pois este fora o nome que as esposas traídas e abandonadas lhe impuseram. A mulher, sedutora de maridos alheios, ainda encarnada foi assumindo perispiritualmente a forma desse animal, pois lhe agradava o apelido. Ao desencarnar a modelação estava pronta, feita pelo buril da sua própria consciência.

- Se é assim, como explicar as inúmeras deformações que se assemelham a morcegos?

- Induções. Quando alguém sente-se um verme o hipnotizador reforça: você é um verme! Só um verme faria o que você fez! Essa indução penetra na mente da vítima de tal forma que para se livrar do remorso e da dor moral que sente ela assume a aparência de um verme. A indução do hipnotizador vai ao encontro do conceito, às vezes, inconsciente, que o hipnotizado faz de si mesmo. Quando a vítima fez uso de drogas enquanto encarnada e se deixou viciar sugando a sua essência, o hipnotizador propõe substituir a droga pelo sangue. O ex-viciado, sentindo a aflição da síndrome de abstinência, ao sentir-se mais fortalecido, mais “animalizado” ao sugar a vitalidade desse fluido, vê nessa atitude uma chance de fuga do “inferno” que preparou para si mesmo. O hipnotizador, senhor da situação propõe: *só vampiros conseguem sugar o sangue com facilidade. Para os vampiros não há dores nem sofrimentos pois o material que lhes satisfaz é farto. Mas, para ser um vampiro, é preciso assumir uma forma.* No íntimo a vítima já se considerava um parasita da sociedade. Que lhe importa agora assumir uma forma se consciente ou inconscientemente já se considerava um carrapato, um morcego, um verme?

- Podemos concluir essa parte dizendo que a sintonia formada entre o hipnotizador e o hipnotizado pode ser cedida por este ou arrancada por aquele?

- Cedida, negociada, arrancada, são formas de expressão. Na realidade, a vítima, consciente ou inconscientemente cede a sintonia, em tentativa, às vezes, desesperada, de se livrar de uma situação que a subjuga e a faz sofrer. Isso não implica no esquecimento do problema que a martiriza nem na fuga da situação em que se colocou, agora agravada pelos novos fatos. No dizer popular ela salta das brasas e cai na labareda.

- Vamos pois aos casos que atendemos. Que pode nos dizer do Espírito que estava com seu perispírito em forma de lobo, seguro pela coleira e sob a guarda de uma mulher que o subjugava?

- A mulher era a hipnotizadora. Ambos faziam parte enquanto encarnados de um triângulo amoroso. Ela mantinha relações com dois irmãos. Um deles, enciumado, assassinou o outro suicidando-se em seguida. Ela, quando veio a saber do ocorrido, também suicidou-se. Passado o período de perturbação, ela *caçou* o assassino, pois amava mais ao que fora assassinado, encontrando ambos encarnados, novamente na condição de irmãos. O primeiro, o assassino, envolto na *camisa-de-força* tecida pela culpa e pelo remorso a exigir auto-punição. O segundo, em aparente normalidade. *Fera ferida* a mulher iniciou então violento ataque ao culpado, que se deixou subjugar suicidando-se novamente, caindo nas malhas da rede preparada para retê-lo. Utilizando de métodos hipnóticos, sugestionando-o e levando-o a modelar seu perispírito em forma de uma fera (*quem mata seu irmão por causa de uma fêmea é um animal; quem mata um inocente é pior que um animal, pois este mata apenas para se alimentar ou para se defender*), ela agora o retém, enquanto tenta levar o

outro, o encarnado, ao suicídio, para continuar seu triângulo amoroso, agora sob outro ângulo, o prazer da dominação e da subjugação.

- Se a vítima tem instantes de lucidez, por que não quebra o transe hipnótico e reassume a sua forma perispiritual original?

- Isso é muito difícil. O hipnotizador alimenta constantemente o processo. Você é uma fera! Só uma fera mata seu próprio irmão! Isso também pode ser feito através de minúsculos aparelhos eletrônicos implantados no cérebro da vítima. Este assunto será estudado posteriormente.

- Tentei conversar com esse Espírito e notei uma grande desorganização no seu pensamento. Essa confusão mental é característica em casos dessa natureza?

- Sim. O pensamento é fragmentado com predominância da idéia que o hipnotizador sugeriu e alimenta. Já disse alhures que essa idéia é uma espécie de síntese do conceito que a vítima tem de si própria, formada, geralmente, a nível inconsciente. Existe pois o núcleo do pensamento que é essa idéia dominante, rodeado por fragmentos recorrentes, ou seja, que retornam e saem do campo mental, ora atraídos pela importância de que se revestem na vida da vítima, ora tangidos pela força da idéia dominante. Em resumo, a vítima está louca.

- Como será o tratamento dessa loucura?

- Aplicamos as mesmas técnicas, mas no sentido inverso. Precisamos convencê-lo de que não é uma fera. Em alguns casos, quando o Espírito não tem condições de por si mesmo remodelar sua roupagem perispiritual utilizamos cirurgias, implantes com posterior retirada dos aparelhos eletrônicos, reeducação mental, dentre outras técnicas. Utilizamos também a reencarnação como modelagem, ocasião em que o útero, à semelhança de um laboratório guiado pelas leis da genética, possibilitam um alinhamento de formas no perispírito do reencarnante.

- E o caso do Espírito que se dizia um verme?

- Confesso que ainda não tinha observado um caso semelhante. Em resumo, eis o que aconteceu: São dois Espíritos que se odeiam há alguns séculos. O ódio, na condição de amor desnaturado, prende os seres, igualmente o faz o amor harmonizado, formando um elo difícil de quebrar. O mais endurecido, o hipnotizador, convenceu o outro de que ele era um verme, um covarde sempre em fuga, um traidor sem brios, indigno de constar entre os humanos. A sugestão foi aceita e a mudança de forma se instalou. Quando o hipnotizador conseguiu levar seu inimigo à condição de verme o fez destacando a idéia que ele deveria esconder-se em um casulo, lugar digno do covarde que era. O inusitado está aí. Ele mentalizou uma abertura em seu abdome e alojou o Espírito cujo perispírito estava reduzido e dentro de um casulo, dentro do seu abdome. Os dois Espíritos se sentiram “satisfeitos” nessa condição, formando uma simbiose rara e de difícil separação.

- Que se pode dizer de um caso como este?

- Que é raro, mas existe. Que o ódio une, que reencarnarão provavelmente como xifópagos. Que Deus a tudo assiste e encaminha para a regeneração. Isso não é tão fantástico. Você já doutrinou espíritos que julgavam estar ainda com o feto na barriga. Não nos esqueçamos do poder criador da mente nem da plasticidade do perispírito.

- É possível ao hipnotizador levar alguém a assumir formas de troncos e galhos retorcidos?

- As formas são as mais diversas. Estive com vocês na caça ao camaleão (caso descrito no livro *Doutrinação – diálogos e monólogos*). Aquele Espírito adquirira a habilidade de se modelar com facilidade a fim de se camuflar no ambiente. Você ainda se surpreenderá muitas vezes diante das formas que o perispírito pode assumir.

- Nas crianças portadoras de autismo e de síndrome de Down são utilizadas técnicas hipnóticas?

- As técnicas do hipnotismo são muito mais utilizadas do que julgam determinadas pessoas. Quando uma mãe diz para um filho que chora devido a uma dor que sente, *vai passar, filho! Vai passar!*, ela está utilizando a sugestão, a repetição, o carinho, o seu magnetismo amoroso para amenizar o sofrimento. Por isso afirmo que concorre para o bom resultado do hipnotismo um conjunto de fatores. Claro que com os autistas são utilizadas técnicas que facilitam a descristalização de idéias, que elevam a auto-estima. Tais Espíritos, que são crianças apenas na aparência, quando chegam às mãos da equipe de franciscanos, já foram trabalhados por outros técnicos, já se desligaram quase que totalmente da perturbação que os caracterizavam, encontrando-se mentalmente aptos e dispostos à aprendizagem de novos valores. Sei da sua sintonia com esse trabalho. A equipe utiliza-se da aplicação de passes, de induções, de cirurgias e, sobretudo, de muito amor, para que seus pupilos se sintam capazes. Os franciscanos dessa equipe são treinados para remover bloqueios e fixações. Daí a importância de os doutrinadores entenderem a necessidade da presença de determinadas *crianças* nas reuniões mediúnicas. Ao contato com o médium elas recebem um choque que ajuda no seu despertamento.

- Existe algum assunto que queira abordar?

- Assisti aqui, em uma reunião passada, uma discussão sobre o desejo do Espírito comunicante de *esconder* do médium o conteúdo de sua mensagem. Existe uma técnica no campo da hipnose que o comunicante utiliza fazendo com que o médium nada perceba de sua mensagem. O comunicante sugere e o médium aceita a sugestão de não *ouvir* a conversa. Pode ocorrer de a sugestão não ser aceita. Nesse caso, o médium não se submete ao domínio do hipnotizador e inconscientemente se recusa a ficar “ausente” durante a comunicação.

- E sobre a ordem dada por um hipnotizador durante o sono a ser cumprida tempo depois?

- Pode ocorrer. Essa ordem pode ser de um suicídio, um homicídio, uma briga em família Mas para que isso aconteça, geralmente o hipnotizador põe ao lado da vítima, *alguém* cuja função é lembrá-lo do *compromisso assumido* ou um aparelho eletrônico com a mesma função. O processo precisa ser alimentado para não cair no esquecimento.

- E os filtros para o amor, talismãs preparados para prender o ser amado, tão comuns entre os feiticeiros do Egito?

- Pura indução. Os filtros faziam o papel do placebo que, substituindo o remédio, induziam o doente a reagir contra a doença. Na verdade tais *fantasias* tinham a função de incutir mais confiança ao apaixonado tornando-o mais *agressivo* na arte de conquistar, cercando sua amada de gentilezas. Às vezes ele tinha sucesso, não pelo poder do filtro, mas pela ousadia, pelo assédio, pela fé em seus galanteios. O feiticeiro apenas aumentava a confiança do sedutor em si mesmo. Quem confia em sua vitória já tem parte do caminho percorrido na estrada da realização que idealizou. Queria dizer da alegria de ter estado com vocês e incentivá-los a permanecer nesse estudo tão proveitoso para encarnados e desencarnados. Que Deus nos fortaleça e nos inspire a sempre procedermos com retidão. Um abraço a todos.

Com essa entrevista terminamos a nossa incursão pelo hipnotismo. Não tínhamos a pretensão de devassá-lo e expor-lhe as entranhas, apenas queríamos identificá-lo como técnica obsessiva utilizada pelos inimigos da paz no que são combatidos pelos defensores da justiça, às vezes, através da mesma técnica. Caminhamos em linha tênue entre essas

duas tendências e os chamamentos são inúmeros de ambos os lados. Que Jesus, Caminho, Verdade e Vida, através de seu magnetismo amoroso, nos conduza aos verdes campos onde os fardos são leves e o jugo é suave.

3. O VAMPIRISMO

Alguns filósofos costumam apresentar o universo como uma diversidade disfarçada de unidade, ou seja, prevalece e nele pode ser reconhecida uma só diretriz a nortear todo o conjunto. Pensam assim, os que defendem o monismo, doutrina filosófica segundo a qual o conjunto das coisas pode ser reduzido à unidade, quer do ponto de vista de sua substância, e assim sendo o monismo poderá ser um materialismo ou um espiritualismo, quer do ponto de vista das leis, lógicas ou físicas, segundo as quais o universo se ordena, ocasião em que o monismo será lógico ou físico.

Tais filósofos parecem estar com a verdade, exceto uma parcela deles que fez de Deus um ser ausente de sua obra, deixando que apenas a Lei por Ele criada governe os destinos humanos. A legislação terrena é pródiga em seus julgamentos, de apelações, atenuantes, agravantes, testemunhos e outras tantas manifestações contra e a favor do réu para fazer valer a justiça nos casos que analisa. Poderia agir com menos cuidados a justiça divina?

O monismo que defendemos mostra Deus no papel de um juiz imparcial que criou a lei, mas que autoriza ampla defesa a quem a fere. Deus julga mais a intenção do que o fato em si. O louco que mata ou que se mata não sabe o que faz. Deveria ele suportar todo o peso da lei, na condição de homicida ou de suicida? Deus tem seus ministros e estes seus juizes, que por sua vez têm advogados. É assim que sua vontade chega até o réu, que tem a pena imposta pela lei após a observação de atenuantes e de agravantes a ele ligados. Em outras palavras, Deus não está ausente da sua criação deixando que a lei se cumpra com igual rigor para crimes supostamente semelhantes. Cada infração tem suas motivações e a isso Deus está atento.

Nesse sentido Deus interfere nos acontecimentos dos homens, dos países, do mundo. Não é um pai alheio às falhas ou virtudes dos seus filhos, mas abraça a toda humanidade com sua justiça, bondade, misericórdia e amor.

Detalhado o pensamento que adotamos, enfoquemos o vampirismo nesse contexto. Na natureza, o monismo é observado de maneira surpreendente em todos os reinos. A partir do vírus, parasita obrigatório, pois só consegue sobreviver no interior de células vivas, dos protozoários tais como a giárdia e a ameba que parasitam o intestino humano, passando pelos piolhos, pulgas, carrapatos, mosquitos, alguns morcegos, adentrando o reino vegetal com a usurpação da seiva por parte de ervas parasitas, mesmo no microcosmo onde os átomos *roubam* elétrons uns dos outros com a finalidade de se estabilizarem, vamos verificar que a organização e o objetivo são os mesmos: obter energia às custas de outros indivíduos.

O parasitismo é um capítulo obrigatório da Biologia em um mundo de provas e expiações, pois nele a própria natureza está em aperfeiçoamento. Desde que há prejuízo nesse tipo de relação para uma das partes, provavelmente ela não deve constar nos compêndios científicos e morais de um mundo mais aperfeiçoado onde a harmonia entre os seres caracteriza a paisagem natural, de vez que a evolução já erradicou os males advindos das imperfeições materiais e morais.

Sob esse ponto de vista particular, o monismo tem a sua faixa de atuação delimitada porque obedece a uma lei maior, a evolução. Enquanto não nos tornamos autônomos, dependemos de outras fontes para construirmos nossa aprendizagem. E isso é perfeitamente

natural dentro de um monismo maior que pode ser traduzido em sua essência da seguinte maneira: *na natureza tudo caminha para o Bem e para o Belo.*

Se esse processo de usurpação de energias inicia-se na matéria bruta onde os elementos químicos *roubam* átomos uns dos outros para adquirirem estabilidade, ou seja, permanecerem com 8 elétrons na última camada eletrônica, e adentra os reinos vegetal e animal na condição de evento natural, tal interpretação não é aceita quando praticada por Espíritos que executam esse ato. Dotado de inteligência e livre-arbítrio o Espírito ultrapassa a linha de permissão para que essa drenagem de energia seja praticada, sendo a mesma interpretada a partir daí não mais como uma condição natural mas como uma infração, de vez que tipifica uma invasão à privacidade e um dano à propriedade.

Aprofundando um pouco o caráter natural da lei nos reinos mais inferiores verificamos que doação e compartilhamento são atos inconscientes e involuntários. Entre os minerais não existe o livre arbítrio de seus atos, portanto, o fluxo energético representado pelo deslocamento de elétrons em um átomo para outro representa apenas o cumprimento de leis naturais que regem a matéria. Os átomos se estabilizam com 8 elétrons na última camada eletrônica. Se são instáveis, no encontro com outros igualmente instáveis, a lei encarrega-se de estabilizá-los através de uma redistribuição energética. E assim que as substâncias se formam e é essa a razão da busca pela estabilidade.

Nos reinos vegetal e animal, com exceção dos humanos, a regra é semelhante: automatismo, transição, adaptação para a sobrevivência, evolução rumo à autonomia. Nesse contexto as diferenças ficam por conta da presença do fluido vital, necessária à permanência da vida na matéria. Entre aqueles que fabricam o seu próprio alimento, os vegetais, encontram-se parasitas que se utilizam da seiva do hospedeiro causando-lhe prejuízos. O mesmo ocorre no reino animal, sem contudo, haver intenção de ferir ou prejudicar os envolvidos. A maneira utilizada pela natureza, sábia e diversificada, de conduzir os seres rumo a autonomia a que têm direito, não gera remorso, culpa, carma. A vida se espalha pela Terra de infinitas maneiras, dentro e fora dos seres vivos, e nem sempre as compreendemos bem.

Entre os humanos, pela existência do livre arbítrio, do discernimento, da consciência de que o ato de espoliar causa prejuízos a quem o executa e a quem lhe sofre os efeitos, o vampirismo constitui uma infração a lei de amor que deve gerir os destinos do orbe. Humanos têm condições de se tornarem autônomos gerando suas próprias energias e, se assim não procedem é, na maioria das vezes, por má fé, fraqueza moral, indisciplina ou qualquer outro motivo que os desabonam. A lei divina permite o parasitismo nos reinos vegetal e animal, mas entre os homens o vampirismo é severamente condenado sob qualquer expressão.

O Espírito, aquinhoado com o livre arbítrio, tem todas as condições de resistir ao assédio do mal. Ele sempre encarna com um plano previamente elaborado, cujas diretrizes visam elevá-lo da posição em que se encontra, impulsionando-o a estágios superiores de consciência; um amigo dedicado o acompanha, sempre mais sábio que ele próprio, o seu anjo guardião cuja missão é inspirá-lo, auxiliá-lo e protegê-lo contra os perigos da caminhada terrestre; tem a seu dispor o mais avançado código moral do planeta, o Evangelho de Jesus, a nortear-lhe os desejos; pode contar com a ajuda de amigos invisíveis que se movimentam para preservar-lhe os dons e a saúde; durante o sono físico pode encontrar abertas as portas de templos, universidades, oficinas de aprimoramento de suas faculdades e sentimentos, desde que com eles sintonizem; para que não seja tentado pela ociosidade, passaporte para o desregramento, espalham-se nos bairros os trabalhos

voluntários em creches, escolas, hospitais, templos religiosos, favelas. Mesmo sendo indigente, paraplégico, pode dispor da prece, da caridade, da vigilância, de infinitas expressões de trabalho e de fé executadas apenas pelo pensamento.

Espaço destinado para as páginas contendo o “pequeno painel do dreno de energias” que segue em anexo.

O homem de bem retira de suas ações o antídoto contra o mal. Por esta razão um vampiro só consegue vítimas entre os incautos, os negligentes, os que permanecem adormecidos mesmo após os chamados insistentes do amor.

Entende-se que, à princípio, o Espírito cometa erros devido a sua inexperiência. Mas, na construção de sua autonomia, tais erros, que em verdade podem ser tentativas de acertos, devem passar pela peneira do discernimento. Os resíduos que caem e que afetarão as próximas reencarnações devem ser cada vez menores, até que cessem por completo.

Vampiro, em linguagem simplificada é, portanto, qualquer Espírito que rouba energias de um outro, com ou sem a sua permissão. Entre os vegetais e animais irracionais esse dreno de energia chama-se parasitismo e entre os humanos é rotulado de vampirismo.

Essa espoliação despudorada acompanha a população terrena desde os seus dias mais remotos através da alimentação carnívora, do intercâmbio entre encarnados e desencarnados que se identificam por afinidades deploráveis, das oferendas aos deuses, em forma de sacrifícios de animais e humanos para agradarem a entidades que se satisfaziam com sangue.

Entende-se em eras recuadas o raciocínio estreito do homem querendo agradar a Deus com sacrifícios humanos. Mas, quem garante não haver neste ato uma indução vampírica com a finalidade de solapar as emanções energéticas do sangue das vítimas? Nos duelos, na chamada *justiça de Deus*, onde o acusado era submetido a dor superlativa ao entrar em caldeirões ferventes, colocar a mão dentro de fornalhas em brasa provando sua inocência se saísse incólume, nas cruzadas, na caça as *bruxas e advinhos*, nas torturas em geral, não se observa um cheiro de vampiro no ar? Não fez a Inquisição, por muitos anos, através de torturas e mortes, ecoar gritos de dor e derramar lagos de sangue? Viria tal inspiração da parte de quem advertiu, *fere com o ferro e com o ferro serás ferido* ou de quem induziu: *fere com o ferro e o sangue terás bebido*?

Analisemos um fato histórico: admite-se que no ano de 1212 d.C. os homens já deveriam ter aprimorado um pouco o bom senso e a lógica. Por que então acreditavam algumas pessoas que a única maneira de recuperar o Santo Sepulcro seria reunir um batalhão de crianças indefesas e envia-lo à Palestina? Haverá numa guerra, pensamento mais ingênuo e fanático do que este?

Investiguemos o caso. Em 1096, a primeira cruzada composta pelos maiores nomes da cristandade, fortemente armada, após 3 anos de intensa carnificina, em uma sexta-feira santa, matou quase toda a população de Jerusalém, tornando-se Godofredo de Bouillon, o defensor do Santo Sepulcro. O cheiro de sangue pairava no ar. Após isto, Saladino, através de uma *guerra santa* muçulmana, empreendeu a contra-cruzada retomando Jerusalém no ano de 1187. A cor do sangue maculava a terra. Este acontecimento suscitou a *Cruzada dos Reis*, na qual Frederico I, imperador do Sacro Império Romano Germânico, Felipe Augusto, rei de França e Ricardo Coração de Leão, rei da Inglaterra, lutaram bravamente, resultando como epílogo de tal drama a morte de Frederico por afogamento, a desistência de Felipe e a teimosia de Ricardo, que conseguiu alguns acordos com Saladino. A terra santa estava

molhada de sangue. A quarta cruzada foi completamente desviada de seus objetivos pela influência de Veneza. Esta exigiu 85.000 marcos de prata para transportar os cruzados. Diante da impossibilidade de receber o pagamento foi proposto um acordo no qual os cruzados atacariam Zara, que ameaçava tornar-se rival de Veneza no campo comercial. Após o saque desta, os venezianos sugeriram um ataque a Constantinopla já que não havia o interesse de guerrear com os muçulmanos com os quais comerciavam intensamente. Constantinopla foi parcialmente destruída, submetida a pilhagem, perdendo-se valiosas obras de arte e manuscritos preciosos. Foi uma cruzada de cristãos contra cristãos. A terra recebeu mais sangue e corpos. Mesmo após tanta carnificina, organizou-se em 1212 uma cruzada composta de 31.000 crianças alemães e 20.000 crianças francesas, pois acreditava-se que o Santo Sepulcro só seria libertado através das mãos inocentes das crianças. As crianças alemães dispersaram-se e muitas morreram. As francesas, embarcaram em 7 navios, sendo que dois deles naufragaram, morrendo todas que estavam a bordo. As demais foram vendidas como escravas. O mar também recebeu sua parcela de sangue.

A terra onde Jesus ministrou os mais elevados ensinamentos acerca do amor, da tolerância e do perdão, é ainda hoje regada a sangue, sem perspectivas de uma paz a curto prazo. O chão onde Jesus caminhou, sofreu e morreu, deixando a mais luminosa filosofia de vida, o mais vigoroso referencial, único capaz de unir os homens em um só rebanho, respeitadas suas culturas, parece ser abrigo de todos os vampiros ávidos de sangue, pois lá a linfa da vida escorre farta. O ódio entre irmãos é o bisturi que abre as veias e derrama o líquido precioso em cascata, negando tudo quanto inúmeros profetas e homens santos aconselharam. Na terra onde deveria correr leite e mel corre o sangue de velhos, crianças e de homens valorosos, mas equivocados em suas ações. Parece até que o chão que foi aquinhoadado com a maior cota de luz do planeta é atualmente o mais sombrio.

No meio desse rio de sangue não haveria o cheiro de vampiro no ar? Não estariam eles a induzir atos inconseqüentes cujo resultado final seja o sangue, matéria prima que sacia seus desejos insanos?

Quando um viciado fica longe da fonte que o *acalma* não é capaz de infringir todas as leis para dela aproximar-se? Para manter sua fonte sempre ativa, mesmo porque a exigência do vício requer cotas crescentes, não busca ele os meios, lícitos ou ilícitos, para satisfazer-se? Fomentar discórdias, guerras, homicídios, suicídios, fazer correr o sangue não seria uma maneira fácil, frente a invigilância de muitos? Mas voltemos à nossa linha de raciocínio.

Assim como a cota energética do ser parasitado é reduzida nas relações desarmônicas entre vegetais e entre animais, no vampirismo ocorre o mesmo. Temos pois, desencarnados vampirizando encarnados sugando-lhes energias vitais e encarnados vampirizando desencarnados com seus pedidos diários, suas ladainhas lacrimajantes, suas exigências descabidas sem o esforço de renovação. Isso pode ocorrer quando o encarnado, através do seu pensamento, *importuna* constantemente um desencarnado tratando-o como um *serviçal* que o represente junto as potências celestiais das quais deve conseguir favores não merecidos. Felizmente, a esse tipo de relação só se submetem pais, mães, avós... que, por amarem seus protegidos indisciplinadamente, tudo fazem, mesmo ignorar os apelos da justiça, para satisfazerem a seus pupilos.

Devemos também admitir que existem encarnados vampirizando encarnados, tal é o exemplo do trabalhador que tem suas energias canalizadas para o enriquecimento de um patrão que vive nababescamente e em retribuição ao esforço de quem o enriquece lhe dá o

mínimo em salário. O vampirismo, em suas variadas expressões, é moeda corrente nesse vasto mundo, a Terra, com amplas implicações em um outro que lhe perpassa, o espiritual.

Interessa-nos, sobretudo, neste tema, a vampirização de desencarnado para desencarnado, foco central do nosso estudo.

Se entre os vegetais e os irracionais o parasitismo é tido como natural devido a *inconsciência* de que são dotados, no vampirismo, onde existe a atuação consciente de um ser sobre outro, é condenável devido as conseqüências perispirituais e mentais que causa aos envolvidos.

Mas, apesar de o vampirismo gerar resultados desastrosos para vampirizadores e vampirizados, ambos tendem a se acomodarem à situação, talvez motivados por uma herança ancestral, lembranças e vivências de épocas remotas quando então entraram em contato com tal realidade na condição de princípio inteligente, pois o Espírito habita corpos de variadas espécies antes de atingir a fase humana.

Como no processo obsessivo o subjugado cede o domínio de si próprio através de uma sintonia, na vampirização a situação é símile. É a sintonia que possibilita o dreno de energias vitais e mentais, fato que debilita progressivamente o vampirizado. Na tentativa de acomodação, este se deixa espoliar, mas tem a seu favor alguém que, paradoxalmente, o protege contra qualquer prejuízo à sua integridade, em nome da preservação da *fonte alimentar* que representa.

O vampirizado dispõe de energias que deixam o vampiro *mais forte, momentaneamente encarnado quando delas se utiliza, por sentir mais intensamente as emoções e os efeitos gerados pelo uso dos alimentos, do sexo, das drogas*. É assim que o vampiro torna-se um dependente, incapacitando-se por si mesmo de prover a cota energética necessária às suas exigências espirituais e perispirituais. Podemos afirmar que o vampirizado é a droga do vampiro, e, em alguns casos, o vampiro é a droga do vampirizado, pois há os que os chamam e mesmo os atraem pelo pensamento.

Sabe-se que todo sistema que não é auto-sustentável está condenado ao esgotamento. Esse desfecho tão temido chegará fatalmente para ambos..

Caso o vampirizado desencarne, o vampiro sente o trauma da morte, seguindo ambos para as estações de tratamento, caso tenham créditos, pois o vampiro que se instala como uma planta parasita a uma outra hospedeira, perde a capacidade de viver, sentir e pensar por si mesmo, exigência da sintonia severa que lhe permitiu a abordagem, a fixação e o dreno energético a seu favor.

Lembramos aqui o pedido emocionado de Bezerra de Menezes, durante uma reunião mediúnica, ao vampiro que subjugava seu filho, ambos imantados um ao outro em dependência irreversível: *liberta meu filho! Eu não te quero mal! Ele já sofreu muito e a sua dor despedaça meu coração de pai. Seja lá o que ele te tenha feito, o amor de Jesus te recompensará e eu te serei eternamente grato.*

- *Não me peça isso! O senhor não sabe como o seu pedido me faz sofrer! Peça qualquer outra coisa e eu farei, pois muito admiro a sua bondade e a sua fé. Ele já não vive sem mim. Se sair de junto dele, morrerá.*

- *Mesmo assim, deixa- o! É meu filho. Permite que o teu ódio seja menor que o meu amor de pai. Liberta-o para que eu o veja lúcido uma última vez.*

- *Se o senhor quer mesmo isso, eu não tenho como negá-lo. Corra a sua casa e talvez ainda o encontre vivo.*

Dr. Bezerra correu à casa e, adentrando-a, ouviu as lágrimas de sua mulher: *Veja Bezerra, antes de morrer ele abriu os olhos e perguntou: onde está meu pai? Depois*

faleceu com essa expressão sossegada. O pesado laço do ódio fora quebrado pelo suave sussurro do amor.

Mas existem os vampiros que não se prendem a um só hospedeiro, qual mosquito hematófago que retira o sangue de quem estiver a seu alcance. Esses se organizam em bandos, planejam assassinatos, guerras, suicídios, invadem bares, festas, palácios, casebres, motéis, restaurantes, qualquer lugar onde o álcool, o prato gorduroso, a droga, o sexo, o sangue utilizado equivocadamente, seja o prato do dia.

Analisado dessa maneira parece que estamos condenados a conviver com tais parasitas para onde nos dirigirmos, pensará o leitor. É preciso que se diga que elegemos nossas companhias com nossos hábitos e atitudes. O homem de bem tem suas proteções. Seu estilo de vida forma um *hálito mental* que o identifica para os demais, sendo visto como alguém cujo escudo protetor impede uma aproximação maléfica. Somos o que pensamos e com o teor dos nossos pensamentos elegemos as nossas companhias encarnadas e desencarnadas. Portanto, ninguém é vítima senão de si próprio. Adotemos a vigilância e a oração e os anjos serão nossas companhias.

Nas reuniões de desobsessão em que trabalho já conversei dezenas de vezes com Espíritos que se deixaram prender no apertado laço do vampirismo tornando-se dependentes do vício. Os mais comuns são os enlouquecidos pelo sangue, sexo e drogas. Apresentam-se perispiritualmente deformados portando grandes asas como os morcegos gigantes, encapuzados para se tornarem mais temidos, com órgãos sexuais descomunais, presas, garras e ventosas, corpos peludos como os de animais, mondrongos e placas epidérmicas pelo corpo, aparência de lobos, ursos, macacos dentre outras aberrações.

É com essa estranha *fauna* humana que trocaremos idéias, auxiliados por nossos instrutores, interessados em auxiliá-los e resgatá-los das correntes do vício.

Nossos amigos espirituais afirmaram que trariam à reunião Espíritos envolvidos com o vampirismo, tanto aqueles que o praticam quanto os que sofrem seus efeitos. Preparamo-nos, pois reuniões desse estilo costumam exigir esforço redobrado de médiuns e doutrinadores. No dia marcado, após o desdobramento de uma das médiuns, esta começou, como de costume, a descrição do cenário a que fora transportada: *estou em uma região de difícil acesso, em meio a cavernas e furnas. Observo, sem ser observada, o que dizem três vampiros sobre uma suposta vítima que pretendem levar ao suicídio: Todos faremos o assédio e veremos quem fica com o troféu. “O cerco será fácil, ela não é afeita à prática religiosa nem à companhia de beatos. O sentimento de culpa deve ser amplamente explorado até minar-lhe as resistências. Ao final, mostraremos o clichê libertador: uma arma engatilhada que a salvará da desonra”. Um desses vampiros, o que parece ser o chefe, possui um capuz sobre a cabeça, fato que me impede de descreve-lo com mais detalhes, pois diviso apenas uma sombra no lugar do seu rosto. Seus pés possuem a aparência de cascos de animais e, detalhe que já notei em vários deles, traz uma cruz pendurada de cabeça para baixo amarrada a um cordão em sua cintura. Os demais são ambos portadores de deformações de vulto, tais como línguas enormes, placas epidérmicas no lugar da pele, órgão sexuais desproporcionais, dentre outras anomalias. Encontro-me com Tibiriçá e seus guerreiros, além dos nossos instrutores. Noto que eles trazem potentes holofotes que, certamente, serão utilizados no confronto. Tibiriçá, com sua costureira rede quando vai a combate, a tudo observa atentamente. A cena é bastante desagradável. Uma jovem de abdome aberto é violentada por um deles que parece sugar-lhe as entranhas. Apesar de já ter visto cenas semelhantes em outras ocasiões, custo a acreditar que um*

Espírito possa descer à condição de animal que se contenta com o sangue dos seus iguais. O instrutor dá o sinal e os holofotes são acesos voltados para o rosto dos vampiros. Não há tempo para a fuga pois Tibiriçá laça com sua rede o encapuzado e os guerreiros imediatamente dominam os outros dois. Sigo com o instrutor até a vítima. A comunicação vai começar: Saíam de cima de mim! Demônios, saíam de cima de mim! Meu Deus, livrai-me desses demônios...

A resgatada estava debilitada ao extremo. Praticara o suicídio por ingestão de ácido, falava com enorme dificuldade e não conseguia ouvir sequer minhas palavras tentando acalmá-la. A comunicação reduziu-se a um choque anímico com a finalidade de despertá-la e tirá-la do desespero em que se encontrava, vítima de esgares e de sufocação. Tal não foi a comunicação do vampiro que, consciente e raivoso por ter sido capturado, manietado por forte rede tentava intimidar-nos com bravatas e ameaças que não poderia cumprir: *Miseráveis! Ela me pertence. Nós não vamos ao terreno de vocês atrapalhar suas rezas. Por que invadem nossos domínios e nos perseguem? E o tão famoso discurso sobre o livre arbítrio? Eu estava exercitando esse direito quando esse brutamontes me prendeu.*

- *Aconselho a que modere o tom da conversa a seu próprio benefício. Quando alguém está fora da lei tem o seu livre arbítrio cerceado e seus direitos cassados. Você infringiu a lei, foi pego em flagrante pelo crime de vampirismo, a justiça divina o julgará e lhe dará a colheita conforme a sua sementeira.*

- *Um advogado de Deus? E onde está o advogado do diabo para me defender? Vocês são todos uns hipócritas que fingem comiseração mas não resistem a um minuto de exame severo de consciência.*

- *Sei que adora o clima de conflito. Aqui encontrará apenas consciências despertadas que o acolherão com preces e votos de equilíbrio. Agora afaste-se cuidadosamente da médium e, se ainda lhe restar um pouco de bom senso, comece a orar para enfrentar o que a lei lhe reserva.*

Terminado este atendimento já um outro se delineava com o desdobramento de mais duas médiuns.

- *Por favor ajude-me! Nunca estive em uma região tão hostil como esta em que me encontro. É uma espécie de rio, águas podres, restos humanos boiando, órgãos afundam e ressurgem numa dança macabra. Mãos aparecem de repente saindo da lama. Tenho a impressão de que centenas de olhos me observam. O instrutor diz que preciso resgatar alguém, mas não sei quem é. São muitos os gritos pedindo clemência e as mãos que surgem da água. Orem por mim!*

- *Você não está sozinha! Mesmo no vale da sombra e da morte Deus nos assiste. Em seu coração e em sua mente você saberá qual mão segurar e erguer quando chegar a ora.*

- *Que coisa horrível! Isso parece ser embaixo da terra. A mão... é aquela a mão que devo puxar!*

Então a médium agarrou a toalha da mesa, pois sem que eu notasse ela a prendera fortemente a sua mão. Aproveitei e segurei essa mesma mão e a elevei, fazendo parecer para o resgatado que o retirava da lama em que habitava. Seguiram-se ânsias de vômitos, falta de ar, toda a sufocação que um afogado apresenta ao ser resgatado. Passado esse primeiro instante e sem tempo para se recuperar, a médium já atendia a outro resgatado que, estranhamente, não queria sair do local em que se encontrava.

- *Larguem-me! Que querem comigo? Pedi ajuda a alguém? Quem disse que eu quero sair daqui? Estou satisfeito onde me encontro e não permitirei que me tirem!*

Aquilo me pareceu estranho. Quando alguém, em algum lugar, se sente incomodado por agressões externas, desde que não seja louco, agradece à mão que o salva. Seria um vampiro servindo-se da miséria alheia, sendo ele mesmo um dos pobres miseráveis? A situação não me permitia aprofundamentos. Fiz rápido atendimento pois já outra médium reclamava minha presença: *A situação aqui não é das melhores. Observo dezenas de vampiros, uma chusma molambenta com perispíritos deformados, ocupando construções em ruínas. O local onde me encontro mais parece um estádio de futebol. A construção, que lembra muito o Coliseu, tem ao seu centro a área de ocupação. O instrutor diz que eu não me concentre em descrevê-la, que cite aspectos gerais do cenário e esteja pronta para o resgate que ocorrerá em breve. Ao meu lado o mesmo grupo de sempre: nossos instrutores e os milicianos comandados por Tibiriçá. Há uma novidade nessa missão que preciso lhe contar. Bolas de fogo parecem cair do céu dispersando o bando em várias direções. Elas invadem o cenário provocando verdadeiro pandemônio entre os vampiros. Sinto o chão tremer sob meus pés dando a impressão de que o fogo penetrou no solo onde piso. Por um instante fiquei sem nada enxergar, mas Tibiriçá advertiu-me para nada temer pois a missão tinha a ajuda direta de Espíritos superiores. Volto a testemunhar o desespero gerado no ambiente. Vampiros são capturados enquanto que a assistência prestada aos vampirizados se desdobra. Se isso não é uma guerra não sei como classificar o que vejo. Nosso instrutor diz que alguns vampiros e algumas vítimas serão atendidos na reunião. Já cruzei pernas e braços (o corpo carnal da médium) para não me debater muito. A comunicação de um dos chefes vai começar: Todos são meus! Sou o senhor dessa fortaleza e não admito que a invadam! Saia das minhas costas seu índio nojento, você vai se arrepender de ter entrado aqui!*

- Acredito que está vendo suas ruínas pela última vez! Todos serão expulsos desse recinto e dele restarão apenas destroços. A casa que não serve ao Senhor deve ruir e seus habitantes dispersados ou encarcerados. Poupe suas forças para enfrentar o juízo final que já começou para você.

- Eu quero negociar! Sei que você quer alguns prisioneiros. Daremos todos, conquanto, nos libertem!

- Não estou autorizado a fazer negociações com criminosos. Se querem negociar procurem nossos instrutores e expliquem suas razões. Certamente ouvirão, desde que eles sabem que não há mudança em seus corações, apenas medo e covardia, palavras semelhantes as escritas na lei: a cada um será dado segundo as suas obras.

- Temos direito...

- Tem o direito de ficar calado! Não há outro direito para quem se outorga o direito de ser dono de companheiros indefesos, supliciando-os e deixando-lhes traumas de difícil superação. Nossa conversa chegou ao fim. E que Deus tenha piedade da sua alma.

Passado breve tempo foi a vez de uma vampirizada comunicar-se: *Por que ainda me exploram seus monstros? Nada mais há em mim para ser roubado. Procurem outra! Os ossos que me restam não serve mais para uma refeição.*

- Estamos aqui para ajudá-la. Esqueça tudo ao seu redor e concentre-se apenas na música que está no ar.

- Não me humilhe mais! A música que um esqueleto escuta é o chacoalhar dos seus ossos. Pegue outra. Vamos, pegue outra!

Elevei o volume da música e bati levemente no rosto da médium como se faz para acordar alguém que está imerso em profundo sono.

- *Quem é você? Socorra-me por favor. Pegue meus ossos, coloque-os no lugar! Veja, ali está um deles.*

- *Prometo que coloco todos nos devidos lugares. Quero apenas que se acalme para que possamos resgatá-la e levá-la a um local acolhedor.*

- *Como pode tirar-me daqui deixando meus ossos espalhados? Pegue, pegue todos, quero voltar a caminhar. Coloque esse que é o da minha perna.*

Fiz gestos como quem coloca nos devidos lugares os ossos das mãos, do braços, aprimei-lhe a cabeça, solicitei que mexesse os pés e disse para alguém que, supostamente estava do meu lado: pronto doutor! Todos os ossos estão no lugar. Pode levá-la para novos exames.

A mulher pareceu tranquilizar-se pois toda a sua agitação cessara. Entreguei-lhe o Evangelho que estava sobre a mesa para que ela o manuseasse certificando-se de que seus ossos realmente estavam nos locais adequados. Ela tomou o livro, abriu e mostrou leve sorriso admirada com o que via: *esta é a minha foto quando mais nova. Veja, o doutor está me dizendo que voltarei a ficar assim. É linda esta foto! Linda... linda.* E foi adormecendo devagar.

Após a reunião, nas discussões sobre o ocorrido em seu decurso, as médiuns concordaram que o local onde haviam estado era o mesmo. Uma espécie de fortaleza em ruínas tendo por baixo cavernas e um rio onde, mergulhados na lama, gemiam degredados, lamentando o destino que haviam construído para si próprios. Na condição de *esqueletos vivos* existiam inúmeros Espíritos, nem todos resgatados. A mulher que atendemos, enquanto se comunicava através da médium era segura pela coluna vertebral por Tibiriçá. Sua mente estava subjugada pela idéia de que era um esqueleto do qual haviam extraído todas as energias, restando apenas a carcaça calcificada. Tal idéia, cristalizada, impunha ao seu perispírito a macabra forma. Quanto às bolas de fogo, a médium desconhecia o fenômeno e jamais o havia visto, portanto, julgamos conveniente esperar pelo diálogo com nossos instrutores, ocasião em que ampliaríamos nossos conhecimentos e reduziríamos nossas dúvidas.

Na reunião de desobsessão seguinte recebemos novamente a visita da mulher com a aparência de esqueleto e de alguns outros resgatados e capturados. A idéia de que seus ossos se desprendiam com facilidade ainda a dominava:

- *Isso não tem mais jeito. Por que esses homens maus continuam a me perseguir? São demônios! Eles sugam o sangue, as carnes, a alma. Deixam somente os ossos e o sofrimento eterno.*

- *Eterno somente Deus. Todo sofrimento tem um ponto final e o seu já foi decretado por Ele. Não se torture tanto pois o pior já passou e à nossa frente a sentinela é a esperança.*

- *Não posso ter esperança! O crime que cometi é imperdoável. Eu a matei! Ela era tão pequena, tão frágil e eu quebrei todos os seus ossos. Era um anjo e eu a matei.*

- *Todos cometemos erros na vida. Chegamos a matar Jesus, um amigo que veio das estrelas para nos ensinar o caminho da felicidade. Mas Deus não nos nega oportunidades a fim de quitarmos nossas dívidas através do trabalho aos que sofrem mais do que nós.*

- *Mas eu não mereço isso. Aliás, como faria isso, esqueleto vivo que sou?*

Repeti a mesma técnica anteriormente empregada. Tomei as mãos da médium e fui movendo suas articulações, alinhando sua cabeça com a coluna vertebral, ao mesmo tempo em que pedia para que ela movesse as pernas e movimentasse o corpo. Em seguida adverti:

Veja! Todo o seu esqueleto está em ordem. Agora vamos revesti-lo. Novamente coloquei nas mãos da médium o evangelho, sempre presente sobre a mesa, enquanto a comunicante comentava.

- Já estou cansada de olhar para essas fotos. Esse álbum é o único consolo que me resta. Será que algum dia voltarei a ser assim? Olhos vivos, cabelos ondulados, esperança na vida... Meu Deus, como voltar no tempo?

Entendi então que os técnicos que a tratavam tentavam introduzir em sua mente a antiga imagem registrada em foto, em substituição àquela então cristalizada. Dei curso a essa intenção.

- Você vai ficar igual a imagem da foto. Mentalize fortemente sua antiga imagem, volte a esse tempo em que era feliz, deixe que os médicos a auxiliem nessa plástica. Vamos revesti-la com tecidos e músculos e em breve você retornará à felicidade.

Mas a mulher, que parecia melhorar, entrou novamente em desânimo seguido de sono, provavelmente provocado, para que não viesse a perder o instante de esperança que capturara ao olhar sua antiga foto.

- Ela era tão pequena! Quebrei todos os seus ossos! Terei direito a essa felicidade? Meus Deus! Tende piedade de mim...

Tratamentos dessa natureza podem durar arrastados anos. A consciência culpada, quando mal administrada, pode causar doenças prolongadas que afetam severamente a anatomia perispiritual como era o seu o caso. Todavia, o primeiro passo fora dado e, como são inúmeras as maneiras de que Deus dispõe para recuperar seus filhos transviados, a saúde já estava a caminho.

Concluída esta tarefa, já uma outra médium contorcia-se sob a força de um dos vampiros capturados.

- Vocês me enfraqueceram! Tiraram minhas forças! Não podem me prender aqui! Preciso voltar para minha casa!

- Sua casa não existe mais! Espero que possamos ajudá-lo de alguma maneira, livrando-o desse vício que o escraviza.

- Isso não é vício, é prazer! Você não entende nada de vampiros! Tiraram todas as minhas forças. Tenho o direito de voltar para casa, para o meu vale. Ninguém permanece lá injustiçado. Não é isso que querem, justiça?

- Queremos justiça, mas que ela venha com misericórdia. Essa é a receita divina. Deus não quer a morte do pecador, mas que ele viva e se converta. Os sofrimentos que a lei impõe ao infrator devem ser cobrados pela própria vida em sua imensa variedade de obstáculos postos àqueles que a malbaratam. Deus não precisa de malfeitores para fazer cumprir a sua lei.

- Isso é o que você pensa. Os anjos não têm coragem de supliciar ninguém. O papel de carrasco nos cabe porque nenhum bom Espírito se atreve a ocupá-lo. Somos instrumentos da lei.

- Esse discurso, embora tendo algo de verdadeiro, não justifica o seu erro. Um crime não justifica outro nem deve ser tomado como modelo para a educação de almas. A reeducação é filha da caridade e da justiça, jamais da violência. O destino de todo criminoso é, invariavelmente, o cárcere, mas com direito a tratamento digno que lhe respeite a condição humana, por ser filho de Deus, embora, momentaneamente equivocado.

- Sabe a quem supliciamos? São todas elas abortadeiras, suicidas, homicidas... Preciso voltar! Aquelas carnezinhas gostosas, aquele sangue.... Vamos! Bote aqui uma

gota de sangue na minha língua! Não tenho direito a essa caridade? Ponha apenas uma gota na minha língua...

A médium abriu a boca e expôs a língua, mostrando com absoluta fidelidade as intenções do vampiro. A partir desse momento o comunicante entrou em desespero tentando safar-se da força que o mantinha atado a médium.

Não corte minha língua, não faça isso! Vocês são loucos, como podem cortar a minha língua? E a condição digna de que falavam?

Os técnicos amputaram o excesso da enorme língua do vampiro, utilizada para sorver as emanções do sangue. Explicaram que foi uma cirurgia e não, um castigo. Que seria difícil e demorado esperar que ele, por suas próprias condições, voltasse a modelar uma língua normal, de vez que cristalizara a idéia de sorver o sangue utilizando-a como absorvente, fato que, gradativamente, a deformou. Por outro lado, o vampiro, sentindo a amputação, ficaria convicto de que sua língua agora tinha o tamanho normal, convicção que contribuiria para que a remodelasse adequadamente (pela aceitação dessa nova imagem), segundo esse novo referencial.

Fato marcante foi a expressão facial da médium após a amputação de parte da língua do vampiro. Ela continuou falando pausadamente sem mexer lábios e língua, como se, realmente, estivesse sem esse órgão. O vampiro saiu consciente, para outros tratamentos.

Uma outra vítima dos vampiros, portadora de forte fixação, foi atendida.

- Não tirem ela de mim! Ela é minha! Saiu de mim! Saiam demônios! Não toquem nela! Ela é minha!

- Ninguém vai tocar em você ou em sua filha. Só queremos ajudar! Se disser o que podemos fazer para que se sinta mais segura, nós a atenderemos.

- Quero que saíam de perto de mim. Que não toquem nela!

A intervalos irregulares a mulher parecia acalantar no colo uma criança, para em seguida, tentar afastar os vampiros que a torturavam. Em determinado instante pegou o evangelho que estava sobre a mesa e começou a embalá-lo chamando-o de minha filhinha. Que drama profundo se escondia ali? Teria ela abortado voluntariamente e em seguida, acossada pelo remorso, posto um fim àquela existência? Não era meu papel aprofundar a ferida, mas colocar sobre ela unguentos e ataduras.

É linda a sua filha! Precisamos conseguir um local onde tenha um berço e uma cama para você ficar. Agora que estamos em segurança e que a menina aquietou-se acredito que possa dormir um pouco.

Sob o efeito de passes calmantes a mulher foi adormecendo, largando o evangelho sobre a mesa. A noite lá fora estava cheia de convites para o trabalho noturno, enquanto nossos corpos descansassem da corrida do dia. Seria mais uma noite azul, com a alegria de estarmos juntos a amigos verdadeiros, na pátria verdadeira, em contato com a riqueza verdadeira. Certamente iríamos dar prosseguimento aos trabalhos desenvolvidos no Centro Espírita, pois é assim que ocorre há muitos anos. Para nós, se o tempo não pára e a vida escoar interminável o trabalho deve seguir-lhes o ritmo.

Iniciamos o domingo destinado ao Grupo de Aprofundamento Doutrinário com a curiosidade de sempre. Perguntas engatilhadas, bom ânimo em alta, ouvimos a voz da médium que se deslocara até um hospital onde nossos instrutores estavam reunidos: *encontro-me em um hospital cuja arquitetura muito se assemelha a dos antigos gregos. Em uma das salas, sentados em volta de uma mesa redonda, estão nossos amigos, Kröller, Mário e o hindu. Como a reunião de hoje tem o caráter de eliminar possíveis dúvidas que*

nos atormentam, o escolhido para tal missão foi o nosso amigo de turbante. Inicialmente ele descreve detalhes sobre o atendimento do hospital, enfatizando as cirurgias, o tratamento psicológico, as regressões de memória, os passes e outras terapias ministradas. Aqui, diz ele, não se fala em religiões, mas em religiosidade, não se destaca o Espiritismo, mas o espiritualismo puro, fraterno, sob a forma de uma medicina holística voltada para a valorização da vida e Daquele que a criou. Aqui se cuida do Espírito em sua inteireza, resume.

Estamos de volta ao Centro Espírita. A comunicação vai começar:

- Bom dia a todos. Que a paz de Jesus nos acompanhe sempre. Como participante dos últimos trabalhos nos quais vampiros e vampirizados foram resgatados, aqui estou para tentar esclarecer alguns pontos obscuros desses eventos, embora não seja alguém especializado no tema.

- Agradecemos a sua colaboração de há muitos anos e gostaríamos que nos resumisse o intercâmbio dos vampiros com os encarnados, crescente nos dias atuais.

- O vampirismo, em suas diversas gradações e denominações, ainda se encontra em plena evidência no cenário terreno. O tipo mais conhecido nas reuniões de desobsessão pertence a classe que se satisfaz com o sangue de animais mortos e utilizados na alimentação humana, dos restos de fluidos vitais de cadáveres, do sangue que corre dos homicídios, suicídios, abortos, espetáculos de magia negra, enfim, atos gerais de guerra. Tais hábitos e atitudes são bastante inferiorizados e agravados pelo incentivo que eles promovem na tentativa de perpetuá-los, para deles obterem os fluidos que, por breve tempo os saciam. Essa classe busca a todo custo a energia contida no sangue que, aspirada, a torna mais “forte” momentaneamente, fazendo-a sentir as emoções grosseiras que cultiva, de maneira semelhante à que sentia quando encarnada. Trata-se de uma tentativa de continuar vinculada ao ilusório mundo animal, em completo desprezo à condição espiritual que deveria perseguir. Lembramos que o vício do sangue, do álcool ou de uma droga qualquer aqui utilizada entre os desencarnados, segue as mesmas regras dos vícios que escravizam os encarnados quando os impelem a buscarem doses cada vez maiores a fim de obterem os mesmos “prazeres”, sentindo-se torturados, quando deles se afastam, ocasião em que lhes castigam a síndrome de abstinência.

- Quer dizer que os viciados terrenos são potenciais vampiros ao desencarnarem?

- Nem sempre. Muitos têm algum mérito e são amparados conforme o merecimento. Outros, após serem vampirizados, tornam-se vampiros ou são resgatados. Recaindo a escolha sobre o vampirismo, passam a modelar, às vezes inconscientemente, o seu perispírito conforme a prática do vício que os degradam, razão pela qual os videntes os descrevem com as anomalias citadas.

- E quanto as outras categorias de vampiros?

- Existem os que preferem o sangue humano, cujas energias são mais refinadas que as dos animais e lhes proporcionam uma vitalização mais sutil capaz de os fazerem sentir com mais intensidade os resultados dos vícios e paixões doentias a que se entregam. Almas atormentadas, continuam, mesmo após a morte física, a obedecer aos reclames do Espírito enfermo, que exige a cota do “veneno” a que acostumou-se e que lhe transforma os sentimentos e as formas perispirituais em algemas, quebradas apenas com lágrimas e dores profundas. É comum nos bares onde a bebida corre farta a presença de vampiros sugadores de álcool, assim como em motéis onde o sexo desvinculado do sentimento afetivo é praticado, a atuação de maníacos sexuais. O raciocínio é o mesmo para o ponto das drogas e para qualquer vício degradante. O Espírito animalizado vai aonde pode

satisfazer seus instintos inferiores. O beija-flor busca o néctar das flores assim como os alguns vermes preferem matéria putrefata.

- Poderia nos dizer quais os vícios que mais causam derrocada na estrada evolutiva dos Espíritos?

- Pelo que tenho observado entre os vampiros, os responsáveis pelo maior número de quedas morais são o sexo desregrado e a sede de poder. Aqui tratamos a sede de poder como um vício e aquele que a possui como um viciado. Para nós aquilo que se torna um hábito e que se repete prolongadamente é um vício. Portanto, são viciados os egoístas, os orgulhosos, os que têm sede de poder e outros tantos cativos incapazes de agirem pensando em interesses alheios. Isso amplia muito o conceito de vampiro, mas a rigor, todos os citados, se tiverem oportunidade, drenam energias alheias para suas reservas.

- A médium citou a presença de bolas de fogo durante a batalha. Que eram elas?

- Faziam parte de uma técnica utilizada pelos bons Espíritos para invadir regiões perigosas. Por nós mesmos não teríamos condições de invadir aquele reduto. Solicitamos o auxílio superior e o obtivemos. A intenção não era punir nem ferir os vampiros, mesmo porque vampiros e vampirizados estavam juntos. Quando a polícia invade um presídio lança bombas de gás, balas de festim, liga sirenes barulhentas e utiliza outros instrumentos de intimidação. Aquelas bolas de fogo tinham a função de amedrontá-los, desnorteá-los, cegá-los momentaneamente, enquanto capturávamos alguns e resgatávamos outros. Fazia parte da técnica de combate que traçamos.

- O que ocorreu com o reduto após a captura de alguns.

- Permanece lá porque não tivemos a ordem de demolição. Infelizmente ali ainda reina o sofrimento dos vampirizados e a agressão dos vampiros.

- Existem ordens para arrasar construções deixando apenas a terra limpa.

- Sim. Quando chega a hora do basta é basta mesmo. Quem determina isso são os Espíritos superiores. Mas para aquele reduto essa hora ainda não soou.

- Poderia nos falar mais um pouco sobre esses antros criados por Espíritos ignorantes com a finalidade de escravizarem outros, igualmente, ignorantes.

- Imagine uma organização trevosa onde existem soldados que a defendem, torturadores, planejadores, comandantes, técnicos em hipnotismo, em regressões de memória, em guerrilhas, espiões, carcereiros, prisioneiros. Imagine ainda que nessa organização Espíritos de consciências culpadas sejam transformados em animais de combate e de guarda de valores, quais cães de caça que vigiam e protegem seus donos e seus domínios. Todo esse cenário é cercado por material “elétrico”, torres com vigias e armamento bélico. Aqui não se troca tiros como nas trincheiras terrestres, mas o arsenal que é movimentado com as energias mentais não permite que a selvageria fique aquém.

- O vampiro que foi capturado disse algo sobre retirar energias de crianças abortadas. Eles conseguem vampirizá-las?

- Somente em casos em que elas se grudam ao perispírito materno tentando levar a mãe à morte por motivo de vingança. A vibração de ódio do reencarnante, frustrado por ter sido rejeitado, e a hemorragia provocada pelo aborto, chamam a atenção dos vampiros, que podem se aproveitar da situação de dois seres que se digladiam e que, por seus atos brutais, afastaram a ajuda com a qual poderiam contar em momento tão delicado.

- Pode nos descrever o local invadido?

- É a representação dos pensamentos desorganizados e doentios dos vampiros e dos vampirizados. Todavia, é também uma fortaleza de alto poder desagregador do pensamento. Alguém lúcido que a adentre sente-se mal com o bizarro, o grotesco e a

assimetria ali reinantes. O ar é pestilencial as cores são berrantes, o clima é estressante. Na atmosfera enervante que lá impera somente Espíritos cujas mentes apresentam alto grau de desequilíbrio conseguem permanecer.

- E quanto a mulher que se via como um esqueleto?

- Está em tratamento. Passou por uma regressão de memória na qual voltou à idade de 7anos de idade é através de sugestões e induções se fortalecerá com as parábolas evangélicas, atingindo o ponto traumático do aborto com mais fortaleza e confiança. Nessas condições, ela reconhecerá o erro mas o enfrentará com coragem e fé na sua superação. Posteriormente se engajará em algum trabalho, participará de estudos, elevará sua auto-estima, pois é da lei que tudo se encaminhe para a perfeição através dos milênios.

- Podemos considerar um chefe de Estado que rouba energias do seu povo a benefício próprio um vampiro?

- No conceito adotado pelo grupo, desde que ele pratique a usurpação através de impostos e não a devolva em benefícios para a população, desviando reservas para seus cofres, é um vampiro que está severamente comprometido com a lei. Todavia cumpre lembrar que um governante nunca está sozinho. Sua equipe é igualmente responsável e também o povo, que tendo o poder nas mãos, aceita passivamente ser espoliado.

- Existe algo que queira nos dizer que não lhe perguntamos?

- Apenas que muitos vampiros encarnados, tais como este último citado no campo político, ao empreenderem a viagem derradeira levados pela nave da morte, aportam na pátria espiritual cercados por vampiros que, imediatamente, os aprisionam e reclamam a devolução daquilo que foi drenado. Não esperam sequer que a putrefação cadavérica quebre os laços perispirituais do infeliz, pois os rompem a golpes e dentadas de ferozes sugadores que, de pronto, o esvaziam dos restos de fluidos vitais adquiridos na terra.

Que ninguém se engane. O bom pensamento gera o bom fluido, que atrai o bom amigo, que aconselha o bom gesto, que permite uma boa morte, que o envia a um bom lugar. Quem anda à busca de um antídoto contra o vampirismo pratique a caridade, o perdão, o trabalho honesto e produtivo. Se nas nuvens de testemunhas que nos observam existem olhos maléficos que nos espreitam induzindo-nos pensamentos e atos inferiores, igualmente há olhos que nos incentivam ao bem e à resistência aos pseudo prazeres, cabendo a nós, e somente a nós, a decisão sobre o caminho a trilhar.

Que Deus nos ampare a todos e nos conduza às estações de paz e de trabalho.

Com tais reflexões e advertências olhamos a janela que nos permitia ver a atuação de vampiros e o sofrimento dos vampirizados. Quando será fechada? Quando o bem sobrepujar o mal e a fraternidade for o artigo primeiro de nossas constituições postas em prática, acredito que estaremos próximos desse dia. Até lá, vigiemos, oremos e trabalhemos para que nossos encontros sejam somente com a paz.

4. A REGRESSÃO DE MEMÓRIA

A regressão de memória, atualmente utilizada como terapia para inúmeros traumas inexplicáveis àqueles que não admitem o Espírito como um antigo viajante que visita periodicamente através do revestimento carnal este velho mundo, avança na aceitação de muitos pesquisadores como técnica capaz de explicar coerente e racionalmente muitos tormentos da alma.

Na verdade, fazemos incursões através do pensamento a um tempo passado, freqüentemente, pois a cada dia estamos tentando lembrar de informações ou eventos já arquivados na memória. Tais regressões restringem-se a existência atual e são necessárias à vida de relação, à aprendizagem e à construção do conhecimento. A regressão que ora estudamos neste capítulo refere-se ao processo espontâneo ou provocado que envia o Espírito a um passado, geralmente distante, que o traumatizou, resultando disso reflexos negativos no presente.

Seria a regressão de memória uma técnica de eficiência comprovada, de vez que observamos rotineiramente a sua aplicação pelos bons e até pelos maus Espíritos? A julgar pelo largo emprego e pelos resultados positivos obtidos com a sua aplicação nas reuniões de desobsessão e nos tratamentos hospitalares do além, diríamos que ela se presta como excelente auxiliar para os mais variados diagnósticos.

Mas, sendo o esquecimento do passado uma conseqüência natural do renascimento, o conhecimento de fatos trazidos à tona através de uma regressão de memória não estaria em oposição com as leis naturais e, conseqüentemente, não poderia resultar em algum dano a quem a ela se submeta? Vejamos a palavra da codificação quanto ao esquecimento do passado para aqueles que se encontram na carne: *Não há, no esquecimento dessas existências passadas, sobretudo naquelas que foram penosas, alguma coisa de providencial e na qual se revela a sabedoria divina? É nos mundos superiores, quando a lembrança das existências infelizes não é mais do que um sonho mau, que elas afloram à memória. Nos mundos inferiores as infelicidades atuais não seriam agravadas pela lembrança de tudo aquilo que se suportou?*

... A lembrança de nossas individualidades teriam inconvenientes muito graves; poderia, em certos casos, nos humilhar extraordinariamente e, em outros, exaltar o nosso orgulho e, por isso mesmo, entrar o nosso livre arbítrio. Deus nos deu, para nos melhorarmos, o que nos é necessário e nos basta: a voz da consciência e nossas tendências instintivas, privando-nos do que poderia nos prejudicar. Acrescentemos, ainda, que se tivéssemos a lembrança de nossos atos pessoais anteriores, teríamos igualmente dos atos dos outros e esse conhecimento poderia ter os mais deploráveis efeitos sobre as relações sociais. Não havendo sempre motivos para nos glorificarmos do nosso passado ele é quase sempre feliz quando um véu lhe seja lançado.

... Entrando na vida corporal o Espírito perde momentaneamente a lembrança de suas existências anteriores, como se um véu as ocultasse. Todavia, ele tem algumas vezes uma vaga consciência e elas podem mesmo lhe serem reveladas em certas circunstâncias; mas é apenas pela vontade de Espíritos superiores que o fazem espontaneamente, com um fim útil e jamais para satisfazer uma vã curiosidade.

... As vicissitudes da vida corporal são, ao mesmo tempo, uma expiação pelas faltas do passado e provas para o futuro. Elas nos depuram e nos elevam segundo as suportemos

com resignação e sem murmurar. (O Livro dos Espíritos – Comentários às respostas das perguntas 394 e 399)

Pelo exposto, os acontecimentos passados devem ficar adormecidos na presente existência a fim de que o Espírito manifeste e desenvolva sua inteligência e sua moral em outro contexto, como se iniciasse uma nova jornada livre de influências que o contaminaram. O esquecimento, embora momentâneo, além dos argumentos já apresentados, pode ser encarado, em alguns casos, como uma punição, pois privando o Espírito de conhecimentos que facilitariam o seu desempenho se deles pudesse dispor livremente, torna seu trabalho mais penoso e sua visão de mundo mais obscura. Resta-lhe, nesse particular, como nos demais, pois a misericórdia divina é inesgotável, as idéias inatas que afloram como lampejos em meio a escuridão, bem como as tendências, contra as quais, se são negativas, deve lutar.

Não somos contra a regressão de memória em encarnados. Preferimos, porém, que a necessidade dessa técnica, em cada caso, seja estudada exaustivamente a fim de que revelações inoportunas não venham a agravar um estado emocional que já se apresenta conturbado. O Espírito Emmanuel adverte àqueles que a buscam por motivos fúteis: *A nossa própria existência atual nos apresentará as tarefas e provas que, em si, são a recapitulação de nosso passado em nossas diversas vidas, ou mesmo somente de nossa passagem última na Terra, fixada no mundo físico, curso de regeneração em que estamos integrados nas chamadas provas de cada dia.*

Com as devidas ressalvas, analisemos os motivos pelos quais alguém busca uma regressão de memória. Segundo aqueles que a utilizam, os traumas que não encontram soluções em terapias tradicionais são o principal motivo. Depressão, melancolia, fobias variadas, dores inexplicáveis sem causas aparentes e até a curiosidade sobre o tema são outras causas. O terapeuta utiliza em suas sessões o relaxamento, conduzindo o paciente, que regride de maneira consciente, ou a hipnose, na qual ele recebe ordem de voltar no tempo e obedece.

Mesmo estando embutido na regressão de memória os conceitos de preexistência, sobrevivência e permanência do Espírito no plano espiritual no intervalo de tempo entre as reencarnações, a existência do perispírito e a atuação dinâmica da lei de causa e efeito, isso não interfere no resultado do tratamento caso o paciente desconheça ou desacredite nessa realidade.

Uma curiosidade bastante natural no estudo desse tema é saber como em meio a tantos fatos e informações, o Espírito é enviado exatamente ao ponto que o traumatizou. Na tentativa de entender essa viagem suponhamos que a memória seja uma vasta biblioteca onde estejam arquivados os volumes relativos a todas as nossas encarnações. A regressão, no caso terapêutico, consistiria em pinçar fatos marcantes desses volumes onde piscam luzes de advertência. Mas como direcionar o leme no grande mar que é a memória, de maneira a aportar exatamente no ponto em que se situa o trauma? Em outras palavras: como encontrar a página de um livro em meio a tantos outros que compõem a grande biblioteca que é a mente? Sendo o trauma um sinal de alerta, o Espírito, uma vez sugestionado para que volte ao passado, dirigir-se-á exatamente àquela página, alvo de suas preocupações constantes?

Vejam algumas situações em que o Espírito é levado à regressão por motivações diferentes:

Durante a doutrinação de Espíritos em reuniões de desobsessão os instrutores espirituais aplicam a técnica da regressão de memória fazendo com que os litigantes

revejam fatos que os motivam à vingança, ocasião em que são chamados à correta interpretação dos mesmos e incentivados a assumirem no drama em que se inserem a responsabilidade que lhes competem.

Um choque emocional violento pode destravar os centros da memória onde se arquivam eventos passados e fazer recuar o Espírito a cenários onde infelicitou a sua vida através de atos indignos, causa atual de seus infortúnios.

É possível ao Espírito que domina a técnica da auto-regressão aplicá-la a si próprio, retrocedendo no tempo, mantendo-se lúcido, sem perder a consciência do momento presente. As finalidades dessa regressão podem ser as mais diversas: pesquisa, ensinamento, registro de fatos históricos, dentre outros. Há de se levar em consideração neste caso, a evolução moral-intelectual do Espírito que utiliza a técnica.

Algumas vezes, durante o diálogo a que chamam de doutrinação, o Espírito é arremessado ao passado por uma palavra, espécie de chave que abre o livro da memória, na página exata que necessita ser lida. Certa feita, dialogando com um Espírito que fora um iniciado egípcio, quando pronunciei a palavra “Nilo” ele mergulhou no passado e, já revivendo fatos ali transcorridos, iniciou a narração de sua história, dizendo: esse rio é sagrado para mim...

Através do relaxamento, da indução, os Espíritos nos remetem ao passado a fim de nos tratar e nos levar a superação de traumas que afetam nosso desempenho atual. Esse teste foi aplicado em quatro componentes do nosso grupo de estudos, ocasião em que reviveram situações dolorosas de suas existências passadas, demonstrando toda a emoção, sofrimento e aflição pelos quais haviam passado.

O Espírito pode fazer regredir sua memória, ao mesmo tempo em que modifica a sua aparência perispiritual que obedece as diretrizes impostas pelo pensamento. Dessa maneira ele se apresenta como preto, índio, abastado, andrajoso, com sinais particulares ou com qualquer outra característica que o identifique ou relacione ao passado que quer retomar. Pode, inclusive, sempre que se desvencilhe do traje carnal, voltar a esse passado que lhe marcou e, através de uma evocação mental, em tudo refazer as condições que o caracterizaram.

A memória, como se constata através do estudo e da vivência doutrinária espíritas, contém, portanto, um banco de dados vastíssimo cuja importância das informações foi e é determinada pelo Espírito que o detém. Podemos afirmar, baseado na história de vida de cada Espírito que todas as memórias são diferentes não somente em informações, mas, sobretudo, no valor dado a essas informações. O que é sumamente importante para alguém pode ser desprezado por outro. O que é desprezado, ou seja, não tem valor para determinado Espírito, pode não constar no seu banco de dados. Isso nos indica que cada volume tem uma arrumação específica imposta por cada pessoa.

Analiseemos, ou melhor, especulemos sobre a organização dessa biblioteca: ela pode ser ordenada tomando-se como base as encarnações. Cada volume pode expressar o conteúdo de uma encarnação ou várias. Poderia constar em suas páginas a atuação do Espírito por um milênio com os fatos gerados por ele enquanto encarnado e desencarnado. Naturalmente os registros, se assim for, incluiriam apenas informações relevantes tais como: datas relativas as encarnações e aos desencarnes, nomes, profissões exercidas, parentela, volume de fluidos vitais para as relativas encarnações, aprendizagem, evolução moral e intelectual, atenuantes, agravantes, dentre outras. O que uma pessoa jantou na noite de 1212, desde que este jantar não tenha sido a causa de sua morte ou não esteja ligado a

nenhum fato relevante que tenha marcado a sua vida, não precisa constar, necessariamente em sua memória.

Arrumemos pois esta biblioteca em três prateleiras: consciente (personalidade), subconsciente e inconsciente (individualidade), admitindo a possibilidade de interferência de uma sobre as outras, ou seja, o consciente pode receber interferências do subconsciente e ser influenciado pelo conteúdo do inconsciente já que é deste que resulta, na maioria das vezes, as tendências e as idéias inatas. O consciente recebe continuamente as informações e os fatos da nossa vida de relação bem como as interferências do subconsciente e reage a essas mensagens e interferências tomando providências que julgue necessárias à integridade e à harmonia do conjunto. A interferência do inconsciente sobre o consciente se faz de maneira velada. Baseia-se na larga cota de experiências acumuladas em séculos de existência nos quais solidificou um conjunto de normas e valores que faz *vazar*, cedendo informações para as demais prateleiras sempre que se estabelece um encaixe ou uma sintonia com o momento vivido. Se a semelhança entre o passado e o presente é muito grande, ou seja, o encaixe entre as situações é perfeito, o passado pode retornar violentamente e até confundir-se com o presente. Poeticamente poderíamos dizer que, na pessoa encarnada, consciente, subconsciente e inconsciente podem ser interpretados como luz, penumbra e sombra.

Alguns poderão argumentar que passado é passado e não retorna para assombrar o presente. Aqueles que admitem a reencarnação como lei natural sabem que a cada lição não aprendida pelo Espírito segue-se uma recapitulação. Alguém que capitula diante de uma obrigação e tenta a fuga através do suicídio, terá, conseqüentemente, que enfrentar uma situação semelhante e superá-la.

Vale ressaltar que nem todos os traumas que nos afligem têm sua gênese em existências passadas. Muitos deles podem resultar de relações desarmônicas ocorridas na fase uterina, na infância ou demais períodos da atual jornada terrena. A literatura espírita é farta de exemplos nesse sentido: *Armando observava como os verdugos agrediam o Espírito em processo reencarnatório, chibateando-o, usando chuços pontiagudos que produziam dores a refletir-se no corpo frágil como estertor e convulsão* (Árdua ascensão – Victor Hugo).

Neste drama observa-se um Espírito em processo reencarnatório, com o corpo carnal portando anomalias físicas, já no útero materno, agredido severamente por inimigos desencarnados. O ódio dos inimigos do reencarnante era tamanho que chegaram a urdir um plano para inviabilizar a sua reencarnação provocando na mãe, forte sentimento de rejeição ao bebê. Ao toma-lo nos braços ela sentia ânsias de matá-lo, fato que se prolongou até mesmo ao período posterior ao nascimento, quando sentia ganas de sufocar o recém-nascido.

Nos primeiros anos de existência de uma criança seu Espírito é muito receptivo a informações e a uma nova programação educativa. É nessa idade que os pais e os educadores devem investir em sugestões benéficas visando consolidar futuramente uma personalidade altruísta e uma auto-estima vigorosa. A criança acata e incorpora eventos sem proceder a uma análise crítica e sem a observância de fundamentos lógicos, principalmente se esse fato se repete com freqüência. Esse argumento pode ser utilizado a favor da boa educação da criança, ocasião em que se busca reforçar com atitudes positivas e com incentivo, o bom desempenho de suas tarefas. Caso contrário, se a acusam constantemente de negligente, preguiçosa, desajeitada ou incapaz de aprender, certamente

ela terá no futuro imediato e distante, graves problemas de aprendizagem e de autoconfiança, mesmo que seja portadora de elevado nível de inteligência.

Outros tantos problemas traumáticos, material abundante em um mundo de provas e expiações, se somam e se somatizam na presente existência, mesmo permanecendo com suas causas desconhecidas. E tal qual aquele que traz um espinho encravado ao calcanhar precisa retirá-lo a fim de melhor caminhar, achamos justo que, nestes termos, se busque uma regressão de memória para por fim ou amenizar o trauma que o crucifica. Assim pensando, aguardamos o próximo encontro com nossos instrutores.

Na semana seguinte, iniciamos a reunião com uma das médiuns descrevendo detalhes de uma região na qual se destacavam à sua visão, cenas de salteadores, pessoas relegadas à sarjeta, religiosos que haviam fracassado em suas missões enquanto encarnados, personagens cujos destinos demonstravam de maneira concreta o desprezo e o descaso pelos valores morais defendidos e vivenciados pelo mestre de Nazaré.

Em seguida, nosso amigo e instrutor Krölller tomou a palavra utilizando a mediunidade psicofônica de uma outra médium, dando início as nossas costumeiras trocas de opiniões.

- Bom dia, amigos. Alguns de vocês estão se envolvendo com o passado mais do que deveriam. O estudo que ora desenvolvemos tem facilitado a formação de uma sintonia, embora que de maneira inconsciente, com os companheiros do passado. Estes, utilizando essa espécie de ponte, se insinuam, se mostram e se vocês permitirem e aceitarem essa abordagem terão mais a perder do que eles. Sei que o Projeto tem, dentre outros objetivos a função de auxiliar esses amigos da retaguarda. Mas essa não é a melhor maneira. Oremos por eles e vigiemos nossas ações até que o momento oportuno se apresente.

- Durante o sono físico nos foi mostrado cenas e personagens degradantes. Convivemos nesses locais e com essas pessoas?

- Sim. São nossos velhos companheiros que se deixaram prender nas armadilhas do erro, retendo seus Espíritos nos antros de dor e de sofrimento. O sentimento de culpa, o remorso e o descontrole emocional que alguns alimentam de forma inconsciente podem formar a sintonia com a retaguarda. É preciso estabelecer um roteiro para não permitir invasões na intimidade mental de cada um. O autopasse, leituras edificantes, programas educativos, caminhadas ao ar livre, trabalhos voluntários voltados para ajudar pessoas carentes podem resolver essa questão. Aconselhamos que evitem recriminações a si próprios. De certa forma, esses acontecimentos eram esperados devido as nossas limitações. Encaremos com tranquilidade e com responsabilidade essas ondas que retornam a nós até que possamos flutuar sobre elas. Por enquanto, o mar da nossa mente não consegue evitar as ressacas e os temporais que nos sacodem motivados pelas tempestades geradas pelas frentes frias e quentes das águas passadas. Mas dia virá em que seremos porto seguro em águas mansas de ondas calmas.

- As cenas que vimos através de sonhos e que se referem a regressões de memória fazem parte de um estudo ou foram apenas fruto da nossa imaginação? Lembro-me de uma sala com uma grande tela na qual um Espírito senta em uma poltrona e recebe uma espécie de óculos cujas pernas se prolongam até os ouvidos como se terminassem em minúsculos captadores de sons.

- Durante o sono físico vocês foram levados a um posto de atendimento na área de regressão de memória, no qual Espíritos com dificuldade de regredir no tempo se submetem a uma preparação visando enfrentar o passado com naturalidade. Existe todo um preparo para que as cenas não causem depressão ou remorso. O tratamento com a ajuda de

aparelhos se destina a pacientes que não obtêm sucesso com a hipnose. Essa dificuldade pode ser gerada por um estado de debilidade ou por traumas que trancam as portas da alma para assuntos passados. A regressão que operamos possui, geralmente, o caráter de elevar a auto-estima, deixar que o paciente permaneça, às vezes por semanas, em determinado “estado de espírito” receptivo, enquanto apreende lições cujo conteúdo seria prejudicado caso permanecesse em outra faixa de pensamento.

- Você poderia aprofundar um pouco essa questão?

- O Espírito, ora depressivo, é regredido a um tempo em que se sentiu feliz e lá permanece por vontade dos técnicos. Nessa condição ele é submetido a um novo aprendizado até que consiga armazenar forças para, conscientemente, enfrentar a realidade que lhe é dolorida. Terminado o tratamento ele se apresenta mais seguro, com mais confiança na vida, otimista com relação ao futuro que o aguarda. Em resumo, ele esquece o problema presente pois volta a viver em um passado feliz. Nessas condições está apto a apreender o roteiro que lhe é apresentado evitando possíveis bloqueios, o que fatalmente ocorreria, caso permanecesse perturbado como no presente. É apenas uma técnica pedagógica de injetar ânimo em um aprendiz que se esforça para superar um problema que o angustia.

- Essa técnica também pode ser utilizada por Espíritos inferiores?

- Naturalmente. Eles podem fazer suas vítimas regredirem no tempo, a um tempo em que se sentiam depressivas, doentes, e lá as reterem para torturas. A técnica é a mesma com o objetivo inverso. Logicamente, se eles regredirem alguém que já foi hanzeniano em um passado longínquo, esse alguém apresentará perispiritualmente os sintomas da doença e se sentirá doente.

- Como ocorre uma regressão de memória em um Espírito trazido a uma reunião mediúnica na qual ele vê exatamente aquela cena que precisava ver, sendo que ela se passou há um século ou mais?

- Geralmente a reunião mediúnica é preparada antecipadamente. Enquanto os médiuns dormem, seus Espíritos participam de reuniões nas quais entram em contato com os comunicantes. Estes são preparados pela equipe desencarnada que dirige os trabalhos. Tudo é muito organizado. Ordens hipnóticas são emitidas aos comunicantes para que as executem durante a reunião. Utilizamos também a tecnologia de seleção de imagens através de aparelhos, de maneira que, abertos os trabalhos tudo já se encontra *na agulha* como você diz. Nos resgates de alienados mentais, com Espíritos que vêm revoltados e dispostos a não colaborar e com oportunistas pegos e levados para que recebam advertências, geralmente empregamos a hipnose.

- Existe casos que escapam a essas regras?

- Aqui entre nós, geralmente não trabalhamos com regras prontas e acabadas. As vezes o Espírito que é levado a uma reunião tem a mente poderosa, conhecimentos que ultrapassam os já adquiridos pelos médiuns, doutrinadores e até pela equipe desencarnada. Nesse caso precisamos de alguém mais capaz para neutralizar a sua força.

- E o caso das crianças superdotadas? A Universidade de Nova Orleans concedeu diploma de médico a um estudante de apenas 5 anos de idade chamado Willie Gwin. Seus examinadores declararam depois, em uma sessão pública, que o novo médico era o mais sábio osteólogo a quem haviam passado diploma (O Problema do Ser do Destino e da Dor – Léon Denis). Esse fato tem relação com a memória?

- Sim. Tudo faz parte de um plano divino para convencer a todos de que o Espírito é imortal e que sua aprendizagem é constante. Deus permite que os conhecimentos

adquiridos aflorem na presente encarnação quando isso tem uma finalidade útil. As crianças prodígios são Espíritos que, ao reencarnarem, não passam pelo esquecimento em determinada área de seus conhecimentos com o objetivo de aguçar a curiosidade geral e o desejo de pesquisa nos desprovidos de orgulho e de preconceitos. Vale o mesmo para crianças que lembram com exatidão fatos de suas vidas passadas. Digamos que, neste caso, o inconsciente deixa *vazar* para o consciente os conhecimentos já adquiridos. Tudo faz parte de um conjunto de ações promovido pelos Espíritos superiores para que teorias tais como reencarnação, lei de causa e efeito, lei do progresso, dentre outras, sejam lembradas e aprofundadas. Acredito que breve esses fatos se avolumarão.

- Lemos na literatura espírita o caso de dois Espíritos que já se consideravam merecedores de adentrar um mundo melhor e, por este motivo, solicitaram a permissão de superiores para tal intento. Todavia, consultados os fatos de suas vidas passadas constatou-se a existência de uma ação desabonadora praticada por ambos, que ainda precisava ser resgatada. Eles haviam lançado companheiros de cima de uma torre e, devido ao tempo transcorrido ser muito alongado, já não lembravam desse evento. Podemos incluir esse fato como parte do estudo da memória?

- Quando vocês o citaram alguns dias atrás, o levamos para nossos instrutores que assim o explicaram: como esses Espíritos não lembravam mais do ocorrido tiveram que se submeter a ação de aparelhos. A tecnologia foi criada para auxiliar tanto a Espíritos encarnados quanto a desencarnados na resolução de seus problemas. No caso em pauta os instrumentos possibilitaram o resgate das imagens que eles precisavam ver.

- Há de se imaginar que, vistas as imagens, reconhecida a culpa, eles tiveram que se submeter a lei de causa e efeito, posto que reencarnaram e, havendo escolhido a profissão de aviadores, desencarnaram em queda de avião. Eles não poderiam reencarnar e trabalharem como médicos aliviando o sofrimento do povo, por exemplo? Digo isso pois sempre escutei no meio espírita que o amor cobre uma multidão de pecados.

- No plano espiritual, os superiores não agem como juizes ou carrascos que lavram sentenças sem apelações. Nessas ocasiões, reúnem-se os interessados no problema, amigos, familiares, anjos guardiões, instrutores responsáveis pelos destinos daquele Espírito e ele próprio, com a finalidade de resolverem a questão. Essa reunião não tem a finalidade de intimidar o devedor. Após dissecar a fundo o problema com a participação de todos os envolvidos, principalmente do mais interessado, que reconhece a necessidade de ajustamento, decide-se pelo melhor para a evolução do endividado. Temos, algumas vezes, a falsa impressão de que o plano espiritual age como um inquisidor que se limita a nos vigiar e registrar nossas más ações. Nosso maior juiz é a nossa consciência. No caso pesquisado foram os próprios candidatos ao reencarne que fizeram questão de impor a si próprios o trágico desencarne. Isso mostra, de maneira inequívoca, o senso de justiça que os animavam e a certeza de que a morte os libertariam para um mundo novo que os aguardavam.

- Se essas máquinas vasculham o passado, podem, igualmente, adentrar o futuro?

- O futuro absoluto só Deus o sabe. Mas os técnicos sabem que o futuro não pode ser interpretado como uma linha reta. Em nosso caminhar, ora nos arrastamos e ora saltamos. Esse dinamismo do Espírito dificulta a aplicação de fórmulas matemáticas com a finalidade de visualizar o seu futuro. Os técnicos utilizam em suas interpretações métodos estatísticos (essas palavras aproximam-se do que queremos dizer). Os Espíritos superiores sabem analisar todas as variáveis que envolvem determinado assunto e dessa análise extraírem uma probabilidade (o nome não é esse) que se confunde com a própria certeza.

Há respeito pelo livre arbítrio. Tanto que ele é levado em alta consideração nesses estudos. Todavia, analisadas as afinidades, as tendências, as vidas passadas do envolvido, desse estudo surge uma verdade que em 99,99% das vezes é confirmada, pois o homem não se santifica da noite para o dia. Você já assistiu, algumas vezes, a fatos semelhantes durante a doutrinação, quando o Espírito calceta vê imagens suas em reencarnações futuras, ocasião em que se reconhece cego, paraplégico, hanseniano ou como filho do seu inimigo. Isso tem a finalidade de fazê-lo cair em si e preparar-se para dores maiores, caso não aplaque a sua ira e modifique suas ações. As cenas que ele vê correspondem a um grau de certeza tamanho que, muito dificilmente, por ele mesmo, terá condições de modificá-las. Com nossas ações construímos nosso destino. Se este fosse irrevogável após uma falta cometida, seríamos como bonecos manejados pelos cordões da lei. Caso contrário, o caos dirigiria os destinos humanos. É verdade que o pecado é uma promissória que pode ser resgatada pelo amor, mas aqueles quem o possuem e o ofertam sem segundas intenções são poucos e, quase sempre, livres das cobranças da lei. A maioria dos habitantes terrenos caminha sob a orientação da dor. Por isso seus destinos são tão previsíveis. Apesar de tudo, deve estar bem vivo em nossos corações que Deus não é um credor implacável mas um pai justo e misericordioso e que o Espírito por uma vontade forte e persistente, por sua fé e seu esforço consegue, às vezes, reverter uma situação para muitos considerada impossível.

- Lemos que no instante da morte a memória parece liberar as cenas mais importantes da presente encarnação. Isso é verdade?

- Como geralmente fazemos, particularizemos cada caso. Faz parte da lei o fato de a memória liberar as imagens marcantes da reencarnação que ora finda, para que sejam, à semelhança da página de um livro, incorporada ao grande volume que registra a história da nossa existência. Parafrazeando Kardec poderíamos enunciar a lei da seguinte maneira: nascer, viver, morrer, gravar, renascer, evoluir sempre. Damos a essa gravação o status de lei natural porque ela caminha por si só, ou seja, independe da nossa vontade para acontecer. Nos programas e processos de desencarnes, a revisão de cenas relativas aos acontecimentos da vida atual ou até mesmo de vidas passadas tem particularidades específicas à necessidade de cada Espírito bem como ao tipo de desencarne: Há os que se concretizam a médio ou longo prazo no qual o corpo físico é acometido de uma doença que lhe impõe a falência dos órgãos. Outros surpreendem o Espírito de maneira abrupta encontrando-o, geralmente, desprevenido. Em ambos os casos, as cenas retidas pela memória podem ser liberadas por vontade própria do Espírito, que reativa ou plasma as imagens escolhidas por ele, sejam elas alegres ou tristes. Se ele não toma esta iniciativa, a providência divina, através da lei natural, proporciona a quem parte nas asas libertadoras da morte, a oportunidade de, ainda nos últimos momentos no corpo denso, refletir sobre os atos nos quais participou. O acesso ao banco de dados da memória é, nesses momentos, facilitado pelo desprendimento parcial e proporcional do Espírito que, gradativamente, escapa da prisão material. No desencarne rápido o Espírito pode iniciar essa *regressão*, meses, dias, horas ou até minutos antes do acontecimento, quando todas as cenas marcantes da sua vida atual desfilam em turbilhão. Pode ocorrer também que o Espírito rejeite o acesso a tais imagens e somente a posteriori, num processo gradativo e específico a cada caso, as lembranças serão reativadas e sintetizadas para compor a gravação que irá para o arquivo da memória e comporá a página da presente encarnação contendo as cenas que poderão ser pinçadas a qualquer tempo.

- E quanto as pessoas que desencarnam e querem tomar posse dos conhecimentos de várias encarnações logo que chegam ao plano espiritual?

- É um direito que elas têm. Contudo, nem sempre convém ao Espírito essa posse devido ao seu despreparo para administrar tais revelações. O pedido é analisado e, caso as revelações o traumatizem, segue-se o conselho para que ele aguarde um pouco até que esteja devidamente preparado.

- E caso ele insista?

- Já lhe dissemos que o Espírito não fica solto quando desencarna. Ele volta para seus amigos, familiares, afinidades, instrutores que o auxiliam naquilo que consideram melhor para sua vida. É sempre uma conversa de pai para filho. Se, contudo, optar por contrariar a tudo e a todos na obsessão de conhecer um passado para o qual não se encontra preparado, então lhe será mostrado o que deseja. É então que, freqüentemente, adoece. O passado é um patrimônio que deve ser administrado com sabedoria. Para requisitá-lo devemos, na maioria das vezes, ouvir os mais sábios.

- Digamos que o Espírito queira apenas recuperar o seu patrimônio intelectual. Isso é possível?

- Depende do merecimento e do destino que ele dará àquele patrimônio.

- Mudando de assunto mas permanecendo no tema, gravaria a matéria em seu duplo todos os acontecimentos dos quais participa?

- O fluido universal tem a propriedade de gravar todos os acontecimentos do meio em que se encontra. Isso também é uma lei. Como tudo que existe, com exceção de Deus e do Espírito é composto por modificações desse fluido, também conserva essa propriedade recebida como herança da matéria prima que lhe deu origem.

- Caso o objeto material seja transformado, desintegrado, ocorre o mesmo com o seu duplo?

- Ele se conserva por um certo tempo em nossa dimensão. Sofre desgaste, se deforma, até que, obedecendo ao plano divino, retorna à sua origem, ou seja, ao fluido universal de onde tudo é gerado. Todavia, a depender da necessidade dos técnicos a sua vida útil pode ser prolongada até que eles o liberem para o grande reservatório universal.

- Não sei se a recapitulação anatômica através da formação do embrião também é um capítulo sobre a memória. O que você pensa a respeito?

- É uma prova da evolução anímica do ser humano. Essa recapitulação tem a finalidade de mostrar ao homem um pouco da sua história. São pistas, rastros deixados pela evolução para que o homem conheça o roteiro criado por Deus, que o encaminhou aos degraus superiores da natureza. Deus quer que o homem O encontre e por isso deixa pistas de seus planos em todas as suas construções.

- Saberá nos dizer alguma coisa sobre as imagens gravadas no éter?

- Não muito. Teria dificuldade em explicar o pouco que sei. Posso, no entanto, fazer uma comparação aproximada. Aqui existem artefatos tecnológicos que se assemelham aos satélites utilizados na Terra. Estes têm a função de captar imagens em qualquer ponto do planeta. Aqueles fazem a conversão das impressões gravadas no éter em imagens. Apressome em dizer que a tecnologia é um instrumento auxiliar do Espírito em seus diversos graus evolutivos, mas que ele detém em si todas as condições de quase tudo ver e fazer, à proporção que se purifica. Esse *quase* se deve ao fato de que somente Deus pode tudo. Dia virá em que a mediunidade se unirá a tecnologia, como já ocorre aqui, com a finalidade de desvendar os mistérios que atormentam a muitos.

- A semente vegetal, ao materializar uma árvore frondosa, obedece a um plano de perpetuação da memória que Deus lhe imprimiu?

- Naturalmente. A semente traz o plano traçado por Deus para aquele habitat. Quem lê esse plano remonta ao Seu pensamento para aquela espécie e aquele mundo. Podemos dizer, poeticamente, que uma semente é uma comprovação científica da existência de Deus. Como o homem pode e deve auxiliar o plano de Deus com a finalidade de aliviar os males de seus irmãos a ele é permitido a colaboração para o aperfeiçoamento do planeta, o que já ocorre através das técnicas de manipulação genética para melhoramento das espécies e aumento de produção de alimentos.

- As premonições também devem ser incluídas no capítulo da memória?

- As premonições constituem uma espécie de gatilho, frestas que os técnicos abrem na memória de alguém com finalidade útil. Mas podem ser oriundas de conversas com amigos espirituais durante o sono físico, de sintonia promovida para advertir o Espírito sobre algo que necessita realizar, ou ainda, ser fruto de uma decisão íntima na qual o Espírito se convence de que precisa modificar seus valores. Neste caso ele presente que seu tempo é chegado e que precisa urgentemente promover mudanças em sua vida.

- No futuro a regressão de memória será utilizada para refazer a história do planeta, a vida de Jesus, por exemplo?

- Claro. Pense no testemunho das pessoas que conviveram com o mestre. Nas revelações que uma regressão de memória em tais pessoas poderão resultar. Projete-se para o futuro e imagine o dia em que a humanidade dominar a tecnologia da captação de imagens gravadas no éter. Nesse dia, toda a história do planeta poderá ser contada com fidelidade e exuberância. Grande será o salto qualitativo que a humanidade dará rumo às estrelas. Quando o homem estiver convicto da sobrevivência do Espírito, do seu destino, não mais sairá de casa para guerrear seus irmãos por motivos políticos, religiosos, pela posse do poder. Quando tiver certeza de que não é apenas ossos e músculos apressará o tempo predito por Jesus que aponta como destino da Terra um só rebanho e um só pastor. Acredito que com o avanço das ciências o pensamento irá se tornando uniforme, pois todos saberão que uma agressão ao próximo ou a natureza é o mesmo que uma agressão a si próprio. Missionários serão enviados para dar grande impulso em todas as áreas do conhecimento e esse conhecimento ajudará na instalação da moral. Devagar, passos lentos e seguros, o homem caminhará até que descubra o *Espírito*.

A finalidade dos nossos projetos é colocar pequeno grão de areia nesse imenso edifício em construção. Devemos passar para nossos leitores essa esperança de progresso, de que amanhã será melhor que hoje e a cada dia estaremos mais perto de Deus.

5. O USO DE TECNOLOGIA PELOS DESENCARNADOS

Há muito tempo estamos lendo e pesquisando sobre este tema e, naturalmente, como curioso das *coisas* do além, haveria de chegar o dia e a hora de aprofundá-lo. A tarefa é bastante árdua devido a falta de bibliografia específica e de referenciais para uma tecnologia que, em alguns aspectos, situa-se fora dos nossos padrões de entendimento.

Estamos acostumados a *seguir* os médiuns aos mais estranhos locais do espaço, ocasião em que nos descrevem, a nosso pedido, aparelhos e máquinas destinados a execução das mais variadas funções. Desde a proteção contra o ataque de Espíritos inferiores à semelhança do nosso aparato de segurança que circunda residências com cercas eletrificadas, olhos eletrônicos, cães de guarda... até sofisticadas máquinas de transporte com velocidades inimagináveis, a tecnologia sempre esteve e está presente no plano espiritual, comprovando a presença da inteligência, da racionalidade e da continuidade da vida que se prolonga vitoriosa serpenteando como uma espiral que se abre e se curva, sempre para a frente e para o alto, rumo ao infinito.

Se em nosso século a tecnologia atingiu níveis avançados e sofisticados e continua acelerada para estágios que mais se assemelham a ficção científica, há de se imaginar que no plano espiritual, local de destino dos sábios da Terra, o seu uso tenha prosseguimento, retornando com esses mesmos sábios para fazer avançar o planeta na rota traçada pelo Criador. Por que haveria de silenciar ou ficar imóvel a parcela de sábios que desencarna com tantos talentos intelectuais se a morte nada subtrai de suas inteligências?

Na verdade, muitos deles voltam a reencarnar após novas aprendizagens, com a missão específica de retomarem seus projetos e aperfeiçoá-los com o auxílio da tecnologia já conquistada no plano espiritual, missão que a espiritualidade lhes confere. Como o plano espiritual surgiu antes do plano material, julgamos que o estágio científico e tecnológico já alcançado por aquele situe-se muito além do ora atingido por este. Naturalmente, falamos com as devidas reservas que a relatividade aconselha, pois se tomarmos a Terra como exemplo de parcela do plano material com uma fração da *espiritualidade* a ela atrelada, justamente a que orienta e vela por sua evolução de maneira mais ostensiva, seguramente esta última superará em ciência e em tecnologia a primeira, mas será superada pela parcela da *espiritualidade* correspondente a um planeta mais antigo, ou seja, que mais caminhou na estrada evolutiva. A Terra tem cerca de 5 bilhões de anos de existência e o universo, segundo os astrônomos, 20 bilhões. A tecnologia de um planeta mais velho que a Terra, de 10 bilhões de anos, por exemplo, forçosamente será tão avançada que nem sequer teremos condições de discuti-la. Especulações à parte, o universo é um só, Deus é um só, e todos chegaremos ao ápice evolutivo, sabe-se lá quando.

O que é certo é que os mundos, os planos, os reinos... tudo se solidariza em favor da harmonia e do crescimento para Deus. A solidariedade é uma lei divina. Mesmo que alguém temporariamente dela se exclua, mais tarde a buscará com suas próprias pernas.

Através da literatura espírita verificamos a existência de instalação no cérebro perispiritual por métodos cirúrgicos, de células fotoelétricas contendo ordens específicas para que o encarnado se suicide, de enfermidades simulacros em encarnados levando pessoas *sadias* à internações prolongadas, a obtenção de imagens gravadas no éter, o uso de armamento bélico em muralhas de colônias espirituais, a existência de edifícios de cristal, de veículos de transporte e de carga, de laboratórios montados por equipes das trevas para inocular vírus e promover doenças nos encarnados, dentre outras aplicações tecnológicas.

Para descrever e explicar, embora, superficialmente, este tema tão empolgante, somente com a ajuda dos nossos instrutores espirituais. Adianto-me em dizer que esses amigos não são Espíritos luminosos que descem das esferas distantes para nos auxiliar em nossas dúvidas. São nossos iguais, eles mesmos nos afirmam, com a diferença que estão melhor situados para empreenderem buscas mais detalhadas das informações que queremos. Têm a seu dispor melhores bibliotecas; entrevistam pessoas capacitadas para o que desejam obter; observam ao vivo os detalhes que nos escapam; possuem melhores condições de deslocamento, apreensão e registro daquilo que realmente interessa ao desenvolvimento do tema; não precisam fazer verter o suor e, muitas vezes, o sangue na luta pela sobrevivência.

É bem verdade que, na qualidade de obsessores por uma boa causa, os perturbamos em demasia. Todavia, sempre nos trataram com bondade. O incentivo à prática do bem e as advertências sobre o uso da disciplina, do estudo, da vigilância e da oração, são fatos que nos animam a prosseguir sem jamais desfalecermos.

E foi assim que, efetuados os estudos teóricos, recorremos a esses amigos que jamais nos falharam, com a intenção de abirmos mais uma janela para a espiritualidade.

Como primeira observação, ouvimos uma das médium do nosso grupo, após desdobrada, descrever o que via em um posto de reeducação moral: *estamos em um posto para tratamento de enfermos da alma, diz Kröller. Aqui são retidos grandes criminosos que, pelo grau de periculosidade que apresentam, não podem ficar libertos devido ao perigo que oferecem aos encarnados e desencarnados. A justiça divina, através dos seus benfeitores, os encarceram como medida de proteção àqueles que trabalham e se esforçam pelo milímetro evolutivo de cada dia. Nenhum de nós, alunos ou técnicos, entrará em celas para visitá-los. Eu os vejo de onde estou através de uma tela cujas imagens tridimensionais me situam dentro das dependências que ocupam. Os limites de tais compartimentos não são traçados por paredes visíveis. São espaços separados por campos magnéticos desenhando solitárias cujo mobiliário se restringe a uma simples cama. Nesse imenso campo magnético retalhado em pequenos quadrados que constituem as celas, existe uma luz esbranquiçada perene impondo uma monotonia que a tudo envolve, ao mesmo tempo que retira os referenciais de tempo e de espaço dos educandos. Kröller quer que eu fale educandos no lugar de criminosos. Os cativos só se vêem a pequenos intervalos de tempo para que não se comuniquem através de algum código que venham a desenvolver. Os rostos variam de acordo com o estado de espírito de cada um. Vejo que alguns são revoltados, outros ostentam caratonhas de loucos e ainda terceiros aparentam uma passividade pétreia. Nenhum deles recebe visitas ou tem permissão para sair do espaço onde foi colocado. Não há revezamento entre os ocupantes das celas, transmissão de pensamentos, notícias exteriores. Tudo quanto recebem são aulas através de telas, quando saem da perturbação que acomete a muitos.*

- A que perturbação você se refere?

- A que é gerada pelo constante assistir, nessas mesmas telas, as ações nefastas que cometeram contra a humanidade.

- Que tipos de crimes cometeram os educandos que você observa?

- Os mais variados. Aqui podemos encontrar políticos que enganaram o povo, bruxos especializados em magia negra, vampiros, falsos religiosos que venderam os bens celestiais, obsessores inveterados, dentre outros.

- Onde se localiza esse educandário?

- Nenhuma resposta será fornecida no que se refere a localização.

- Poderíamos conversar um pouco com algum educando?
- Isso pode ser feito de onde estou. Prepare-se. Vai começar.
- Então o beato voltou para visitar a escória do mundo? Não bastam as costumeiras perguntas sobre nossas vidas? O que lhe interessa da minha vida? Estou bem e desprezo a todos vocês. São uns hipócritas que não são dignos de respirar o ar lá de fora. Deviam estar aqui conosco compartilhando dessa pocilga.
- Boa noite, amigo. Apenas queria desejar-lhe bom ânimo nos estudos que vem desenvolvendo.
- Ah, é noite? Que me interessa boas maneiras? Estou satisfeito em ser a escória do mundo. Deixe-me só! Vamos, saia daqui! Prefiro a companhia dos ratos.
- Não sei como a comunicação foi feita, pois não saí do local onde me encontro e ele permaneceu dentro da cela. Kröller me porá em contato com outro educando.
- Boa noite, amigo. Gostaria que me ajudasse em algumas questões que me afligem.
- Boa noite. Se o que me pede for possível tentarei ajudá-lo.
- Há quanto tempo você está nesta escola?
- Não sei. Vivi uma parte desse tempo, enlouquecido, vendo apenas as cenas de violência que gerei. Quando fui aquietando a mente passei a receber lições de instrutores que nunca havia visto. Nos instantes de loucura, apenas a música me acalmava.
- Existe uma música ambiente nas celas?
- Às vezes. No início ela funcionava como agulhas a perfurarem meus ouvidos. Hoje me acalma. De odiada passou a suportável e, posteriormente, necessária.
- Você se alimenta?
- Tudo que recebo é algo semelhante ao que é a água para vocês.
- Como você sente a existência das paredes invisíveis?
- Pelo tato. Se a tocamos recebemos um choque. Ao repetir o gesto o choque se avoluma.
- Você sabe alguma coisa sobre seu companheiro de lado?
- De companheiro algum. Sei apenas que existe alguém ao lado, mas jamais ouvi ou senti algo proveniente dele.
- Que tipo de aulas recebe?
- Nossas falhas são analisadas segundo um código moral que desprezamos na convivência social.
- Acha que o dia de sua liberdade está próximo?
- Não sei. Tenho esperança que sim. Já não me perturbo com as cenas do passado. Poderia interceder por mim?
- Apenas orando e pedindo a Jesus que o torne mais receptivo às lições que lhes são ministradas.
- Faça o que puder. Eu lhe agradeço.

Kröller ainda nos disse que, ao deixarem aquele educandário, eles são encaminhados para um outro com novas técnicas pedagógicas, até que estejam em condições de retornarem ao convívio social. Iniciada a parte prática do estudo, discutida as questões penais da Terra, tais como os direitos humanos e a tecnologia que envolvia aquele educandário, nos despedimos ficando no aguardo de um novo encontro.

E este chegou na quinzena seguinte com Kröller fazendo com que a médium se visse tal como uma criança de 12 anos, fato já repetido em outras situações mas, na presente, sem uma explicação lógica. Desdobrada e junto ao educandário, a médium

avistando todo o conjunto de prédios com uma visão privilegiada, iniciou a sua descrição: *Vejo uma série de prédios que mais parecem feitos de cristal. O material que os compõem assemelha-se ao gelo, sem, contudo, apresentar resquícios de umidade. Na verdade, tais prédios poderiam ser considerados esculturas, obras de arte de uma brancura que dói na vista. Kröller destaca um prédio isolado e diz: É lá que se encontram os nossos educandos. Gostaria de destacar a sensação de harmonia, de leveza, de paz, que invade a alma de quem adentra esta região. Nem sei se mereço estar aqui. Kröller graceja, respondendo: nem eu.*

Após alguns passos ele volta às suas habituais explicações: somos todos filhos de Deus e merecemos estar onde a nossa consciência nos situa.

- Esses edifícios que mais parecem obras de arte não são frágeis para segurar mentes perigosas como as que abrigam?

- Aqui encontram-se estudantes, professores, cientistas, Espíritos de elevação mediana que vibram no bem e no progresso. As mentes perigosas estão em compartimentos invioláveis, livres das influências que não sejam as suas próprias. Afirmo-lhe, afiança Kröller, que nessa região, onde a tecnologia está aliada a evolução intelectual e moral, não precisamos nos cercar de ferro, aço ou cimento para nos sentirmos seguros. Os técnicos sabem manejar com perfeição os campos elétricos e magnéticos aqui instalados formando barreiras impossíveis de serem rompidas, exceto por eles mesmos. Quanto à leveza do ambiente, tem a função de induzir harmonia e paz nos corações de todos.

Estamos descendo em uma espécie de elevador panorâmico. Trespasamos uma grande rede luminosa, o que provocou certo zumbido em meus ouvidos. Chegamos a uma sala onde estão reunidos alguns Espíritos, dentre eles Dr. Mário, Francisco e o hindu. Sou informada de que dois deles, um de aparência já idosa, cabelos grisalhos, e uma mulher, aqui se encontram para que possamos entrevistá-los.

- Eles são técnicos ou educandos já em fase de superação de suas penas?

- Não existem penas. Eles são alunos em fase de recuperação. Servirei como intermediária na conversa, apenas ouvindo e repassando para você o que me for dito. O senhor que conversará comigo não tem condições de emitir através do pensamento as suas opiniões. Estou de frente para ele. Pode fazer a sua pergunta.

- Por que não teremos uma comunicação mediúnica normal, ou seja, o pensamento dele sendo captado por você e transmitido através de suas palavras para mim?

- Porque todos os educandos passam anos cercados por uma barreira magnética que impede a transmissão do pensamento. Como há dezenas de anos ele não emite pensamentos para outras pessoas, habituou-se a pensar em “circuito fechado”, ou seja, está desacostumado a emitir e a captar o pensamento e precisa reaprender, treinar novamente essa aptidão.

- Quer dizer que ele é um solitário que só escuta o que vem dele mesmo?

- Ele escuta as mensagens que lhe chegam através das telas, mas sempre que tenta se comunicar pelo pensamento com outros companheiros de infortúnio, uma barreira magnética interfere e impede a comunicação. Como ele já possui bom comportamento e conversa com seus professores sobre esses assuntos, soube que a interferência que é praticada no pensamento de todos os alunos é provocada por ondas magnéticas semelhante àsquelas geradas por tempestades em noite chuvosa quando raios e trovões interferem nas comunicações de rádio e outros instrumentos. Como o educandário está situado em uma região limitada, essa tecnologia pode ser aplicada com facilidade.

- Além do educandário o que mais existe nessa colônia?

- *Aqui é um campo de estudos maravilhoso. Um aprendiz amante da ciência passaria anos estudando aparelhos, teorias, tecnologia... Agora ele sabe que os técnicos daqui estudam, nem sempre com o objetivo de combater, mas, na maioria das vezes, de anular os efeitos que as investidas do mal provoca.*

- *Poderia falar um pouco sobre os motivos que o tornaram um educando nessa escola de reabilitação?*

- *Ele foi um cientista que utilizou mal os seus conhecimentos. Não quer dizer o seu nome. Pede que o tratem como irmão, simplesmente, pois este tratamento já lhe faz sentir mais humano. Quando encarnado foi médico e ao desencarnar continuou seus estudos em laboratórios que preparam técnicos para espalhar enfermidades entre os encarnados. Aprendeu a manejar o código das células para fazer surgir principalmente o câncer, tornando essa unidade viva uma bomba descontrolada com repetições de si mesma dentro dos corpos humanos. Fabricou vírus e bactérias patogênicas, além de espalhar falsas enfermidades naqueles que se tornavam alvos da sua equipe.*

- *Como ele fazia para fabricar um vírus e alojá-lo dentro das pessoas?*

- *Ele não pode fornecer detalhes. Todo conhecimento relativo a essa encarnação mal aproveitada lhe foi subtraído, com a sua permissão, através de uma técnica que desconhece. O amigo que nos acompanha (Kröller) nessa visita poderá explicar melhor o que ocorreu com ele. Em linguagem atual diria que seu conhecimento foi deletado e jogado na lixeira.*

Kröller: Ele aprendeu em laboratórios especializados o manejo do DNA, dos genes e dos cromossomos. À semelhança de uma materialização, fazia surgir os vírus e os inoculava em suas vítimas. Ele era um técnico que sabia transformar células benignas em malignas. Utilizando com maestria a hipnose e a regressão de memória espalhava enfermidades e obsessões a quantos se permitiam cair em suas armadilhas. Naquele cujas defesas se apresentavam robustas ele apelava para a tecnologia. É tudo quanto podemos dizer.

- *E quanto as falsas enfermidades?*

- *Através da hipnose profunda a vítima era persuadida de que estava com determinada doença, fosse ela uma tuberculose ou uma hanseníase. Apesar de fazer todos os testes com resultados negativos, a pessoa, cuja mente estava programada para se sentir enferma, poderia, com o tempo, modelar e somatizar seus próprios agentes patogênicos e sintomas. Não há mulheres que juram estar grávidas, avolumam o abdome, os seios e no entanto, a gravidez é falsa? No “currículo” dele também constam as cirurgias perispirituais com implantação de aparelhos geradores de fobias, enfermidades e “ordens” de suicídio.*

Voltando à entrevista: - Há quanto tempo ele está nesse educandário?

- *Através da contagem terrena aproximadamente um século. Ele deseja que em seu livro seja enfatizado as seguintes informações: toda ação prejudicial desenvolvida por equipes malignas é permitida por Deus, que a tudo assiste e determina o momento de colocar um ponto final quando lhe apraz. Tudo quanto o mal faz é “monitorado” nada restando de obscuro aos olhos atentos dos benfeitores. Aqui, segundo lhe disseram, existem monitores que registram todos os movimentos dos grupos rebeldes e agressivos. Seja no fundo do mar, na crosta, em geleiras, vulcões, desertos, nada escapa à vigilância dos técnicos. Nesse momento ele está envolto por uma névoa que dificulta a transmissão do que diz para quem esteja situado fora dessas dependências. Todavia, como essas informações*

estão chegando até vocês é possível que seus antigos companheiros as obtenham e passe pelo pensamento de alguns lhe resgatar.

- Você não acha que as pessoas terão dificuldades em admitir que um Espírito possa fazer um vírus ou uma bactéria e introduzi-lo no corpo humano?

- O fato de acharem difícil não significa que seja de impossível realização. Tais pessoas, voltando seus olhos apenas para o corpo perecível se tornam cegas para a realidade espiritual. Há milênios elas escutam falar do corpo espiritual e sentem os efeitos por ele gerados, certificam-se da reencarnação, da lei de causa e efeito e de outras leis naturais com as quais convivem diariamente e nem por isso as admitem.

- Como ele se sente sabendo que em breve seguirá para outro educandário com métodos pedagógicos mais amenos?

- Bastante envergonhado pelo trabalho que deu aos seus professores. Quer, daqui para diante, começar a construir algo para que possa ser somado aos valores positivos da vida. Foi informado de que, quando estiver fortalecido e firme no caminho do bem, esses conhecimentos deletados poderão ser resgatados e utilizados em sentido inverso ao que os aplicava.

- Uma pessoa com os conhecimentos que ele tinha deve ter sido muito procurada e disputada por grupos trevosos.

- Sim. O que não lhe causa nenhum orgulho. Acredita que ainda o procurem para fins escusos. Todavia, tem a palavra dos seus benfeitores que não o encontrarão.

- Sente saudades de alguém em particular?

- Muitas. Principalmente da sua mãe. Ele já a vê através de aparelhos. O seu encontro com ela vai depender do merecimento. Sua ligação com esse Espírito é muito forte apesar de situar-se muito abaixo em conquistas na escala evolutiva. Conviveram várias vezes sob o mesmo teto. Ora ela era filha e ora era mãe. Acredita que no educandário para onde irá poderá, enfim, reencontrá-la.

- Como foram, para ele, os primeiros anos nesse educandário?

- Sofridos. Passou por fases de rebeldia, lamentação, remorsos, até que, vencido pelo cansaço, começou a prestar mais atenção às cenas que lhe impunham através de telas. Estas mostravam como teria sido a sua vida caso não tivesse enveredado pelo caminho do crime. Ainda está em tratamento. Encontra-se bastante mudado, mas ainda em tratamento.

- Ele quer dizer algo de especial como despedida?

*- Que se sentiu honrado com o convite. Que todos nós teremos em sua pessoa um amigo leal e pronto a ajuda-nos. Essa entrevista contará **pontos** positivos para apressar a sua transferência para outra escola. E que Deus lhe permita encontrar-nos novamente em outra situação, dessa vez sem grades.*

Passamos os 15 dias que antecederam a próxima reunião procurando ler algo que nos colocasse em posição de entender o que seria dito, pois bem sabíamos que nossos instrutores não nos forneceriam informações que não encontrassem *encaixe* psicológico ou pedagógico em nossa mente.

Ao fazermos nossa prece e buscarmos a sintonia com esses amigos, logo uma das médiuns nos advertiu: *Estou em plena mata fechada. A floresta é tão densa que apenas leves raios de luz solar conseguem vencer a copa das árvores. Tibiriçá está à frente com 5 guerreiros. Noto que existe em seu rosto e em seus gestos uma grande preocupação em*

proteger-me. Ultrapassamos um rio não muito caudaloso. Finalmente, depois de algum período de silêncio e observação, Tibiriçá diz: Agora estamos seguros.

O cenário que vejo é inacreditável e contrasta com a floresta que deixamos para trás. São montanhas altíssimas! A solidão do deserto está bem presente aqui. Só vi algo parecido, embora que em menor tamanho e imponência, em fotos do Grande Cânion americano. É tão alto que dá vertigem em quem observa. Adentramos e sinto a sensação de estar dentro de uma montanha. Vejo corredores, fendas, buracos...

- Em que país você está?

- No país dos Espíritos. O cenário pertence ao plano espiritual.

Em um dos corredores vejo Kröller, Francisco, Tibiriçá e alguns índios com indumentária diferente da costumeira. São índios, a julgar pelos trajes, de nações americanas. Kröller diz que vamos entrevistar a senhora que esteve conosco na reunião passada. Adverte que apesar do treinamento efetuado por ela com a finalidade de responder as perguntas sobre sua vida, se adentrarmos de maneira profunda em sua mente poderá registrar algum desequilíbrio. Devido a isso devemos ter cautela em nossa pesquisa.

- Por que ela está em outro ambiente?

- Ela deixou o educandário em que estava, por méritos próprios, e agora fará um longo aprendizado neste outro. Seu rosto é comum, demonstra timidez e grande tristeza no olhar. Tibiriçá é quem faz as apresentações.

- Por que desta vez Tibiriçá faz as apresentações?

- Ele diz que a mulher em questão, em uma das suas encarnações passadas foi uma índia da nação Cherokee. Como este fato traz a ela gratas lembranças ele foi designado para a apresentação.

Francisco servirá como “tradutor”. Devido ao longo estágio no educandário no qual o campo magnético cerceia a comunicação pelo pensamento ela não está apta a se comunicar mediunicamente. Você pergunta, ela responde para o Francisco e este repassa para você através de mim, ou seja, Francisco será um médium para ela e eu um outro para você.

- Bom dia, amigos. Aqui estou para tentar transmitir através da descrição das minhas falhas morais um sinal de alerta para aqueles que se deixam fascinar pelo poder, beleza, sexo, campos de atuação nos quais ferir a lei divina. Espero, de alguma maneira, tocar o coração de alguém através do meu exemplo exposto em seu livro. Quero dizer inicialmente que, se o mal tem aparentes encantos para os que se deixam por ele fascinar, cobra um preço muito alto e pesado em seu resgate.

Quando encarnada, passei pela prova da beleza e do poder, simultaneamente, fardo chumbado demais para quem não tem os ombros fortes. Todos vocês sabem que ninguém reencarna sem um preparo visando superar as dificuldades que enfrentará. Contudo, esperar vitória sem a cota de esforço contínuo é mera ilusão, pois ninguém colhe o que não semeou. A minha beleza fascinava os homens e resolvi tirar proveito disso acabando por arruinar a vida de muitos. Nessa primeira encarnação, pois Deus me deu outras duas chances para me reabilitar, provoquei abortos em mim e em outras mulheres, desfiz lares, enlouqueci homens e mulheres, embriagada pela sedução que o mal me acenava. Ao chegar ao plano espiritual fui acolhida pelos comparsas que me inspiravam os pensamentos que cultivava, tornando-me um vampiro sexual. Não os culpo pela minha infelicidade pois seduzir era uma tendência minha. A essa altura eu não fazia escolha de sexo, ambos me atraíam. Passei a estudar psicologia humana nas universidades

especializadas em formar obsessores e vampiros. Acredito que seja do conhecimento de todos a existência de antros que se rotulam de universidades, especializados em capacitar Espíritos para fins malignos. Escolhi a área sexual pois sabia fascinar os homens, jogar uma mulher nos braços de um homem, acender o fogo violento das paixões que deixam a razão atropelada pela animalidade. Não sei bem como lhe falar sobre isso, portanto, prefiro que me pergunte.

- Poderia falar mais um pouco da sua primeira encarnação, a que foi marcante no desvio de rota para o mal.

- Antes fui uma índia e disso me orgulho muito. Seguiu-se a reencarnação em que fui bela e rica. Não estou autorizada a citar nomes nem datas, mas posso lhe dizer que tinha os homens aos meus pés. Eles me endeusavam e eu adorava ser tratada como uma rainha. Abusei do uso do sexo. Brinquei com os sentimentos de homens e de mulheres até que a morte colocou uma pausa em minhas investidas contra a moral. Quando me tornei vampiro, aprendi a inverter o sexo de pessoas cuja proteção espiritual não era ostensiva. Juntei-me a outras mentes afins e resolvi estudar para melhor dominar.

- Como são essas universidades nas quais você se aperfeiçoou?

- Semelhantes as que existem na Terra. Contamos com todo aparato tecnológico, material de pesquisa, laboratórios, tecnologia avançada. O curso é repartido em blocos e fazemos provas à semelhança de um aluno regular.

- Quais disciplinas compõem o currículo?

- Depende do curso. No meu caso, já que queria dominar a mente das pessoas, seduzir, estudei Psicologia humana, regressão de memória, libido, inversão de polaridades, hipnotismo...

- A inversão de polaridade sexual tinha como objetivo fazer com que uma pessoa se interessasse por uma outra do mesmo sexo?

- Sim. Sei que muitos têm dificuldade em admitir essa possibilidade. Ocorre que tais pessoas interpretam os humanos apenas como carne e osso, desprezando as advertências de que o Espírito não tem sexo, de que somos feixes de energia que podem ser manipuladas pela mente.

- Havia aulas de campo?

- Naturalmente. A Terra é um imenso campo de provas. Nossa prova final consistia em “fazer cair” determinada figura encarnada escolhida por nossos instrutores. Quero dizer que dominar desencarnados é sempre mais fácil devido serem as emoções entre nós mais afloradas. O remorso, a culpa, o medo, são verdadeiros redemoinhos que desnorteiam o Espírito, abrindo-lhe as portas mentais para a entrada de dominadores. Um Espírito com a estima arrasada é facilmente escravizado. Os encarnados têm a seu favor o esquecimento, seus anjos protetores, familiares encarnados e desencarnados que velam por eles, rezas, religiões... que, muitas vezes, funcionam como obstáculos para nós.

- São cursos demorados esses que formam técnicos para o mal?

- Geralmente são curtos. Pelo tempo de seus relógios, dois anos.

- Sempre manteve contato com essa colônia, associação... como posso chamar esse grupo ao qual pertenceu?

- Nomes não importam muito. Eu voltava, após reencarnar, para o local onde minha consciência estava.

- É de se supor que havia um preparo no intervalo entre as encarnações para que você superasse esse estágio de erros.

- É verdade. Todavia, o assédio de antigos companheiros e a minha afinidade com eles me fizeram falir. Já disse que não os culpo pois poderia resistir e não o fiz. Antes, os acolhia com satisfação e me sentia como que voltando para casa.

- Há quanto tempo não reencarna?

- Desde que fui capturada há aproximadamente 60 anos. Estava ultrapassando os limites fixados pela lei e isso é inadmissível. A lei tem limites bem fixados e intransponíveis. Eu estava sendo usada para fins maléficis, tornei-me uma ameaça para a harmonia de pessoas que não mereciam sofrer, era uma pedra de tropeço para o progresso e à paz das pessoas. A lei de Deus é uma só. Quem se adentra no limite do suportável por ela encontra um paredão que rechaça qualquer tentativa de ir em frente.

- Participava de orgias em grupos ligados ao sexo desregrado?

- Isso foi à princípio. Tais grupos são próprios para os Espíritos “menores”. Eu me aperfeiçoei e fui galgando posições de mando na área intelectual. Passei por todos os degraus até atingir o topo da pirâmide. Os mandatários não se chafurdam no sexo pois já aprenderam a controlar seus impulsos e a ficar imunes a eles. Aos dirigentes interessa o prazer de dominar, o poder, a subjugação, a sensação de se sentirem semi-deuses.

- Poderia citar algo de importante que fez enquanto encarnada?

- Importante, não para o progresso das pessoas, mas para o meu desejo de dominação. Fui psicóloga. Uma psicóloga deve ter como função primordial auxiliar pessoas em seus traumas e desvios. Eu fazia o inverso. Se alguém mostrava tendências, impulsos, eu os fazia aflorar e aconselhava a liberá-los, fossem eles na área do sexo, suicídio ou outra qualquer. Tendências homossexuais podem ser superadas pelo esforço e pela sublimação. Tendências suicidas podem desaparecer através de trabalhos voluntários, auxílio aos sofredores, elevação de auto-estima e eu aconselhava como solução desses conflitos, a sua execução. Realizava o trabalho inverso ao de um terapeuta, ou seja, no lugar de elevar a vida eu fazia pactos com a morte. Sinto grande tristeza em revelar isso. Já passei pela fase do arrependimento e estou ciente de que posso me transformar através do meu esforço em uma pessoa melhor.

- Chegou a casar em alguma das três encarnações? Nunca houve alguém a quem realmente amasse?

- O amor sincero nunca me tocou. Alijava as pessoas que o endereçavam a mim. Não tive filhos. A idéia de ser mãe me era insuportável. Tive muitas oportunidades para fazer o bem mas o mal me fascinava. Não me envolvi com religiões, apesar de estar ciente da existência do plano espiritual. Entrei em contato com a magia negra, estudei hipnotismo, regressão de memória mas a tudo encaminhei para meus propósitos escusos. Todavia, houve uma pessoa que me acompanhou e jamais se corrompeu. Ela foi meu grande amor no sentido universal. Meu velho pai índio. Ele sempre me seguiu tentando ajudar-me. Soube que tentou ser meu filho em uma das encarnações mas eu pratiquei o aborto expulsando-o da minha vida. Esse é o fato que mais lamento de toda a minha tragédia. Sinto uma saudade enorme da sua companhia mas só poderei reve-lo quando for para outro educandário. A lei é dura mas é justa.

- No educandário onde estava, submeteu-se a terapia que “deleta” os conhecimentos mal utilizados?

- Sim. É o último dos recursos e muito eficaz. Quis esquecer o que sabia para ter um pouco de alívio e ganhar confiança em mim mesma. Sei que um dia, se eu quiser e estiver equilibrada, perseverante no bem, posso despertá-los com a ajuda dos mestres espirituais. Contudo, estou segura de que jamais farei essa solicitação. São ensinamentos

que apenas se prestam a causar danos às pessoas e por esse motivo devem estar ausentes da minha alma.

- Como é morar dentro de uma montanha?

- Aqui construiremos com a nossa mente a ambiência que nos agrada. Temos, da parte de nossos instrutores, todo o suporte que quisermos nesse sentido. Como você pode constatar há muitos adornos da natureza. Flores, cascatas, relva, odores, muita natureza. Como superamos a fase crítica de subjugação e estamos em franca recuperação, temos liberdade para criar nosso cenário segundo nossos apelos interiores.

- Sente-se realmente segura nesse educandário?

- Perfeitamente segura. Não somente devido ao campo que o torna invisível, mas também devido a todo aparato tecnológico que, praticamente, o torna inexistente para qualquer aparelho que tente encontrá-lo. O recinto é totalmente inviolável para aqueles que desejam nos resgatar para o mal.

- Quer dizer que o campo que o envolve o torna invisível?

- Isso mesmo. Vocês conhecem móveis que o radar não detecta. Essa tecnologia alcançada por vocês é ainda muito pequena comparada ao que se pode encontrar aqui. Mesmo que um Espírito de evolução mediana saiba, por seus próprios recursos, que existe algo a sua frente, nada poderá saber da existência do que existe em seu interior. O obstáculo a sua frente seria para ele como um buraco negro que nada deixa escapar do seu interior.

- Quando sair deste educandário irá para um outro?

- Sim. Aqui ficarei muito tempo. Libertar-me agora seria como soltar um filhote em uma floresta agressiva. Facilmente eu seria dominada.

- Quer falar um pouco da sua reencarnação em uma tribo indígena?

- Repito que foi a única da qual me orgulho. Na tribo tínhamos uma educação restritiva. Aprendíamos a amar o meio ambiente, éramos solidárias, não tínhamos muitos apelos exteriores a nos atormentar o Espírito. Quando reencarnei na civilização, bonita, rica, os chamamentos da matéria me levaram como uma folha ao vento. Somos falhos. Espero que alguém me tome como exemplo para evitar dores futuras. A vida tem exigências simples. Se temos que fazer algo, que seja algo de bom. Se temos que nos orgulhar de alguma coisa que seja alguma coisa construtiva. Não devemos deixar que manchem nossa dignidade, que comandem nossos ideais. Enfim, tudo depende da nossa vontade. Mas se falharmos, devemos reconhecer nossa fraqueza e por as mãos no arado. Para a prática do bem podemos contar com legiões de colaboradores. Quando queremos fazer o bem os bons Espíritos nos carregam no colo, ficam torcendo pela nossa vitória. Não estou exagerando quando digo que eles andam a procura de algum filigrana de luz em algum coração para incendiá-lo com o fogo do amor. Os olhos atentos e simples dos índios enxergam melhor essa realidade.

- A idéia que as pessoas têm de vampiro é de alguém deformado, com longas presas, asas de morcegos, aspecto repelente. Todavia, você se denominou vampiro e disse ter sido bela.

- A beleza exterior nem sempre traduz o interior das pessoas. Eu era a maçã cheirosa e colorida apenas por fora, o túmulo caído ao qual Jesus se referiu como sinal de corrupção. Quando desencarnava retoma a face bela com a finalidade de seduzir. Mas isso são águas passadas. Já estão me advertindo que é hora de encerrar a entrevista. Por favor, reforce o conselho da vigilância. Somos donos de nós mesmos. Somente seremos corrompidos se o permitirmos. O tesouro do Espírito é o seu caráter, sua dignidade. Todo

o ouro do planeta não paga uma boa ou má ação, pois o bem deve ser praticado pelo prazer de servir o mal deve ser evitado pelo mesmo motivo. A beleza do Espírito está na opção que ele faz em servir ao Bem. Todo o resto é ilusão, sofrimento, frustração. Essa é a lição que continuo aprendendo no meu dia-a-dia. Adeus, amigos. Orem por mim e disponham da amiga que fizeram para qualquer trabalho no Bem, desde que sejam obedecidas as restrições que me limitam. Deus seja louvado.

E tendo dito tais palavras, afastou-se com seu olhar melancólico para preparar-se para as lutas futuras que a aguardavam. Ficamos pensando no que ela nos dissera e, muito mais, nas possibilidades tecnológicas que os bons Espíritos detêm. Que fique bem claro que nossos amigos espirituais, os que sempre nos auxiliam nesses trabalhos, não são ainda Espíritos superiores. São companheiros que nos acompanham, nos auxiliam, têm os mesmos ideais de pesquisa e estudo, formam o Grupo de Aprofundamento Doutrinário pelo lado invisível. Ao tentar estudar a tecnologia utilizada pelo Espíritos sabíamos que pouco obteríamos, principalmente devido a falta de referenciais e de conhecimentos da nossa parte. Todavia são tentativas válidas que vão, pouco a pouco, propiciando material para estudo e entendimento de questões a serem enfrentadas no complexo campo das obsessões e da doutrinação.

E que Deus, detentor de todo o conhecimento, na medida que nos considere dignos, nos leve à fronteira imensa de suas enciclopédias do saber.

6. ANOTAÇÕES SOBRE O ÓDIO

Quem planeja fazer um estudo sobre o ódio parece obrigado a projetar-se para um tempo passado e futuro, a um acompanhamento do princípio inteligente e, posteriormente, do Espírito em sua linha evolutiva, para que possa entender as razões pelas quais ele reage com agressividade às ocorrências naturais que o cercam. Por essa razão, o ângulo mais importante a ser detalhado no encontro do Espírito com o ódio e no seu posterior desejo de descartá-lo de sua intimidade, seria o moral, embora o intelectual também contribua para esse fim.

Para avançarmos mais velozmente em nosso raciocínio, resumamos: O Mal e um dos seus subconjuntos, o ódio, não existem entre os animais, ou seja, como frutos de planejamento e direcionamento praticados pelos princípios inteligentes que neles habitam, de vez que eles não se regozijam com a crueldade que alguns aparentam praticar. Destaca-se entre eles a luta pela vida, selecionando os mais fortes e mais aptos para sobreviver. Em virtude disso podemos afirmar que, se os animais não possuem o livre-arbítrio, não estão incursos na lei de causa e efeito, não são responsáveis, portanto, pelos eventuais transtornos que causam aos de outras espécies ou à sua própria.

Kardec em seu livro “A Gênese”, fez um estudo sobre a origem do bem e do mal, concluindo que Deus sendo todo bondade, não poderia jamais produzir um átomo sequer de maldade. Decorre de tal fato que o Mal, observado em qualquer parte, não pode ter nele a sua origem. Daí a necessidade de que, no contexto evolutivo, venhamos a interpretar corretamente aquilo que parece, no momento, ser um mal. Vejamos, a esse respeito, a observação de Kardec: *Tendo o homem que progredir, os males a que se acha exposto são um estimulante para o exercício da sua inteligência, de todas as faculdades físicas e morais, incitando-o a procurar os meios de evitá-los.*

Forçosamente temos que admitir através dessa hipótese, a de que a alma não foi criada perfeita, mas dotada de livre-arbítrio podendo escolher entre o bem e mal, que o ódio surgiu no planeta com os primeiros humanos, em suas primeiras encarnações quando lhes cabiam satisfazer apenas as necessidades materiais: *Nos mundos mais atrasados, os seres que os habitam são de certo modo rudimentares. Têm a forma humana, mas sem nenhuma beleza. Os instintos não são temperados por nenhum sentimento de benevolência, nem pelas noções de justo e injusto. A força bruta faz a lei, sozinha (O Evangelho Segundo o Espiritismo – Allan Kardec).*

A crueldade, outro subconjunto do mal, às vezes irmão gêmeo do ódio, também teve sua gênese com os primeiros habitantes: - *A crueldade não provém da ausência do senso moral? – Dize que o senso moral não está desenvolvido, mas não que ele está ausente, porque ele existe, em princípio, em todos os homens. É esse senso moral que fará mais tarde seres bons e humanos. Ele existe, pois, no selvagem, mas está como o princípio do perfume está na flor, antes de desabrochar (O Livro dos Espíritos – Pergunta 754).*

É com base nessa teoria, de que o ódio surgiu no ser humano como exacerbação da agressividade vivenciada no estágio de princípio inteligente entre as espécies inferiores, que desenvolveremos o texto a seguir.

O ódio é um velho conhecido nosso, sendo, muitas vezes, íntimo de nossas relações cotidianas. É o material combustível das obsessões, das vinganças, das traições, das agressões enfim, que grassam no planeta em que vivemos.

Manifestando-se em variadas gradações, atinge indivíduos, grupos, países retardando-lhes a marcha evolutiva, enquanto põe a dormir a sede de progresso espiritual. O ódio parece ser, em muitos casos, a resposta dada pelo Espírito a quem lhe contraria os desejos, ousa opor resistência a seus projetos, à sua falsa convicção de superioridade.

Há os que o concentram apenas em um ponto de sua trajetória, seja este uma pessoa, grupo, ideologia ou nação inteira. Mas há os que odeiam tudo a sua volta, envoltos em uma atmosfera de loucura que precisa ser detida devido a intensidade dos danos que pode causar.

Se uma simples mágoa pode ocasionar doenças variadas em quem a cultiva, o que fará surgir no corpo e no perispírito o ódio abrasador? Se a beleza, a saúde e a paz são frutos do relacionamento harmônico do Espírito com a natureza e as pessoas, há de se pensar que aquele que odeia não detém essas virtudes.

Isso não quer dizer que todo doente abriga o ódio em seu coração, mas que todo aquele que se faz acompanhar pelo ódio (e quanto mais tempo der abrigo a essa companhia mais forte será a doença), fatalmente se verá sem saúde, beleza e paz.

O ódio tem a característica de absorver os demais pensamentos de quem o acolhe, forçando-o a pensar somente nos objetivos por ele propostos. Gerador de monoidéias, faz com que o Espírito desvie o olhar das belezas do mundo, aprisionando-o em circuito fechado, isolando-o das possibilidades de progresso espiritual que a vida incessantemente oferece. Por isso, popularmente se diz que o ódio cega, embrutece, leva à loucura.

Por tanto mal que causa e por tanto bem que impede de ser feito é que o estudo do ódio deveria ser obrigatório até mesmo como componente dos currículos escolares, pois, invariavelmente, todos parecem ter um contato com ele nos caminhos que percorrem. Admitindo que há no caminho evolutivo de cada Espírito um encontro com o ódio, como proceder quando encontrá-lo? Como reconhecer a sua semente? Estando com ele, como se livrar de sua companhia? Quais as armas para combatê-lo?

Acredito que a resposta a tais perguntas nos ajudaria na construção da *armadura* a ser construída com a finalidade de rechaçá-lo. Todavia, apesar de ser tão comum em nossas vidas, o ódio é um tema complexo devido a diversidade de caminhos que levam à sua morada. Instinto animalesco, competição, amor-próprio, egoísmo, orgulho, injustiça, paixões desordenadas, agressividade, dentre outros, são caminhos a desaguar nesse carcereiro de homens.

Seria o processo educativo, quando mau orientado, na condição de formador de hábitos, capaz de acordar a agressividade latente no indivíduo e transformá-la em ódio? Acreditamos que sim. Em países racistas os exemplos dados pelos adultos às crianças, quando pronunciam as palavras, *negro sujo! Judeu avarento!*, formam aos poucos, o hábito de desprezar, rejeitar e até odiar os grupos que são diferentes, por isso mesmo, vistos como invasores e tratados com hostilidade. Alguns países inimigos orientam suas crianças para odiar a seus oponentes. Quando orientadores incluem em seus roteiros educacionais o cultivo da ferocidade para com “seus inimigos” deturpam a missão de ensinar e violam a arte de aprender, já que retiram dos aprendizes a chance de cultivar outros valores. Uma criança não discrimina pessoas pela cor nem pela condição social ou racial. Esse ódio ensinado desenvolve uma agressividade proporcional ao progresso que a criança já efetuou na difícil batalha do Espírito para domar a agressividade existente em si.

Às vezes, até inconscientemente, discriminamos pessoas que não compartilham de costumes e padrões nossos, rotulando-as de estrangeiras, invasoras, aproveitadoras de nossos bens e valores. Se tais pessoas possuem algo diferente tais como a cor da pele ou

costumes exóticos, o ódio se instala mais facilmente sem deixar a sensação de culpa ou remorso. Essa falta de autocrítica, de não se reconhecer como agressor, muito comum nessas situações, auxilia a propagação do ódio para com indivíduos de costumes diferentes. Na Alemanha nazista, como não existia um sinal exterior que gerasse esse sentimento hostil ao diferente, Hitler ordenou que os judeus utilizassem em suas vestes a estrela de David, diferenciando-os dos demais alemães.

No caso em que o ódio não é ensinado, o que poderia motivar o seu surgimento? A supressão dos direitos fundamentais do indivíduo ou grupo, tais como a liberdade e suas necessidades básicas parece ser um bom motivo. Indivíduos ou povos oprimidos facilmente passam a odiar aqueles que os dominam. Uma outra motivação para o ódio é a que se manifesta nos indivíduos ou grupos que passam por uma série de frustrações e desapontamentos. Tais insucessos se avolumam gerando uma sensação de fracasso e de amargura desencadeando a *necessidade de punir* aquele ou aqueles responsáveis pela *desgraça* em que se encontram. Grupos minoritários, notadamente políticos ou religiosos, têm sido vítimas de perseguição e preconceitos, desenvolvendo o sentimento de revolta seguido de ódio que se caracteriza por julgar que toda a culpa da infelicidade gerada vem daqueles que lhes contrariam. Daí a necessidade de punição e de revide que termina por desencadear atos de violência extremada tais como os que temos assistido em forma de terrorismo.

Terrorista, aquele que leva ou provoca o terror, é um rótulo que *acende* o ódio, mas poucos procuram entender os motivos pelos quais alguém opta por este caminho. O terrorista é movido pela necessidade de castigar aqueles que lhe oprimem. Em sua consciência não há culpa pelo que faz pois apenas pratica a justiça que reclama por um ajuste de contas.

Frente ao raciocínio que desenvolvemos não encontramos com a agressividade em nosso caminho, de vez que ela está dentro de nós como um resíduo a ser eliminado, um subproduto da nossa evolução. A agressividade se transforma em ódio, este clama por vingança e esta leva a um sem número de torpezas.

Qualquer teoria que tente explicar a origem do mal em nós certamente deverá levar em conta a evolução anímica: *O Espírito não chega a receber a iluminação divina, que lhe dá, simultaneamente com o livre-arbítrio e a consciência, a noção dos seus altos destinos, sem haver passado pela série divinamente fatal dos seres inferiores, entre os quais se elabora lentamente a obra da sua individualização* (A Gênese – Allan Kardec).

Como o princípio inteligente habita várias formas *inferiores* resulta disso que existe aprendizagem nesse período, o que lhe permite sobreviver como encarnado. Todavia essa aprendizagem exige uma seleção posterior visando adequar os conhecimentos adquiridos ao novo estágio já alcançado.

Vejamos como o desenvolvimento do nosso cérebro retrata estágios que já atravessamos mas que persistem ainda hoje como meio de por ordem à sociedade. De acordo com Paul McLean, as funções mais elevadas do cérebro evoluíram em três estágios sucessivos: *Cobrindo o tronco cerebral está o complexo-R – a sede da agressão, ritual, territorialidade e hierarquia social, que evoluiu há centenas de milhões de anos em nossos ancestrais reptilianos. Bem dentro do crânio de cada um de nós há algo semelhante ao cérebro de um crocodilo. Circundando o complexo-R está o sistema límbico do cérebro mamífero, que evoluiu há dezenas de milhões de anos em ancestrais que eram mamíferos, mas ainda não primatas. É a principal fonte de nossos humores e emoções, de nossos interesses e cuidados com os jovens e, finalmente, no lado externo, vivendo em uma trégua*

agitada com o cérebro inferior mais primitivo está o córtex cerebral, que evoluiu há milhões de anos em nossos primatas ancestrais. O córtex cerebral, onde a matéria é transformada em consciência (Cosmos – Carl Sagan).

Como se observa na leitura acima o princípio inteligente em sua aprendizagem demarcava território, tinha seus rituais, brigava pela posse da fêmea, obedecia a líderes que se impunham pela força, enfim, construía o seu conhecimento segundo regras estabelecidas pela espécie da qual fazia parte. Essa realidade ainda persiste nos grupos onde a interferência humana não a modificou. Não causa admiração, portanto, a existência de uma “sede da agressão” nos animais inferiores, já que entre eles a força bruta é a regra. Sem consciência e, portanto, sem noção do certo ou errado, o instinto de sobrevivência dita as regras, sendo a principal delas a sobrevivência.

Hoje sabe-se que mediante uma emoção violenta, raiva, medo, excitação, dor, ocorrem modificações físicas no organismo preparando-o para a luta ou para a fuga. Afirmam alguns estudiosos, dentre eles o fisiólogo Walter Cannon, que essas emoções de emergência não dependem da atividade consciente do cérebro. Pesquisas efetuadas entre cães e gatos revelaram que, mesmo após a remoção cirúrgica dos seus córtex cerebrais, essa reação de defesa permanece de maneira mais agressiva ainda, como se algo que a atenuasse houvesse sido anulado. *No gato descorticado, um simples estímulo sobre a pele, que não perturbaria um animal normal, provoca comportamento agressivo. O animal agita a cauda, arqueia o tronco, expõe as garras, rosna e saliva como se estivesse completamente enraivecido (O Livro da Vida – Editora Vitor Civita).*

Podemos especular diante dessa afirmação que há no animal um princípio inteligente, um corpo *plástico* e maleável e um corpo denso quando o animal se encontra encarnado. Esses dois corpos influenciam e sofrem a influência do princípio inteligente. Consideramos o corpo físico como o veículo de manifestação do princípio inteligente no plano material e o corpo *plástico* e maleável, veículo de manifestação do princípio inteligente no mundo espiritual. Ora, com a subtração do córtex cerebral do corpo físico do animal, não podendo mais dispor o corpo *plástico* dessa parte correspondente na matéria através da qual o princípio inteligente poderia se manifestar imprimindo-lhe a vontade, resta-lhe agir através da sede da agressividade cuja parte no corpo material foi conservada. Surge daí, da sede da agressividade do corpo *plástico*, já que ela conta com a sua correspondente na matéria, a ordem de reação às agressões do meio. Sendo o córtex cerebral a sede da consciência e da racionalidade, ao ser extraído do corpo denso não poderia mais o princípio inteligente administrar as emoções de maneira a reprimir os excessos da agressividade já um pouco adormecida pelo progresso realizado. Decorre de tal raciocínio que o animal cujo córtex foi extraído seria feroz devido a supremacia da sede da agressão, ou seja, mesmo domesticado não teria como manifestar a tolerância e a amizade já arquivadas em seu corpo *plástico* sem condições de repassá-las devido a falta de instrumento adequado no corpo denso.

A parte primitiva do cérebro deve ter se especializado, dentre outras funções, na elaboração do instinto de sobrevivência sem o qual a sua permanência na matéria poderia ser precocemente interrompida. Todavia, o próprio instinto vai, aos poucos, à medida que a agressividade do meio ameniza, se educando, sem, contudo, adormecer de todo.

Que fique bem claro que nos estágios *inferiores* a aprendizagem não se resume somente em vivências agressivas: *Ora, como os animais possuem, não apenas a inteligência, mas, também, o instinto e a sensibilidade; e considerando o axioma que diz que todo efeito inteligente tem uma causa inteligente; assim como a grandeza do efeito é*

diretamente proporcional à potência da causa, temos o direito de concluir que a alma animal é da mesma natureza que a humana, apenas diferenciada no desenvolvimento gradativo (A Evolução Anímica – Gabriel Delanne).

Gabriel Delanne estudou as faculdades morais e intelectuais dos animais, registrando entre eles casos de inteligência, reflexão, curiosidade, amor-próprio, imitação inteligente, abstração, linguagem, amor conjugal, amor ao próximo, sentimento estético, dentre outros, demonstrando através desses estudos que todos os animais estão potencialmente capacitados a aprender porque em cada um deles existe um princípio inteligente, melhor dizendo, é um princípio inteligente. Fartos são os exemplos de animais que matam ou morrem na defesa de suas crias, que auxiliam aos seus iguais, que aprendem na companhia dos humanos, que são fiéis as suas companheiras, que se sacrificam na defesa do grupo demonstrando amizade, companheirismo e lealdade.

Podemos dizer, diante do exposto que tudo isso faz parte dos planos da natureza para aquela espécie. Mas continua válido aqui o axioma acima mencionado por Delanne: *Todo efeito inteligente provém de uma causa inteligente.*

Diante de tais argumentos podemos realmente afirmar que o ódio é um resquício desse estágio do princípio inteligente nas espécies *inferiores*? Ao treinarmos um cão para defender nossa residência estamos despertando nele ensinamentos já adormecidos na sede da agressão, ou seja, estamos praticando algo semelhante a uma regressão de memória fazendo-o recuar a uma época onde a agressividade era a lei? Muitas são as evidências a favor dessa hipótese.

No presente estágio evolutivo do planeta a sede da agressão parece bem desperta em muitos dos seus habitantes, que não a deixam adormecer por força da hostilidade do meio em que vivem. Temem ser esmagados sem essa *força* de resistência. São tratados como animais e respondem como animais que precisam sobreviver. Para os que se encontram neste estágio o *oferecer a outra face* é um apelo incompreensível, uma atitude que vai de encontro as regras da selva, mesmo de mármore, onde convivem. Para esta parcela, maioria no planeta, a voz que ressoa em suas consciências é ainda o apelo das paixões indomadas, o instinto agressivo e belicoso de dominar, resistir a dominação, fazer valer a supremacia da natureza animal sobre a natureza Espiritual.

Se na condição de animal não há livre-arbítrio e, conseqüentemente, não há débitos a resgatar, na condição hominal o ressarcimento é inevitável, embora proporcional ao estágio evolutivo de cada um. O ideal seria que, atingido o estágio humano, elevado o princípio inteligente à condição de Espírito, ele tivesse meios de identificar o mal em si (agressividade, ódio, traições, vinganças...) e erradicá-lo; que ele tivesse condições de selecionar as qualidades necessárias a sua nova condição e administrá-las conforme a lei de Deus gravada em sua consciência. Todavia, o livre-arbítrio, a vontade de cada um precisa ser respeitada. Por isso as primeiras encarnações humanas são caracterizadas pela barbárie, período de transição entre a animalidade que ficou para trás mas que persiste por algum tempo e a espiritualidade que está adiante a esperar por algum tempo.

Adquirida a lucidez através do burilamento dos séculos, conscientes de que somos Espíritos imortais a caminho da perfeição, devemos estudar a nós próprios, nossas tendências a fim de selecionarmos o que de mal há em nossa intimidade e erradicá-lo. Se o desconhecemos ou tentamos ignorá-lo ele aflorará a cada situação em que nos sentirmos acuados e responderá como a fera interior o faria diante das agressões sofridas.

Partindo do princípio de que somos crianças espirituais que, diante de uma contrariedade, a depender do grau de maturidade, choram, sentem medo, raiva, golpeiam,

se escondem e, de outra feita, se envolvem com o medo, a revolta, a culpa, desejos de vingança, urge entender somos carentes de disciplina e de educação moral para o enfrentamento de questões desse teor. Diante da agressividade do meio, sem o conhecimento de seus limites e o controle de suas emoções, programa que insere o Espírito no processo gerador do amadurecimento do senso moral, a agressividade nele latente pode emergir em forma de fúria que o enlouquece temporariamente.

Daí surgem os mecanismos de autojustificação, autopunição, autodestruição, os complexos de culpa, de superioridade, de inferioridade, os recalques, os traumas, as fobias e tantas outras patologias espirituais de vulto. Reconhecemo-nos frágeis, equivocados, doentes quando realmente o somos, mas potencialmente capazes de superarmos qualquer adversidade é uma atitude positiva de quem busca o progresso físico e mental. O caminho do autoconhecimento é o que nos leva à superação de todas as nossas fragilidades.

Reconhecido o mal que há em nós, inútil será ceifá-lo a um só golpe, pois diante da sua incrustação demorada ele precisa de espaço para expandir-se e exaurir-se, submetido a exercícios físicos adequados, meditação, estudo, ações contrárias ao que ele aconselha.

No processo de desenvolvimento antropológico, o biótipo mais forte sobreviveu aos demais em razão da brutalidade, do volume e da astúcia na luta pela vida (Dias Gloriosos – Joanna de Ângelis).

Se toda a história do planeta se desenvolveu, na maioria das vezes, às custas da violência, é de se esperar uma luta árdua e demorada para que se reverta essa tendência de tomar os reinos pela espada.

O terapeuta e a terapia adequados à pacificação do Espírito estão à disposição de qualquer paciente. A comunicação com o primeiro é feita através da prece sincera e, com a segunda, observando-se as regras de conduta moral escritas no receituário desse grande médico, Jesus. Admitimos que só é possível seguir esse Mestre e aplicar em si a sua terapia quando de posse de uma vontade férrea e disciplinada. Para os não cristãos, existem outros códigos igualmente valiosos a espera de consultas e de seguidores.

O ódio parece ser, portanto, a exacerbação da agressividade latente no Espírito, herdada de experiências vividas no estágio de princípio inteligente. Sentir-se imune a essa tendência é dar rédeas à invigilância, que tratará de mascarar o ódio dando-lhe rótulos falsos amenizando-lhe os funestos resultados. Quem odeia não o faz porque uma causa externa deu gênese ao ódio que ora devolve na mesma moeda, mas porque a causa externa, sintonizando com o ódio interno adormecido o fez acordar e vitalizar, no que se expressa em resposta ao chamamento de que foi objeto.

Não é outra a causa do condicionamento adquirido que faz responder golpe com golpe, fogo com fogo. A Evangelhoterapia aconselha substituir os hábitos do homem velho por hábitos novos e edificantes, mediante o esforço e a vontade disciplinada. Assim o homem vai construindo a sua aprendizagem e forjando a sua evolução. Sábia providência a da polícia japonesa ao destinar parte do expediente de trabalho do policial para a construção de arranjos florais. Lidando com a violência poderia ele tornar-se violento e insensível, ao dar vazão a agressividade latente em si. Os arranjos de flores e as leituras edificantes formam o contraponto necessário para que o seu apelo à humanização não seja abafado pela violência. *Há de se endurecer mas perder a ternura, jamais; usar a disciplina e a caridade sem deixar que a caridade amoleça a disciplina e a disciplina atropele a caridade; sejamos espertos como as serpentes mas mansos como as pombas, não nos lembram freios à nossa tendência agressiva?*

Nas reuniões de desobsessão onde o doutrinador está em contato direto com os dramas pungentes do ódio, resta-lhe entender que aquele que odeia necessita de orientação e de acolhimento. É preciso deslocá-lo da sede da agressão para a sede dos bons sentimentos, a parte mais recente da evolução cerebral e, por este motivo, menos exercitada. É necessário encontrar a sintonia com alguma janela desse espaço e fazer nela penetrar uma virtude oposta a que ora se destaca. Só assim o Espírito se transportará, ou melhor, se desligará de uma região e adentrará outra, dando margem a novos entendimentos.

7. APONTAMENTOS SOBRE O AMOR

O amor parece, atualmente, um sentimento banalizado cujo efeito já não entenece nem causa espanto pelos frutos que pode produzir. Todavia, isso se deve a falsa interpretação que muitos atribuem a este sentimento quando o confundem com interesse, paixão, erotismo, posse, dentre outras questiúnculas que não descentralizam o ser, ou seja, não o tira de si mesmo induzindo-o ao encontro de outros sem nada exigir em troca.

Pode-se afirmar que nos estágios iniciais da evolução Espiritual, o amor, ainda embrionário, é uma virtude que se expressa de formas variadas e em dosagens superficiais, a depender do relacionamento que o Espírito mantém com o *objeto* que o atrai. Nesse contexto podemos falar do amor paterno, filial, pela pátria, pela esposa, por um ideal, pela natureza, por seus irmãos, sendo tais manifestações, formas de apego, visto que o desprendimento dos bens materiais ainda não se fez por completo. *Em seu ponto de partida, o homem só tem instintos; mais avançado e corrompido, tem sensações; instruído e purificado, tem sentimentos (O Evangelho Segundo o Espiritismo).*

Queremos falar nesse texto sobre o amor sublime, requinte do sentimento, aquele que não distingue qualquer aspecto exterior para se envolver e auxiliar.

Quando Jesus pronunciou a palavra amor, lembra “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, fez estremecer os povos, e os mártires, ébrios de esperança, desceram ao circo em defesa da fé que haviam esposado. O amor resume, portanto, a doutrina que Jesus veio ensinar, pois esta leva o Espírito à renúncia de si mesmo, suporte da doação plena de suas possibilidades. E tudo isso com o objetivo de fazer valer a justiça e paz.

O amor, dentre outras funções que exerce, é uma terapia inigualável, pois reajusta, cura, eleva, dignifica. Há obsessores tão cristalizados no ódio que não se deixam sensibilizar por palavras, mesmo delicadas, pois estas não encontram ressonância em suas almas. Tal classe de Espíritos, somente o amor desinteressado consegue atingir. Dr. Bezerra de Menezes tem efetuado verdadeiras conversões com o sentimento fraternal e o amor aos infelizes que já conquistou. E se ele consegue acalmar tão dilacerados corações é pelo poder do amor que cultiva, quando emite poderosas energias que os envolvem e dulcificam removendo as camadas de ódio que os tornavam escuros e chumbados.

André Luiz cita em sua obra “No Mundo Maior” o poder do amor de Cipriana, chamada a atender criminosos endurecidos onde apenas o amor tem chance de fazê-los despertar para a luz. Não são palavras, gestos, mas a vibração amorosa que rompe as algemas do mal.

A grande maioria das pessoas comuns sentem dificuldades em falar do amor, justamente porque não o vivenciam. Falamos do que conhecemos, e o amor com o qual Jesus tratava a todos é algo ainda incompreensível e distante das nossas forças. Qualquer um que busque estender-se em comentários sobre tão sublime virtude acaba caindo no lugar comum, porque o importante neste tema é o sentimento, e não a palavra. O sentimento, que por falta de uma palavra mais adequada chamamos de energia, atinge o Espírito necessitado e o modifica em sua intimidade, forçando-o a mudanças exteriores.

O olhar de um Espírito bondoso desarma o malfeitor, acalma o aflito, envergonha o culpado, adormece a dor. Os reinos devem ser tomados pelo amor, disse Jesus, reportando-se ao poder miraculoso desse sentimento.

O amor tem uma vibração tão forte e duradoura que ainda é possível senti-lo nos locais onde Jesus passou, onde Francisco de Assis derramou o seu suor, onde Vicente de Paulo, Antônio de Pádua e outros emissários do Mestre Jesus cantaram o seu poema de paz.

Ninguém, absolutamente ninguém, resiste ao amor por muito tempo. Frente a ele há os que se entregam e os que fogem para se entregarem depois. Não há outro caminho para qualquer Espírito senão o amor. Por mais que ele o evite, o tema, o agrida, acaba por abraçá-lo e por ser abraçado por ele. Estamos todos fadados, marcados pelo amor. Somos seus filhos e, embora alguns o renegue, o que não exaspera o amor, voltaremos todos para sua casa, nossa casa.

O amor está associado a tudo que demonstra beleza, bondade, harmonia, progresso, enfim, defesa da vida. Todos temos no íntimo desejos de crescimento espiritual, apesar de alguns o buscarem através de métodos equivocados. O papel do amor é orientar-nos nessa busca de crescimento, guiar-nos em caminhos ásperos para que sejam mínimos os ferimentos, fazer-nos chegar ao cume da montanha sem os fardos pesados das inutilidades que, a seu conselho, vamos deixando para trás.

O amor é, portanto, um guia seguro para qualquer caminho. Ele nos coloca no mundo, simples e ignorantes, e nos traz de volta lapidados e luzentes, sábios e amantes, para que, por nossa vez, possamos participar da sua casa e dos seus bens.

Francisco de Assis, o cantor da paz e da alegria, o amante da caridade e da poesia, disse: *Onde houver ódio que eu leve o amor*. Colocou-se assim em posição dinâmica de trabalho renovador, de transformação das estruturas impiedosas que regiam o povo de Assis, de Roma, do mundo. Seu nome é um símbolo luminoso a transformar continuamente as forças negativas do Espírito em forças de subida para o reino eterno. Ao se colocar como instrumento de paz a serviço do Senhor da Vida, incendiou-se de amor, aquecendo o frio de milhares de corações famintos de luz.

Assim é o amor. Doação, aconchego, elevação mesmo diante das aparentes impossibilidades de transformação. *Amar a Deus e ao próximo. Aí está toda lei e os profetas*.

Como disse, mais acostumados aos sentimentos agressivos que ao amor, pouco sabemos dizer sobre ele. *A boca fala daquilo que está cheio o coração*. Todavia, espero ainda testemunhar neste mundo, mais exemplos no campo da ciência, da arte, da filosofia e da religião que nos toquem a alma e a desperte do seu sono comatoso. Ainda não temos o dom das asas, por isso nos arrastamos em águas turvas.

Se todo poder está em nosso íntimo, o que nos impede de usa-lo? O poder de criar asas e alçar vôos para além dos tormentos da vida é o que desejo para todos os habitantes terrenos. Na verdade, o que estamos esperando para essa grandiosa aventura?

8. CONCLUSÃO

Aqui fecho a décima janela que abri para a mediunidade. As quatro primeiras, *A mente, o magnetismo, os fluidos, e feiticeiros e talismãs* encontram-se no livro *Mediunidade - Temas Indispensáveis para os Espíritos*, pois fazem parte do cotidiano das reuniões de desobsessão. Neste volume completei o Projeto que, acredito, seja de grande valia para pessoas interessadas na mediunidade, desobsessão, doutrinação, dentre outros aspectos práticos da Doutrina.

Como de costume, estudamos demoradamente os temas escolhidos, levamos as dúvidas aos amigos espirituais que nos assistem e, do discutido, elaboramos o texto definitivo.

Não tenho a pretensão de afirmar que o meu trabalho está sob a supervisão de Espíritos superiores, mesmo porque essa palavra, superioridade, só tem valor mediante um referencial. Eles são superiores a mim. Isso eu posso afirmar, pela bondade, paciência, dedicação à causa espírita e amor aos infelizes que sempre demonstraram. Quando um trabalho precisa ser feito e, para fazê-lo os mensageiros só podem contar com *aquele* médium que, mesmo portando inúmeros defeitos se dispõem a ajudar na causa do Bem eles não hesitam em aproveitá-lo.

É assim que eu me sinto. Um burro que, apesar dos coices que dá, vai levando a sua carga. Mas um burro pode ser uma ferramenta de trabalho a serviço do seu dono. Pois bem, essa *carga preciosa* que me confiaram, passo-a aos amigos, na esperança de que meus guinchos não tenham sido em vão.

E que possamos todos nós, em qualquer posto de serviço, em qualquer condição evolutiva, sermos depositários fiéis dos bens que nossos instrutores nos colocam nas mãos, preservando-os e fazendo-os crescer para que a colheita seja farta e todas as fomes sejam mortas.

Deus, o eterno semeador, espera pela nossa decisão de trabalharmos na sua vinha. Não terá chegado o momento de atender ao Seu chamado?